



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

MARCOS DE MORAES SANTOS

**A ICONICIDADE NA PRODUÇÃO LEXICAL DE HIPERÔNIMOS E
HIPÔNIMOS NA LIBRAS**

Maceió - AL

2024

MARCOS DE MORAES SANTOS

**A ICONICIDADE NA PRODUÇÃO LEXICAL DE HIPERÔNIMOS E
HIPÔNIMOS NA LIBRAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva

Maceió - AL

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237i Santos, Marcos de Moraes.
A iconicidade na produção lexical de hiperônimos e hipônimos na Libras / Marcos de Moraes Santos. – 2024.
182 f. : il.

Orientador: Jair Barbosa da Silva.
Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2024.

Bibliografia. f. 167-171.
Apêndices: f. 172-175.
Anexos: f. 176-182.

1. Língua brasileira de sinais - Lexicografia. 2. Hiperonímia. 3. Hiponímia. 4. Iconicidade (Linguística). I. Título.

CDU: 81'221.24(81)



TERMO DE APROVAÇÃO

MARCOS DE MORAES SANTOS

Título do trabalho: “A ICONICIDADE NA PRODUÇÃO LEXICAL DE HIPERÔNIMOS E HIPÔNIMOS NA LIBRAS”

TESE aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Documento assinado digitalmente
 JAIR BARBOSA DA SILVA
Data: 04/09/2024 09:20:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGL/UFAL)

Examinadores:

Documento assinado digitalmente
 CHARLEY PEREIRA SOARES
Data: 04/09/2024 09:37:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Charley Pereira Soares (UFMG)

Documento assinado digitalmente
 BRUNO GONCALVES CARNEIRO
Data: 04/09/2024 09:56:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT)

Documento assinado digitalmente
 ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 04/09/2024 17:29:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sadrins (PPGL/UFAL)

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRE MELO DE SOUSA
Data: 04/09/2024 18:20:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Melo de Souza (PPGL/UFAL)

Maceió, 29 de agosto de 2024.

“A vida é uma aventura ousada ou nada.”

Helen Keller

*Dedico esta tese aos meus 50 anos de vida, repletos de superação e celebração,
provando que as limitações são apenas novas oportunidades de conquistar o impossível!*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, desejo expressar minha gratidão a Deus por ter me fornecido apoio contínuo até este momento e por me permitir alcançar mais este êxito.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha mãe, **Maria de Nazareth**, uma mulher extraordinária e singular, cuja dedicação e amor são inigualáveis. Durante todo o período de meu doutorado, tive a bênção de estar em sua companhia, beneficiando-me de sua presença constante. Seu carinho, paciência, incentivo e apoio diários foram fundamentais para que eu pudesse concluir com sucesso mais esta fase de minha trajetória acadêmica e pessoal. Estar ao seu lado foi um privilégio inestimável e sou eternamente grato por todo o amor e cuidado que ela me dedicou.

À minha família, de maneira geral, expresso minha sincera gratidão pelo acolhimento, apoio contínuo e incentivo constantes. Seu apoio emocional, manifestações de torcida, orações e bênçãos foram imprescindíveis para cada uma de minhas conquistas.

Agradeço ao meu orientador, **Jair Barbosa da Silva**, por aceitar supervisionar meu trabalho desde o mestrado e agora no doutorado. Sua orientação e expertise foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. As conversas que tivemos, sempre com um toque de bom humor, proporcionaram um aprendizado valioso que levarei comigo em minha trajetória profissional.

Agradeço ao meu tradutor e intérprete que atuou comigo nesta tese, **Thiago Bruno**, cuja competência profissional foi essencial ao me auxiliar com traduções e interpretações de alta qualidade, aprofundando meu conhecimento da língua portuguesa. Desde o mestrado até o doutorado, ele permaneceu ao meu lado, mesmo à distância. Considero-o um amigo duradouro, devido à sua paciência e dedicação, sempre prestativo e atento, apesar de seus inúmeros compromissos. Nossos encontros pelo zoom, marcados por um trabalho intenso e divertido, foram conduzidos com profissionalismo, o que foi fundamental para a realização desta pesquisa.

Aos meus estimados amigos surdos, **Alexander Garrido, Bruno Pedra e Marcelo Silveira**, companheiros de longa data, expresso minha gratidão por estarem ao meu lado tanto nos momentos favoráveis quanto nos desafiadores. Agradeço por me acalmarem em momentos de nervosismo e angústia, por acreditarem continuamente em mim e por trazerem diversão e bom humor aos meus dias.

Agradeço imensamente à mãe de Alexander, **Márcia Ivo, ao pai, Manuel Garrido**, e ao amigo/irmão, **Alexander Garrido Fernandez Ivo**, por me apoiarem durante este processo, permitindo-me utilizar temporariamente seu apartamento como local de estudo e concentração. Seus cuidados constantes, proporcionando alimentação saudável e carinho, foram essenciais para a manutenção de minha saúde física e mental ao longo deste exigente trabalho.

Agradeço aos linguistas, **Rodrigo Machado, Bernardo Klimsa e Vanessa Vidal**, que, tendo concluído o doutorado, foram de grande auxílio ao esclarecerem minhas dúvidas recorrentes sobre o programa, a redação da tese, a qualificação e a defesa. Eles são referências importantes para mim, com quem tive a honra de adquirir valiosos conhecimentos. Agradeço também à doutoranda em Linguística, **Jaqueline Boldo**, que me integrou à experiência acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina.

Agradeço aos professores doutores **Janine Oliveira, Ronice Quadros, Anderson Silva e Marianne Stumpf** por terem fornecido materiais, artigos e direcionamentos

durante o período do meu doutorado. Sua generosidade e orientação contribuíram imensamente para o desenvolvimento desta pesquisa. Sou grato por todo o suporte e conhecimento compartilhado ao longo desta jornada acadêmica.

Aos amigos **Ewerton Douglas** e **Alexander Garrido**, por terem me auxiliado na gravação e na edição, agradeço por toda a paciência e atenção a mim dedicadas, bem como pelo carinho recebido durante este processo. Agradeço também a **Ewerton Douglas** por ter me ajudado a organizar o sumário da tese.

Agradeço ao professor **Roberto Costa** por ter traduzido o resumo da tese para o inglês. Sua ajuda foi essencial para a finalização deste trabalho. Sou grato pela sua competência e disponibilidade.

À **Coordenação do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Alagoas**, por me receber e fornecer todo o apoio necessário para a realização da coleta de dados. Agradeço imensamente aos alunos surdos e ouvintes do curso, que, mesmo durante a pandemia, aceitaram participar da pesquisa, obedecendo todas as normas de proteção. Sem a colaboração e o comprometimento de cada um deles, esta pesquisa não teria sido possível.

Agradeço aos membros da banca de qualificação e de defesa, os professores doutores **Charley Pereira Soares, Paulo Stella, Felipe Aleixo, Adeilson Pinheiro Sedrins, Alexandre Melo de Sousa e Bruno Gonçalves Carneiro**, por seus valiosos comentários que contribuíram para o aprimoramento deste trabalho.

À **Universidade Federal do Vale do São Francisco**, representada por sua administração e pelo **colegiado de Ciências da Natureza**, expresso minha gratidão por aceitar e autorizar meu afastamento de três anos e dez meses, permitindo minha dedicação integral à elaboração e conclusão desta tese.

Agradeço aos professores **Eric Nascimento de Oliveira, Mardônio dos Santos Aguiar de Oliveira** e **Isaac Figueredo de Freitas** por aceitarem continuar como docentes, na modalidade EaD, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na disciplina de Libras que leciono. Eles assumiram mais um ano de função, conforme este encaminhamento de renovação de afastamento, que está condicionado à continuidade da atuação como professores voluntários.

Expresso minha gratidão a todos os amigos e colegas que, de diversas maneiras, contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Os estudos sobre a iconicidade têm evidenciado que este fenômeno constitui um fator estruturante nas línguas de sinais, afetando não apenas a fonologia, mas também a estrutura sintática, semântica e morfológica das línguas (Perniss, 2007). A presente pesquisa se insere nessa linha investigativa ao relacionar a criação e produção de sinais hiperônimos e hipônimos com a iconicidade. Esclarecer como a categorização vertical na Libras é formada a partir de processos cognitivos ligados à iconicidade é relevante, pois aprofunda as relações teóricas entre língua e cognição. Dessa forma, formulamos as seguintes perguntas de pesquisa: como adultos surdos estabelecem as relações hiponímicas e hiperonímicas na Libras? Quais são as diferenças linguísticas na produção de itens básicos e subordinados do ponto de vista da iconicidade? O objetivo central desta pesquisa é investigar como adultos surdos estabelecem as relações hiponímicas e hiperonímicas na Libras. Partimos da hipótese de que surdos tendem a representar hipônimos utilizando o sinal do hiperônimo seguido de sinais modificadores, presentes no léxico, e, principalmente, de sinais de representação, mais icônicos, para diferenciar os itens hipônimos. Nossa segunda hipótese propõe que itens hipônimos, embora subordinados, apresentem processos de criação icônica semelhantes aos itens básicos, evidenciando a iconicidade como estruturante em todo o léxico da Libras. Para sustentar nossa análise, baseamo-nos em Lyons (1977) e Vidal (2011) que compreendem hipônimos como combinações de hiperônimo e informação específica modificadora. Baseamo-nos ainda no modelo de Johnston e Schembri (2007) para descrever a estrutura lexical da Libras, instrumentalizando a análise com a definição dos autores para sinais de representação, que se distinguem dos sinais lexicalizados. Rosch (1975) fundamenta nossa abordagem de itens básicos e subordinados, que analisamos como hiperônimos e hipônimos. Adicionalmente, aplicamos o modelo de Taub (2004), que divide o processo de criação do sinal em três etapas: seleção da imagem, esquematização e codificação. Metodologicamente, realizamos uma elicitación de dados com cartões contendo figuras de animais apresentados a participantes surdos de Maceió. O experimento incluiu cinco homens e cinco mulheres surdos, estudantes do curso Letras-Libras, que visualizaram as figuras e sinalizaram em Libras o que viam. Selecionamos quatro animais (cão, gato, pássaro e macaco), subdividindo-os em oito itens subordinados, com base no modelo de Santos (2018). Além disso, escolhemos 32 itens que potencialmente seriam sinalizados de forma lexicalizada, sendo assim categorizados como itens básicos, e 32 itens distratores, com animais menos conhecidos. Dos 32 itens escolhidos para provável sinalização lexicalizada, analisamos 17 (por exemplo, leão, boi, zebra), que apresentaram ao menos seis respostas idênticas. A análise foi dividida em itens básicos (hiperônimos) e subordinados (hipônimos). Os itens básicos mostraram-se majoritariamente monolexicais, com imagens relacionadas diretamente ao animal e uma esquematização focada em partes do corpo e cabeça, enquanto a codificação fez uso do espaço topográfico esquemático, com movimentos icônicos de locação e configuração manual de entidade parcial. Já os sinais subordinados caracterizaram-se por composições que justapunham o hiperônimo a um sinal modificador do léxico ou de representação, além de uma seleção de imagem centrada em descrições (cor, tamanho, pelagem, mãos). A codificação também enfatizou o espaço topográfico esquemático e configurações manuais de entidade parcial. Os resultados indicam que a iconicidade permeia todo o processo de categorização e subordinação, evidenciando semelhanças entre as construções de sinais básicos já lexicalizados e os subordinados recentemente criados na Libras.

Palavras-chave: Léxico da Libras. Hiperonímia. Hiponímia. Iconicidade.

ABSTRACT

Studies on iconicity have demonstrated that this phenomenon constitutes a structuring factor in sign languages, influencing not only phonology but also the syntactic, semantic, and morphological structures of languages (Perniss, 2007). This research aligns with this line of investigation by linking the creation and production of hypernym and hyponym signs to iconicity. Clarifying how vertical categorization in Brazilian Sign Language (Libras) is formed through cognitive processes associated with iconicity is relevant, as it deepens the theoretical relationship between language and cognition. Accordingly, we formulated the following research questions: how do deaf adults establish hyponymic and hyperonymic relations in Libras? What linguistic differences exist in the production of basic and subordinate items from an iconicity perspective? The central aim of this research is to investigate how deaf adults establish hyponymic and hyperonymic relations in Libras. We begin with the hypothesis that deaf individuals tend to represent hyponyms by using the hypernym sign followed by modifying signs present in the lexicon and, primarily, by more iconic representational signs to differentiate hyponym items. Our second hypothesis proposes that hyponym items, although subordinate, exhibit iconic creation processes like basic items, thereby underscoring iconicity as a structuring force throughout the Libras lexicon. To support our analysis, we draw on Lyons (1977) and Vidal (2011), who understand hyponyms as combinations of hypernyms with specific modifying information. We further rely on the model proposed by Johnston and Schembri (2007) to describe the lexical structure of Libras, equipping our analysis with the authors' definition of representational signs, which are distinguished from lexicalized signs. Rosch (1975) informs our approach to basic and subordinate items, which we analyze as hypernyms and hyponyms. Additionally, we apply Taub's (2004) model, which divides the sign creation process into three stages: image selection, schematization, and encoding. Methodologically, we conducted data elicitation with animal picture cards presented to deaf participants from Maceió. The experiment included five male and five female deaf individuals, all students in the Libras Language and Literature program, who viewed the images and produced signs in Libras of what they saw. We selected four animals (dog, cat, bird, and monkey) and subdivided them into eight subordinate items based on the model by Santos (2018). Additionally, we chose 32 items likely to be lexicalized signs, categorizing them as basic items, along with 32 distractor items featuring less familiar animals. Among the 32 items chosen for probable lexicalized signaling, we analyzed 17 (e.g., lion, ox, zebra) that received at least six identical responses. The analysis was divided into basic (hypernym) and subordinate (hyponym) items. Basic items were mostly monolexical, with images directly related to the animal and schematization focused on body parts and head, while encoding used schematic topographic space with iconic movement for location and partial entity hand configurations. Subordinate signs, in contrast, were characterized by compositions juxtaposing the hypernym with a lexical or representational modifying sign, along with image selection focused on descriptions (color, size, fur, hands). Encoding also emphasized schematic topographic space and partial entity hand configurations. The results indicate that iconicity permeates the entire categorization and subordination process, highlighting similarities between the

construction of already lexicalized basic signs and the newly created subordinate signs in Libras.

Keywords: Lexicon of Libras. Hyperonymy. Hyponymy. Iconicity.

RÉSUMÉ

Les études sur l'iconicité ont montré que ce phénomène constitue un facteur structurant dans les langues des signes, influençant non seulement la phonologie, mais également les structures syntaxiques, sémantiques et morphologiques des langues (Perniss, 2007). Cette recherche s'inscrit dans cette ligne d'investigation en liant la création et la production des signes hyperonymes et hyponymes à l'iconicité. Clarifier comment la catégorisation verticale en Langue des Signes Brésilienne (Libras) se forme à partir de processus cognitifs associés à l'iconicité est pertinent, car cela approfondit la relation théorique entre langue et cognition. En conséquence, nous avons formulé les questions de recherche suivantes: comment les adultes sourds établissent-ils les relations hyponymiques et hyperonymiques en Libras ? Quelles différences linguistiques existent dans la production d'items de base et subordonnés du point de vue de l'iconicité ? L'objectif central de cette recherche est d'étudier comment les adultes sourds établissent les relations hyponymiques et hyperonymiques en Libras. Nous partons de l'hypothèse selon laquelle les personnes sourdes tendent à représenter les hyponymes en utilisant le signe de l'hyperonyme, suivi de signes modificateurs présents dans le lexique et, principalement, de signes représentatifs plus iconiques pour différencier les items hyponymes. Notre seconde hypothèse propose que les items hyponymes, bien que subordonnés, présentent des processus de création iconiques similaires aux items de base, ce qui souligne l'iconicité en tant que force structurante dans tout le lexique de la Libras. Pour soutenir notre analyse, nous nous appuyons sur les travaux de Lyons (1977) et Vidal (2011), qui considèrent les hyponymes comme des combinaisons d'un hyperonyme et d'informations spécifiques modifiantes. Nous utilisons également le modèle proposé par Johnston et Schembri (2007) pour décrire la structure lexicale de la Libras, en équipant notre analyse avec la définition de ces auteurs pour les signes de représentation, qui se distinguent des signes lexicalisés. Rosch (1975) sous-tend notre approche des items de base et subordonnés, que nous analysons comme des hyperonymes et hyponymes. En outre, nous appliquons le modèle de Taub (2004), qui divise le processus de création de signe en trois étapes : la sélection de l'image, la schématisation et la codification. Méthodologiquement, nous avons procédé à une élaboration de données à l'aide de cartes contenant des images d'animaux, présentées aux participants sourds de Maceió. L'expérience comprenait cinq hommes et cinq femmes sourds, tous étudiants en Lettres-Libras, qui ont observé les images et produit des signes en Libras pour décrire ce qu'ils voyaient. Nous avons sélectionné quatre animaux (chien, chat, oiseau et singe) et les avons subdivisés en huit items subordonnés, selon le modèle de Santos (2018). De plus, nous avons choisi 32 items susceptibles d'être signalés sous forme lexicalisée, en les classant comme items de base, ainsi que 32 items distracteurs représentant des animaux moins familiers. Parmi les 32 items sélectionnés pour une probable lexicalisation, nous avons analysé 17 items (par exemple, lion, bœuf, zèbre) ayant recueilli au moins six réponses identiques. L'analyse a été divisée en items de base (hyperonymes) et subordonnés (hyponymes). Les items de base étaient principalement monolexicaux, avec des images directement liées à l'animal et une schématisation axée sur les parties du corps et la tête, tandis que la codification utilisait un espace topographique schématique avec des mouvements iconiques pour la

localisation et des configurations manuelles de type entité partielle. Les signes subordonnés, en revanche, se caractérisaient par des compositions qui juxtaposaient l'hyperonyme avec un signe modificateur lexical ou représentatif, avec une sélection d'image axée sur des descriptions (couleur, taille, fourrure, mains). La codification a également souligné l'espace topographique schématique et les configurations manuelles de type entité partielle. Les résultats indiquent que l'iconicité imprègne tout le processus de catégorisation et de subordination, mettant en évidence des similitudes entre la construction des signes de base déjà lexicalisés et les signes subordonnés récemment créés en Libras.

Mots-clés: Lexique de la Libras. Hyperonymie. Hyponymie. Iconicité.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hiperônimos e hipônimos.....	28
Figura 2 - Exemplos de sinais do nível básico em ASL.....	34
Figura 3 - Termos subordinados em ASL: compostos de sinais de nível básico com especificadores de tamanho e forma.....	36
Figura 4 - Termos subordinados em ASL: composições de sinais de nível básico com representação mimética.	37
Figura 5 - Subordinados felinos segundo Faria-do-Nascimento (2009).....	40
Figura 6 - Língua oral <i>versus</i> gestos.....	45
Figura 7 - Sinal SWEET^SASS (bolo redondo).....	48
Figura 8 - Sinal INVITE (convidar) em Auslan.....	49
Figura 9 - Sinal de PORQUE em Libras.....	50
Figura 10 - Classificador 1 e suas derivações.....	51
Figura 11 - Sinais de apontação em Auslan.....	52
Figura 12 - Esquema do modelo de Johnston e Schembri (2007) para os sinais de representação.....	53
Figura 13 - Sinal PAY (PAGAR) em Auslan.....	54
Figura 14 - Forma de citação dos sinais STUDENT, PAY e TEACHER em Auslan....	55
Figura 15 - Sentença: STUDENT TEACHER PAY (o aluno paga o professor).....	56
Figura 16 - Relação entre pessoa e carro no espaço esquemático.....	57
Figura 17 - Classificador de pessoa escalando montanha com efeito de <i>zoom</i>	57
Figura 18 - Classificador de vários carros estacionados.....	58
Figura 19 - Classificador de pessoa pulando do trampolim.....	59
Figura 20 - Classificadores de segurar um copo (1), uma caixa (2) e uma sacola (3)....	61
Figura 21 - Classificadores de toque em uma calculadora (1) e alisando um cachorro (2).....	62
Figura 22 - Classificadores de instrumento para tesoura (1) e telefone (2).....	62
Figura 23 - Classificador de dimensão de tronco de árvore.....	64
Figura 24 - Sinais FAMILY (família), CLASS (classe), SUNDAY (domingo) e GOD (Deus) em Auslan.....	67
Figura 25 - Organização do léxico da Libras.....	68
Figura 26 - Soletração manual para a palavra <i>diafragma</i>	69
Figura 27 - Sinais LUA e SOL em Libras.....	69
Figura 28 - Sinal de NUNCA.....	70
Figura 29 - Classificadores de movimento e de localização na Libras.....	71
Figura 30 - Sinal de MOTOCICLETA em Libras.....	72
Figura 31 - Flexão de intensidade do sinal EXPERIÊNCIA na Libras.....	77
Figura 32 - Sinal de ÁRVORE em Libras.....	81
Figura 33 - Representação do modelo de construção analógica da iconicidade linguística desenvolvido por Taub, utilizando um sinal da Língua Americana de Sinais (ASL)	86
Figura 34 - Sinal GRADUAÇÃO em ASL.....	87
Figura 35 - Sinais selecionados por Xavier e Santos (2016).....	90

Figura 36 - Modelo de construção analógica da iconicidade linguística aplicado ao sinal AEDES-AEGYPTI criado por Xavier e Santos (2016).....	91
Figura 37 - Modelo de construção analógica da iconicidade linguística aplicado ao sinal para o vírus da zika criado por Xavier e Santos (2016).....	91
Figura 38 - Exemplos de figuras apresentadas	94
Figura 39 - CÃO + ATACAR (Pitbull).....	96
Figura 40 - GATO + GORDO (Persa)	97
Figura 41 - CÃO + ORELHA (Pastor-alemão).....	97
Figura 42 - MACACO + ANDAR (Babuíno-anúbis)	98
Figura 43 - Esquema de anotação: Tipos de códigos criados para as diferentes respostas	102
Figura 44 - Tabela de anotação de dados no Excel	111
Figura 45 - Resposta com diferentes tipos de composição simultânea	138
Figura 46 - Sinal BEAGLE em Libras (Tipo de espaço topográfico: Esquemático) ...	147
Figura 47 - Sinal BABUÍNO-ANÚBIS em Libras (Tipo de espaço topográfico: Espectador).....	147
Figura 48 - Sinal de GORILA em Libras – Item lexical padrão	157
Figura 49 - Sinal de BEIJA-FLOR em Libras – Item lexical padrão	157
Figura 50 - Sinal de PICA-PAU em Libras – Item lexical padrão	157
Figura 51 - Sinal de PITBULL em Libras – Item lexical padrão	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos sobre semântica e/ou léxico apresentados no Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Língua de Sinais	20
Quadro 2 - Itens utilizados na coleta de dados da pesquisa de Rosch e Boyes-Braem..	32
Quadro 3 - Reflexões sobre os itens superordenados em ASL e Libras.....	40
Quadro 4 - Reflexões sobre os itens subordinados em ASL e Libras	41
Quadro 5 - Configurações de mão da mão não dominante encontradas em sinais de duas mãos assimétricas	47
Quadro 6 - Sinais SEE/EYE, MAYBE e CHECK em BSL	47
Quadro 7 - Expressão idiomática em Libras: CONHECER-RÁPIDO.....	48
Quadro 8 - Principais classificadores utilizados na Libras de acordo com Ferreira-Brito (1995)	71
Quadro 9 - Exemplos de configuração de mão da Libras para os tipos de classificadores	73
Quadro 10 - Sinal AMENDOIM em Libras com duas variantes alagoanas.....	75
Quadro 11 - Sinal GOIABA em Libras com duas variantes alagoanas.....	75
Quadro 12 - Sinal PONTO-DE-ÔNIBUS em Libras com duas variantes alagoanas.....	76
Quadro 13 - Processos de formação de sinal da Libras	78
Quadro 14 - Exemplos de unidades discretas motivadas	83
Quadro 15 - Tipos de códigos criados para as diferentes respostas das crianças.....	94
Quadro 16 - Classificação da Seleção de imagem, Esquematização e Codificação.....	103
Quadro 17 - Critérios de inclusão e de exclusão dos participantes da pesquisa.....	105
Quadro 18 - Perfil dos participantes da pesquisa	106
Quadro 19 - Itens utilizados no experimento	108
Quadro 20 - Itens identificados como padrão e não como padrão	113
Quadro 21 - Sinal GIRAFa em Libras.....	114
Quadro 22 - Sinal RATO em Libras.....	115
Quadro 23 - Sinal JABUTI em Libras.....	116
Quadro 24 - Sinal LEÃO em Libras.....	117
Quadro 25 - Sinal GALINHA em Libras	118
Quadro 26 - Sinal PINGUIM em Libras	118
Quadro 27 - Sinal PATO em Libras	119
Quadro 28 - Sinal MORCEGO em Libras	120
Quadro 29 - Sinal CANGURU em Libras.....	121
Quadro 30 - Sinal URSO em Libras.....	122
Quadro 31 - Sinal COELHO em Libras	122
Quadro 32 - Sinal CAVALO em Libras.....	123
Quadro 33 - Sinal ZEBRA em Libras	124
Quadro 34 - Sinal PORCO em Libras	125
Quadro 35 - Sinal BOI em Libras.....	125
Quadro 36 - Sinal VACA em Libras	126
Quadro 37 - Sinal ELEFANTE em Libras	127

Quadro 38 - Sinal GATO em Libras	128
Quadro 39 - Sinal PÁSSARO em Libras	128
Quadro 40 - Sinal MACACO em Libras	129
Quadro 41 - Sinal CÃO em Libras	130
Quadro 42 - Elementos esquematizados nos sinais icônicos.....	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipos de respostas para itens potencialmente básicos	113
Gráfico 2 - Tipos de respostas por animal	132
Gráfico 3 - Tipos de respostas por participante	134
Gráfico 4 - Tipos de estratégias por participante	135
Gráfico 5 - Tipos de estratégias por animal	136
Gráfico 6 - Seleção de imagem por animal	139
Gráfico 7 - Seleção de imagem por estratégia	140
Gráfico 8 - Tipos de esquematização por animal	142
Gráfico 9 - Tipos de esquematização por estratégia	143
Gráfico 10 - Uso do espaço na codificação dos sinais hipônimos	146
Gráfico 11 - Tipos de movimento por animal	148
Gráfico 12 - Tipos de configuração de mão por animal	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados para os tipos de respostas por animal.....	133
Tabela 2 - Resultados para os tipos de respostas por participante.....	134
Tabela 3 - Resultados para os tipos de estratégias por participante	135
Tabela 4 - Resultados para os tipos de estratégias por animal	137
Tabela 5 - Resultados para seleção de imagem por animal	139
Tabela 6 - Resultados para seleção de imagem por estratégia	140
Tabela 7 - Resultados para tipos de esquematização por animal	142
Tabela 8 - Resultados para tipos de esquematização por estratégia	144
Tabela 9 - Resultados para uso do espaço na codificação dos sinais hipônimos	146
Tabela 10 - Resultados para tipos de movimento por animal.....	148
Tabela 11 - Resultados para tipos de configuração de mão por animal	150

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ASL	Língua de sinais americana (<i>American Sign Language</i>)
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana (<i>Australian Sign Language</i>)
BSL	Língua de Sinais Britânica (<i>British Sign Language</i>)
DGS	Língua de sinais alemã (<i>German Sign Language</i>)
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Língua de sinais italiana (<i>Italian Sign Language</i>)
LSB	Língua de Sinais Brasileira
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

NOTA

Nota elucidativa acerca da elaboração deste estudo. Esta pesquisa foi conduzida com o suporte de um intérprete especializado em Libras, incumbido de realizar a transposição dos textos de diversas fontes do português para Libras, para o pesquisador surdo, cuja língua materna é Libras. Tal medida foi adotada visando viabilizar o acesso do pesquisador ao embasamento teórico em sua língua primária. Adicionalmente, as análises contidas nesta tese, bem como a descrição da metodologia, a avaliação e o debate dos resultados, assim como todas as outras seções subsequentes do texto, foram conduzidas pelo pesquisador surdo, que as produziu em Libras, sendo incumbência do intérprete traduzir tais produções para o português escrito. Importa ressaltar que, apesar de o pesquisador possuir proficiência na língua portuguesa, o trabalho do intérprete foi imprescindível, devido ao nível de complexidade da escrita acadêmica. Ainda, em várias partes do texto, o pesquisador emitiu suas reflexões em português, sendo igualmente necessário o auxílio do intérprete para revisão de questões gramaticais e de coesão textual.

É importante destacar que este processo de tradução teve relevância não apenas para o desenvolvimento da pesquisa, mas também para o aprimoramento da proficiência do pesquisador na escrita em português, dado que todo o processo de tradução foi acompanhado de perto por ele. Esta nota tem o propósito de comunicar que, apesar do contexto educacional desfavorável em relação ao ensino de português para a comunidade surda, é viável que os surdos ingressem na esfera acadêmica e se tornem pesquisadores em diversas áreas do saber. Este trabalho de tradução tem sido de importância crucial para possibilitar que os surdos expressem suas reflexões teóricas e científicas acerca da Libras e do mundo.

Por fim, é válido informar que o mesmo intérprete que acompanhou o pesquisador surdo na sua dissertação de mestrado, está trabalhando agora com o pesquisador nesta tese de doutorado. A manutenção do intérprete foi um fator facilitador para a compressão da interpretação dos mais complexos textos sobre a área para a Libras, e, principalmente, para o devido acompanhamento da redação do texto com as adequações linguísticas e teóricas exigidas para uma pesquisa de doutorado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	19
1.2 JUSTIFICATIVA.....	20
1.3 PERGUNTAS E OBJETIVOS DA PESQUISA	23
1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: LINGÜÍSTICA COGNITIVA	25
2.2 CATEGORIZAÇÃO	27
2.2.1 Hiperônimos e hipônimos	28
2.2.2 Nível básico, subordinado e superordenado	31
2.2.2.1 Itens básicos, subordinados e superordenados em ASL.....	32
2.2.2.2 Itens básicos, subordinados e superordenados em Libras	38
2.3.2 Protótipos linguísticos	42
2.3 ESTUDO SOBRE O LÉXICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS	44
2.3.1 O léxico das línguas de sinais.....	44
2.3.1.1 Léxico nativo nuclear	46
2.3.1.2 Léxico nativo não-nuclear	49
2.3.1.2.1 Sinais de apontação.....	51
2.3.1.2.2 Sinais de representação.....	53
2.3.1.3 Léxico não nativo	65
2.3.2 O léxico da Libras.....	68
2.3.2.1 Soletração Manual na Libras	69
2.3.2.2 Sinais de representação na Libras.....	71
2.3.2.3 Sinais do núcleo do léxico da Libras	74
2.4 ICONICIDADE.....	79
2.4.1 O conceito de iconicidade lexical.....	79
2.4.2 O papel da iconicidade nas línguas de sinais.....	82
2.4.3 Iconicidade em hiperônimos e hipônimos	84
2.4.4 Iconicidade e cognição.....	85
2.4.4.1 Primeiro estágio: Seleção da imagem.....	86
2.4.4.2 Segundo estágio: Esquematização.....	88
2.4.4.3 Terceiro estágio: Codificação	89

3 O PRESENTE ESTUDO	93
3.1 SANTOS (2018): HIPERÔNIMOS E HIPÔNIMOS NA LIBRAS	93
3.2 MODELO DE ANÁLISE DA PESQUISA ATUAL	99
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	105
4.1 SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	105
4.2 COLETA DE DADOS	107
4.3 ARMAZENAMENTOS DOS DADOS	109
4.3 ASPECTOS ÉTICOS	110
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	110
5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	112
5.1 RESULTADOS PARA OS ITENS BÁSICOS	112
5.2 DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA DOS ITENS BÁSICOS	114
5.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ANÁLISE DOS ITENS BÁSICOS	130
5.4 RESULTADOS DOS ITENS HIPÔNIMOS.....	131
5.4.1 Tipos de respostas e estratégias.....	132
5.5 SELEÇÃO DA IMAGEM.....	138
5.6 ESQUEMATIZAÇÃO	141
5.7 CODIFICAÇÃO	146
6 DISCUSSÃO	152
6.1 SINAIS BÁSICOS	152
6.2 SINAIS SUBORDINADOS	155
6.2.1 Tipos de respostas e de estratégias.....	155
6.2.2 Seleção de imagem, esquematização e codificação	159
6.3 RELAÇÃO ENTRE OS SINAIS BÁSICOS E SUBORDINADOS.....	162
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	164
REFERÊNCIAS	167
APÊNDICES.....	173
ANEXOS	176

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este trabalho está inserido nos estudos do léxico da Libras¹, mais especificamente sobre os processos de categorização Hiperonímia e Hiponímia. Realizamos uma investigação linguística para aprofundar o conhecimento científico sobre como o léxico da Libras se organiza de forma vertical, ou seja, como itens lexicais podem agrupar outros itens em cadeias. Esta pesquisa, portanto, é importante para esta fase dos estudos da Libras que visa, não se limitar a ser comparada com o português, mas que tem mergulhado cada vez mais no universo da modalidade visual e gestual em todas as suas particularidades.

Iremos nos ater à organização semântica do léxico da Libras, tendo como foco, dentre os diversos processos de categorização lexical, a relação entre hipônimos e hiperônimos. O trabalho de Santos (2018) já inicia esta discussão. A dissertação teve como propósito investigar a produção de hipônimos por crianças surdas, comparando com a produção de crianças ouvintes. A problemática surgiu pela hipótese de que crianças surdas não produziam tantos hipônimos quanto as crianças ouvintes, uma vez que a Libras não apresenta sinais específicos para cada agrupamento genético de animal.

O resultado da pesquisa apontou que tanto crianças surdas quanto ouvintes apresentavam um alto índice de produção de hiperônimos em vez de hipônimos. Nesse caso, em vez de dizerem “pitbull” ou um sinal específico, disseram apenas *cão*. Além disso, uma importante contribuição deste trabalho foi a reflexão sobre a produção de hipônimos na Libras, evidenciada pelos dados da pesquisa, a partir de sinais modificadores, em que muitas crianças surdas utilizaram o sinal hiperônimo mais um sinal modificador para especificar o hiperônimo. Este processo foi classificado pela pesquisa como hipônimos, tanto como os hipônimos da língua portuguesa em que dois itens são concatenados, como *escova de dente*.

Esta pesquisa, portanto, é a continuidade da pesquisa iniciada no mestrado, uma vez que o trabalho de dissertação foi realizado somente com crianças, se faz necessário que uma nova investigação seja feita, dessa vez com adultos surdos, para que possíveis interferências, como tempo de aquisição, sejam controladas, para que possamos perceber ainda mais como ocorrem os processos de hiponímia e hiperonímia na Libras. A escolha por esta temática se justifica pela carência de estudos voltados para o léxico das línguas de sinais com um olhar mais descritivo, buscando entender como a língua funciona, enquanto sistema e como organiza seu léxico.

¹ Sigla utilizada para “Língua Brasileira de Sinais”, que, segundo a Lei nº 10.436/2002, “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão”.

Além disso, houve uma maior quantidade de resposta de hipônimos com composições com sinais de representação, ou seja, sinais não lexicalizados. Santos (2018) não fornece pistas concretas sobre como a iconicidade dos sinais de representação podem evidenciar a sistematicidade linguística da Libras na produção de hipônimos, uma vez que é comum pensar que um item lexicalizado é mais sistemático e linguístico do que um item não lexicalizado composto por sinais de representação.

1.2 JUSTIFICATIVA

Supalla (2006)² afirma que depois de Stokoe (1960), muitas outras pesquisas surgiram com o objetivo de descrever a história e a estrutura das línguas de sinais, no entanto, ainda há muitas lacunas, sobretudo no que diz respeito a história destas línguas. Para o autor, “a integração de ferramentas linguísticas, recursos impressos, narrativos e visuais e documentação podem resultar em uma análise cientificamente informada da história de uma língua” (Supalla, 2006, p. 24). Tais procedimentos podem trazer luz a questões sobre a estrutura da língua e sobre sua história. Há, portanto, uma necessidade emergente de se fazer pesquisas nesta área.

Ao pesquisarmos os trabalhos em semântica e/ou léxico apresentados no principal congresso em nível nacional da área – o Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Língua de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – nos anos 2016, 2018 e 2022, nos deparamos com somente 9 trabalhos nos anais das únicas versões do congresso, conforme o Quadro abaixo.

Quadro 1 - Trabalhos sobre semântica e/ou léxico apresentados no Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Língua de Sinais

Ano	Formato de apresentação	Título
2016	Pôster	Aprendizagem da língua inglesa como terceira língua (L3) por aprendizes surdos brasileiros: investigando a transferência léxico-semântica entre línguas de modalidades diferentes.
	Pôster	Semântica da Libras: Hiperônimos e Hipônimos na construção do arcabouço linguístico da criança surda.

² Texto escrito por Ted Supalla, originalmente em inglês, foi publicado no livro “Questões tóricas das pesquisas em Línguas de Sinais”, organizado pelas professoras Dra. Ronice Müller de Quadros e Dra. Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos e traduzido para o português por Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires e Carolina Vidal Ferreira.

2016		Indícios de mudança lexical na Libras: evidências de surdos roraimenses
	Comunicação em sinais	Representação conceitual na criação de sinais-termo na língua de sinais brasileira – LSB
		Os sinais dêiticos temporais e pessoais e a sua relação com os verbos na língua brasileira de sinais: uma abordagem sintático-semântica.
2018	Comunicação em sinais	Metáforas orientacionais em libras: um estudo a partir do léxico.
	Pôster	Toponímia em Libras: bases metodológicas
2022	Pôster	A intuição de surdos sobre uma rede morfológica da libras:  do sinal
	Comunicação em sinais	Libertando-se da tirania das glosas: por uma semântica lexical da libras em seus próprios termos.
		Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda.

Fonte: O autor, com base no Congresso de Tradução de Línguas de Sinais (2022)³.

Ao observarmos os trabalhos apresentados no congresso de 2022, vimos apenas mais 3 (três) trabalhos, sendo um deles o mesmo trabalho de Santos (2018). Mesmo sabendo que há outros congressos com foco sobre a Libras no Brasil, tomamos como base este congresso, por ser o evento de maior referência em se tratando de pesquisas em linguística com foco na Libras. Dessa forma, em 2016, 185 (cento e oitenta e cinco) pôsteres e 25 (vinte e cinco) comunicações em sinais foram apresentados, em 2018 foram 308 (trezentos e oito) pôsteres e 20 (vinte) comunicações em sinais apresentados e em 2022 foram 108 (cento e oito) pôsteres e 16 (dezesseis) comunicações em sinais apresentados, mas somente 9 (nove) trabalhos eram relacionados diretamente à análise linguística lexical e/ou semântica. Esse resultado reforça a necessidade de ampliar e aprofundar as investigações sobre a semântica lexical da Libras, com foco na descrição e análise desta língua.

³ Disponível em: <https://congressotils.com.br>. Acesso: 5 dez. 2022.

Além disso, há questões conceituais que necessitam ser revisitadas e aprofundadas. Rosch (1975) aponta que há itens lexicais básicos, que estão mais próximos da experiência corporal dos falantes e, em contrapartida, há itens superordenados e subordinados em relação a estes itens básicos. Klima e Bellugi (1979) afirmam que, em ASL⁴, os itens básicos tendem a ser lexicalizados, enquanto que os itens subordinados são, muitas vezes, arranjos entre sinais básicos, ou de um sinal básico com um classificador ou uma pantomima. Tomando como itens básicos os hiperônimos da pesquisa de Santos (2018) e como itens subordinados os hipônimos, ainda não está claro para nós como as relações entre itens básico e subordinados, hiperônimos e hipônimos, refletem a maneira como pessoas surdas organizam e sistematizam a produção lexical. Taub (2004) apresenta um modelo de como se organiza de um ponto de vista cognitivo o processo de criação e produção de um sinal icônico nas línguas de sinais. A autora fornece pistas que podem nos ajudar a entender as similaridades e diferenças entre os sinais básicos já lexicalizados e a produção de hipônimos, a partir de um olhar para a iconicidade destes sinais.

Também é problemática a ideia de que não há sistematicidade na produção de itens subordinados/hipônimos, por isso, uma investigação aprofundada deve apontar como a Libras se estrutura para fornecer estratégias linguísticas de identificação e produção destes itens. O trabalho de Johnston e Schembri (2007) apresenta uma extensa explanação de como os sinais de representação são realizados nas línguas de sinais. Os autores propõem uma classificação para o uso do espaço, movimento e configuração de mãos nestes sinais, de forma que é possível ver uma sistematicidade nas produções de sinais de representação que nos pode ser útil para entender melhor os processos de produção lexical dos itens subordinados na Libras e nas línguas de sinais como um todo.

Em suma, a escassez de trabalhos sobre o léxico da Libras nesta interface com a semântica, e as questões, tanto no trabalho de Klima e Bellugi (1979) sobre sinais básicos e subordinados, quanto no trabalho de Santos (2018) sobre hiperônimos e hipônimos, relacionadas a ausência de aprofundamento sobre a sistematicidade dos sinais de representação, e sobre a iconicidade como sendo central na relação entre os itens englobantes e englobados, são as principais razões que justificam a realização de uma nova pesquisa, seguindo a metodologia de Santos (2018), mas desta vez com 10 adultos surdos, para controlar os fatores de aquisição.

⁴ Língua de Sinais Americana (*American Sign Language*).

1.3 PERGUNTAS E OBJETIVOS DA PESQUISA

Apresentamos as seguintes perguntas para a pesquisa: de que forma adultos surdos estabelecem as relações hiponímicas e hiperonímicas na Libras? Quais são as diferenças linguísticas na produção de itens básicos e subordinados do ponto de vista da iconicidade? Para responder a este questionamento acima exposto, a presente pesquisa tem como objetivo central: investigar como adultos surdos estabelecem as relações categorias lexicais verticais na Libras. Além disso, nos principais objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

- i) Identificar as estratégias utilizadas por adultos surdos para a produção de hipônimos;
- ii) Analisar as etapas do processo cognitivo de criação e produção de sinais icônicos;
- iii) Comparar os processos icônicos em básicos e subordinados.

Com base em Santos (2018), partimos da hipótese de que os surdos tendem a realizar referentes hipônimos com o sinal do seu hiperônimo, majoritariamente, seguidos de sinais modificadores, presentes no núcleo do léxico, mas principalmente com sinais de representação, que são mais icônicos, para distinguir os itens hipônimos. Nossa segunda hipótese é de que itens hipônimos, mesmo sendo itens subordinados, apresentam processos de criação icônicas semelhantes aos itens básicos, evidenciando assim, a iconicidade como sendo estruturante em todo o léxico da Libras.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE

No próximo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que são a base para esta investigação. Iniciamos com os pressupostos básicos da Linguística Cognitiva e com os autores desta corrente que desenvolvem o conceito de categorização, com ênfase na organização vertical, tanto na proposta que aponta itens básicos/subordinados, quanto nas noções gerais sobre hiperônimos e hipônimos. Descrevemos a estrutura lexical da Libras, tomando como modelo de estrutura lexical, o estudo de Johnston e Schembri (2007). Por fim, apresentamos o conceito de iconicidade de Meir (2013) e como autores têm estudado este fenômeno ao redor do mundo, com um foco sobre o modelo de Taub (2004) que propôs um esquema para a produção icônica na ASL a partir de uma análise dos processos cognitivos.

No capítulo três, apresentamos uma síntese dos principais conceitos abordados no capítulo dois e explicamos como estes conceitos e modelos foram instrumentalizados no trabalho atual. No capítulo quatro, sobre a metodologia, apresentamos os critérios de seleção, justificando os critérios de inclusão e exclusão com base no objeto a ser estudado. Explicamos

a coleta de dados, com os aspectos legais detalhados, uma vez que se trata de uma pesquisa de campo com seres humanos. Por fim, explicamos o armazenamento, o tratamento e a análise dos dados. No capítulo da análise dos resultados, expomos os principais resultados das respostas dos participantes para itens básicos e subordinados. O capítulo da discussão mostra como interpretamos os resultados para atender o objetivo da pesquisa, qual seja, refletir sobre a produção lexical vertical na Libras e entender como a iconicidade desempenha um papel nesta organização. Por fim, o capítulo das considerações finais traz as perguntas de pesquisas e mostra como os resultados ajudam a responder estas perguntas, além de apontar caminhos para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta inicialmente a abordagem da Linguística Cognitiva como sendo a base teórica deste trabalho, e como esta corrente teórica conceitua categorização vertical e horizontal, com foco na categorização vertical. Em seguida, iremos apresentar um estudo detalhado sobre a organização do léxico de Johnston e Schembri (2007), que serviu como base para a nossa análise dos itens lexicais na Libras. Focamos na descrição dos *sinais de representação* feita pelos autores, trazendo os tipos de espaço, movimento e configuração de mão destes sinais do léxico nativo não nuclear. Ainda nesta seção sobre a estrutura lexical, apresentaremos estudos sobre o léxico da Libras. Depois disso, houve uma seção sobre a iconicidade nas línguas de sinais, seu papel, e como ela é processada na produção de sinais, tendo como principal autora Taub (2004), que apresenta um modelo de processamento cognitivo na criação e produção de sinais icônicos.

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: LINGUÍSTICA COGNITIVA

Para iniciar esta investigação, apresentamos, a perspectiva de língua e linguagem que foi utilizada neste trabalho. Nossa análise sobre a iconicidade foi centrada no modelo de Taub (2004), e a autora se ampara nos trabalhos de Langacker (1986, 1991a, 1991b), que se apresenta como um dos grandes nomes da Linguística Cognitiva ao lado de Lakoff e Johnson (1980). Enquanto o trabalho de Lakoff e Johnson (1980) se concentra em colocar a metáfora como chave para o desenvolvimento da linguagem humana, Langacker (1986) propõe uma nova gramática, denominada gramática cognitiva. Ambos os trabalhos se opõem à perspectiva formal gerativista proposta por Noam Chomsky. Por esta razão, fomos utilizar a Linguística Cognitiva como sendo a base teórica e conceitual para este trabalho, tendo como principal fonte as contribuições de Langacker.

De acordo com Lakoff (1987), a Linguística Cognitiva consegue se ocupar de analisar fenômenos (como a metáfora, a metonímia, classificadores, pressuposição, entre outros) que a linguística gerativa falhou em explicar, em outras palavras, “Toda teoria que faz uso de uma sintaxe generativa e de uma semântica teórica de modelo ou de uma semântica que envolve apenas a forma lógica falhou da mesma maneira. A aparência de fracasso só foi evitada ignorando tais fenômenos⁵” (Lakoff, 1987, p. 585, tradução nossa). O estudo sobre a

⁵ Every theory that makes use of a generative syntax and either model-theoretic semantics or a semantics that involves Only logical form has failed in the same ways. The appearance of failure has been avoided only by ignoring such phenomena (Lakoff, 1987, p. 585).

iconicidade, por exemplo, vem sendo relacionado (ver Taub, 2004), Wilcox (2004) com estes fenômenos mencionados como sendo evitados pelos estudos da gramática gerativa.

A Linguística Cognitiva se estabelece, portanto, como uma perspectiva funcionalista de linguagem que observa os fenômenos linguísticos em interação com os fenômenos cognitivos, afirmando que ambos são indissociáveis, e o conhecimento da mente e do cérebro são fundamentais para a estrutura linguística (Taub, 2004). Neste sentido, Feltes (2018) aponta que o objeto da Linguística Cognitiva e da Semântica cognitiva se confundem, uma vez que esta interface entre linguagem e cognição acontece no significado. É importante destacar, porém, que a ligação entre os processos cognitivos e a linguagem não se limita aos aspectos semânticos da estrutura linguística. Sobre isso, Langacker (1986) argumenta que “As estruturas gramaticais não constituem um sistema formal autônomo ou nível de representação: em vez disso, afirma-se que são inerentemente simbólicas, proporcionando a estruturação e a simbolização convencional do conteúdo conceitual⁶” (Langacker, 1986, p. 1-2, tradução nossa). Este caráter simbólico da estrutura linguística decorre do fato de que língua e cognição estão intrinsecamente conectadas, de forma que não há língua sem cognição.

Desta forma, é possível observar na língua estruturas e processos que acontece na cognição e vice-versa. Sobre isso, Taub (2004) explica que os estudiosos dessa área “Procuram usar operações cognitivas gerais, como mapeamento conceitual, criação de perfis e atenção seletiva; estruturas ou esquemas de conhecimento; e imagens mentais na descrição de fenômenos linguísticos⁷” (Taub, 2004, p. 18, tradução nossa). A partir desta concepção de língua pretendemos estudar o fenômeno da **categorização**, o **funcionamento do léxico**, e a **iconicidade linguística** nas línguas de sinais, com uma seção especial para cada tópico.

Separar de maneira formal o que é de ordem linguística do que é de ordem cognitiva, social ou histórica seria uma tarefa muito difícil, quando se observa iconicidade nas línguas de sinais. Rosch (1975) propõe que a categorização pode ser vertical ou horizontal, e que há um processo cognitivo que interfere nestas organizações. Há classes que são mais familiares do que outras, tanto verticalmente (entre hiperônimos e hipônimos), quanto horizontalmente (entre co-hipônimos). Vimos como a categorização é estudada por outros autores, com foco em hiperônimos e hipônimos, e, em seguida, nos atemos ao trabalho de Rosch (1975, 1978).

⁶ *Grammatical structures do not constitute an autonomous formal system or level of representation: They are claimed instead to be inherently symbolic, providing for the structuring and conventional symbolization of conceptual content* (Langacker, 1986, p. 1-2).

⁷ *(We) seek to use general cognitive operations such as conceptual mapping, profiling, and selective attention; knowledge structures or schemas; and mental imagery in describing linguistic phenomena* (Taub, 2004, p. 18).

Quanto à iconicidade, Taub (2004), a partir desta concepção de língua, se ampara numa leitura cognitivista para explicar a criação de sinais icônicos na ASL, por entender que elementos linguísticos e cognitivos estão imbricados na criação e produção de sinais icônicos do começo ao fim do processo. Utilizamos, portanto, o seu modelo de iconicidade para analisar os nossos dados.

Para estudarmos a estrutura e o funcionamento das línguas de sinais, tomamos como base o modelo de estrutura lexical de Johnston e Schembri (2007), que se apoiam na Linguística Cognitiva para propor um sistema lexical que se alimenta de sinais nativos não nucleares (ou não lexicalizados) para produzir sinais no núcleo do léxico. Estes sinais não nucleares, por sua vez estão numa clara relação com processos cognitivos, por apresentarem uma carga dêitica (sinais de apontação) e icônica (sinais de representação) muito forte. Este aporte teórico-metodológico nos ajudará a entender quais processos cognitivos e linguísticos estão envolvidos na produção de sinais hiperônimos e hipônimos na Libras.

2.2 CATEGORIZAÇÃO

Categoria é um conceito muito importante para a Linguística Cognitiva, pois ela evidencia a relação entre cognição e língua. Ao propor a semântica dos protótipos, Lakoff (1982, 1987) discute o conceito de categorização, colocando em xeque as propostas mais tradicionais que definem categorização como sendo objetivista e reducionista (Lakoff, 1982). Lakoff afirma que categorias conceituais (cognitivas) e linguísticas têm a mesma natureza, mas mais do que isso, o autor explica que o estudo sobre categorias linguísticas nos ajudaria a entender as categorias conceituais (Lakoff, 1987).

Nesta visão cognitivista, “uma categoria é um conjunto de entidades (que podem ser objetos, eventos, situações, relações ou conceitos) que têm algo em comum” McCleary e Viotti (2009, p. 8). Desta forma, percebemos que o léxico pode categorizar, tanto eventos, como os verbos “comer” e “beber”, estando conectados como sendo ações em que um ser animado ingere líquidos ou sólidos. Isto acontece porque cognitivamente, identificamos semelhanças e diferenças entre entidades e eventos e as agrupamos a partir desta percepção (McCleary; Viotti, 2009). Esta capacidade linguística pode estar relacionada com a habilidade cognitiva de reconhecer padrões. Utilizando animais como exemplo, os autores explicam que criamos categorias e conceituamos as categorias de forma que, “vamos incluir dentro dela todos os animais que têm alguma semelhança com os que vimos primeiro. Ou seja, uma vez criada a

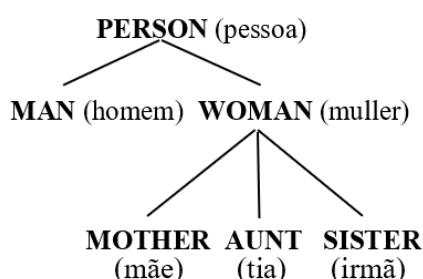
categoria e o conceito, vamos passar a categorizar certos animais como membros dessa categoria” (McCleary; Viotti, 2009, p. 11).

A partir de categorizações, o léxico se organiza de modo que os itens lexicais podem ser acessados mais facilmente. Quando aprendemos uma palavra ou sinal muito específico, que não está relacionado com nenhuma outra já existente no léxico, este novo item dificilmente foi acessado novamente, pois não está relacionado aos demais. As categorias também são úteis para estabelecer novos conceitos e para entender o mundo à nossa volta.

2.2.1 Hiperônimos e hipônimos

Entre as categorias mais comumente conhecidas, estão as relações de sinonímia, antonímia, paronímia, meronímia, hiperonímia e hiponímia. Vidal (2011, p. 221, tradução nossa) explica que “as relações entre os significados das palavras têm a ver com o fato de que compartilham um maior ou menor número de traços”⁸. Muito embora muito possa ser dito sobre os diversos processos de categorização, focaremos nos hipônimos e hiperônimos. Quanto a estes processos, “uma hierarquia entre termos englobantes vs. englobados é articulada, e as definições de hiperonímia e hiponímia dependem dessa relação de englobamento” (Pietroforte; Lopes, 2007, p. 129). Neste sentido, os termos englobantes são sinais ou palavras que apresentam conceitos mais amplos e, portanto, estão numa posição mais alta no processo de categorização, conforme a Figura a seguir.

Figura 1 - Hiperônimos e hipônimos



Fonte: Adaptado de Johnston e Schembri (2007, p. 232).

Vemos que o termo PERSON (pessoa) é englobante, uma vez que é um conceito mais amplo, sem muitos traços semânticos. Este termo engloba tanto MAN (homem) quanto

⁸ Las relaciones que se dan entre los significados de las palabras tienen que ver con el hecho de que compartan un número mayor o menor de rasgos (Vidal, 2011, p. 221).

WOMAN (mulher), sendo estes termos englobados. É possível dizer também que “as noções de hiponímia e hiperonímia são usadas para tratar da relação entre dois conceitos: um mais elaborado (ou específico), outro mais esquemático (ou genérico)” (McCleary; Viotti, 2009, p. 19). Sendo assim, na relação entre PERSON e WOMAN, WOMAN é um termo mais elaborado, mas na relação entre WOMAN e SISTER, WOMAN é um termo mais genérico.

Lyons (1977) chama os hiperônimos de itens superordenados e explica que “a hiponímia é uma relação paradigmática de sentido que repousa sobre o encapsulamento de alguma modificação sintagmática do sentido do lexema superordenado no hipônimo⁹” Lyons (1977, p. 294, tradução nossa). O autor ainda explica que o modificador adjetival juntamente com o item superordenado pode gerar hipônimos. Em outras palavras, o hipônimo *escova de dentes* surge da relação sintagmática entre o item superordenado *escova* e o modificador *de dentes*, gerando assim uma relação paradigmática entre este hipônimo com outros hipônimos, como *escova de cabelo* ou *escova de lavanderia*, por exemplo.

É possível ainda perceber que a oposição paradigmática entre os hipônimos se dá pelas locuções adjetivas, ou seja, “os seus contrastes de sentido podem ser associados a um contraste entre dois modificadores sintagmáticos do lexema superordenado”¹⁰ (Lyons, 1977, p. 295, tradução nossa), neste caso, a oposição repousa nas locuções *de dentes* e *de cabelo*. É importante salientar que nem todo adjetivo apresenta uma oposição clara entre os hipônimos, pois *escova velha* não se opõe a *escova de dentes*, uma vez que uma *escova de dentes* pode ser também uma *escova velha*. O tipo de modificador deve ser observado na relação entre os hipônimos.

Ainda que não haja uma relação sintagmática na criação do hipônimo, como em *flor* e *tulipa*, por exemplo, podemos dizer que “a conexão entre os significados de tulipa e flor é baseada em uma relação de inclusão: o significado da tulipa inclui necessariamente como um dos seus componentes o significado de flor, mas não ao contrário¹¹” Vidal (2011, p. 222, tradução nossa). Podemos dizer, portanto, que entre os traços semânticos de *tulipa* estão “flor”, “folhas alongadas”, “uma flor por haste”, mas quando vamos ver os traços de “flor”, por ser um termo mais englobante e genérico, não contém informações como “folhas alongadas”, pois há flores com folhas curtas.

⁹ *Hyponymy is a paradigmatic relation of sense which rests upon the encapsulation in the hyponym of some syntagmatic modification of the sense of the superordinate lexeme* (Lyons, 1997, p. 294).

¹⁰ *Their contrast in sense can be associated with a contrast between two syntagmatic modifiers of the superordinate lexeme* (Lyons, 1977, p. 295).

¹¹ *La conexión entre los significados de tulipán y de flor está basada en una relación de inclusión: el significado de tulipán incluye necesariamente como uno de sus componentes el significado de flor, pero no al contrario* (Vidal, 2011, p. 222).

Esta assimetria é percebida por Lyons (1977), de modo que, numa frase, itens sinônimos são mais facilmente intercambiáveis, pois são mais simétricos, enquanto que hiperônimos e hipônimos são unilaterais, ou seja, “a definição de hipônimo em termos de implicação unilateral nos permite definir a sinonímia como hiponímia bilateral ou simétrica: X é um hipônimo de Y e Y é um hipônimo de X, então X e Y são sinônimos¹²” (idem, p. 292, tradução nossa). Se X é hipônimo de Y, mas o inverso não é verdadeiro, então, trata-se de apenas um hipônimo e não de um sinônimo.

Até pouco tempo atrás, era comum dizer que o *notebook* era um tipo de *laptop*, sendo o primeiro um hipônimo do segundo. No entanto, vemos que não há mais esta relação, pois também é verdade dizer que *laptop* é um tipo de *notebook*, ou melhor, que *laptop* e *notebook* são palavras sinônimas e, portanto, estão numa relação simétrica bilateral. Não podemos dizer o mesmo da relação entre *computador* e *laptop*, pois todo *laptop* é um *computador*, pois computador é englobante, mas nem todo *computador* é um *laptop*. Sendo assim, *laptop* é um hipônimo assimétrico unilateral, já que *computador* é superordenado.

Silva e Sant’anna (2009) afirmam que, “embora um termo hiperônimo não implique, em geral, o seu hipônimo, ocorre frequentemente que o contexto situacional ou a modificação sintagmática do termo hiperônimo o determinará no sentido de um de seus hipônimos” (idem, p. 38), ou seja, por mais que não esteja implícito que *computador* seja um *laptop*, numa situação em que só há um *laptop* entre outros objetos numa sala que seja englobado por *computador*, se alguém pedir para desligar o computador, ficou implícito no contexto pragmático que o computador é o *laptop*.

Lakoff (1982) em sua crítica aos estudos tradicionais sobre categorização, encontra em Rosch (1978) uma perspectiva mais próxima da abordagem cognitivista de língua. A autora defende que as categorizações apresentam dois elementos: a prototipicidade e um nível básico (discorreremos sobre estes conceitos nas seções seguintes). Sobre este trabalho de Rosch (1973, 1975, 1978), Lakoff (1982) afirma

A teoria clássica de conceitos e categorias tem sido estudada no Ocidente há dois mil anos. Tornou-se uma parte tão importante da cultura e da educação ocidentais que é difícil pensar em outros termos. Quando ouvi Rosch apresentar pela primeira vez seus resultados sobre categorização de nível básico, fiquei quase em estado de choque. Eles contradiziam a visão de mundo que fui criado para aceitar, como se nenhuma outra pudesse existir¹³ (Lakoff, 1982, p. 83, tradução nossa).

¹² The definition of hyponymy in terms of unilateral implication enables us to define synonymy as bilateral, or symmetrical, hyponymy: in X is a hyponym of Y and Y is a hyponym of X, then X and Y are synonymy (Lyons, 1977, p. 292).

¹³ The classical theory of concepts and categories has been studied in the West for two thousand years. It has become so much a part of Western culture and education that it is hard to think in other terms. When I first heard

Desta forma, para aprofundar a noção de categorização e de hiperônimos e hipônimos nesta perspectiva cognitivista, abordaremos estes dois elementos do trabalho de Rosch evidenciados por Lakoff.

2.2.2 Nível básico, subordinado e superordenado

Rosch (1978) se apoia em dois princípios básicos que são formadores destes dois sistemas (nível básico e prototipicidade) de categorização. O primeiro princípio é a de que categorias ajudam a prover o máximo de informações com o menor esforço possível. Desta forma, quando pensamos num conceito de uma categoria, acessar a categoria na qual ela faz parte indica muitas das suas características, sem ser necessário que observemos as características individualmente. O segundo princípio é de que como as percepções do mundo são estruturadas, as categorizações seguem estas estruturas, portanto, não são arbitrárias. Desta forma, tanto uma categorização vertical (nível básico), quanto horizontal (prototipicidade) devem oferecer meios para que as informações do mundo estruturado sejam sistematizadas com menor esforço possível. Nesta seção, focamos em como estes princípios operam na categorização vertical. Nas palavras de Rosch (1978)

A implicação dos dois princípios de categorização para a dimensão vertical é que nem todos os níveis possíveis de categorização são igualmente bons ou úteis; em vez disso, o nível mais básico de categorização será o nível mais inclusivo (abstrato) no qual as categorias podem espelhar a estrutura dos atributos percebidos no mundo¹⁴ (Rosch, 1978, p. 4, tradução nossa).

Quando estão conversando no dia a dia, nem todas as pessoas utilizam os nomes específicos para árvores, cachorros ou cadeiras. Neste sentido, a categorização vertical percebida pelos hiperônimos e hipônimos pode conter inúmeros níveis conceituais e linguísticos, mas nem todos fazem parte do cotidiano dos falantes. Um *pitbull*, por exemplo, tem como seu hiperônimo o *cachorro*, que tem como seu hiperônimo os *mamíferos* que por sua vez é hipônimo de *animal* e assim por diante. Rosch (1978) propõe que há, dentro desta cadeia de relação hiperonímica (sem usar esse termo), itens que são mais básicos, estando eles mais

Rosch present her results on basic-level categorization, I was thrown almost into a state of shock. They contradicted the world-view that I was brought up to accept as if no other could possibly exist. (Lakoff, 1982, p. 83).

¹⁴ The implication of the two principles of categorization for the vertical dimension is that not all possible levels of categorization are equally good or useful; rather, the most basic level of categorization will be the most inclusive (abstract) level at which the categories can mirror the structure of attributes perceived in the world (Rosch, 1978, p. 4).

próximos da realidade humana, através dos quais, os itens em posições mais altas e mais baixas se relacionam linguisticamente. Na relação entre *mobiliário*, *cadeira* e *cadeira de cozinha*, o item *cadeira* é mais básico na experiência humana do que os demais, portanto, é mais comum que línguas apresentem itens lexicais para eles do que para os demais. Mas não só isso: os demais itens, maiores ou menos no termo *cadeira*, podem se relacionar linguisticamente com ele, como é o caso de *cadeira* e *cadeira de cozinha*.

A autora utiliza Tversky (1977) para explicar que há categorias mais básicas do que outras, porque as categorias básicas apresentam características (ou pistas) que validam aquela categoria e porque há um nível de semelhança entre estas características entre seus pares que é maior do que o nível de diferença. Uma *cadeira* tem, dentre suas características, muitas pistas que a caracteriza como móvel e, ao mesmo tempo, apresenta diferenças perceptivas e funcionais significativas do seu co-hipônimo *mesa*. Itens superordenados, por sua vez, apresentam poucas características válidas em comum com outros itens do mesmo nível. Automóveis e móveis são elementos mais abstratos que apresentam poucas semelhanças entre si. Por sua vez, itens subordinados apresentam menos diferenças e são, muitas vezes, não distinguidos. Nas seções seguintes, vimos como estes conceitos se apresentam em línguas de sinais.

2.2.2.1 Itens básicos, subordinados e superordenados em ASL

Rosch *et al.* (1976) analisam estes conceitos observando a língua de sinais americana (ASL). Optamos por utilizar Klima e Bellugi (1979) para apresentar a pesquisa de Rosch *et al.* (1976), pois Klima e Bellugi (1979) revisam o trabalho de Rosch com uma visão mais aprofundada sobre as estratégias linguísticas dos surdos na ASL. Klima e Bellugi (1979) apresentam então a pesquisa de Rosch *et al.* (1976) realizada com sinalizantes de ASL nos Estados Unidos. Como fizemos na nossa pesquisa, eles também utilizaram estímulos para pedir aos participantes que sinalizassem sinais para cada item apresentado. O Quadro abaixo apresenta os itens utilizados no experimento.

Quadro 2 - Itens utilizados na coleta de dados da pesquisa de Rosch e Boyes-Braem

Superordenado	Nível básico	Subordinados
instrumento musical	violão	violão folk, violão clássico
	piano	piano de cauda, piano vertical
	tambor	tímpano, bumbo
	maça	aroma de maçã, maçã da Mackintosh

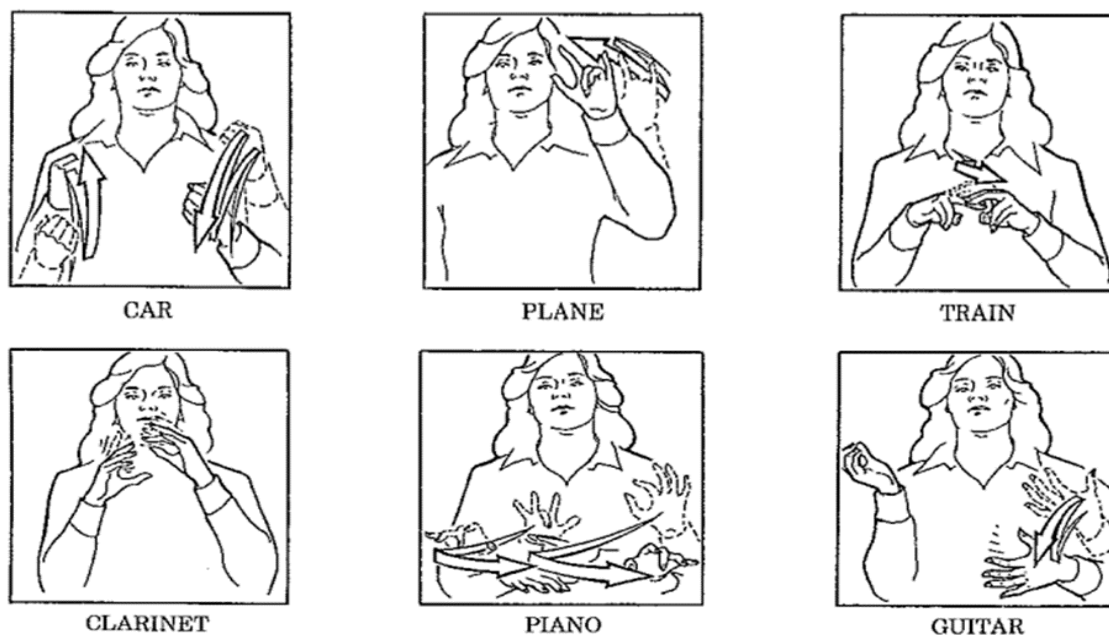
fruta	pêssego	pêssego freestone, pêsego clingstone
	uvas	uvas concord, uvas verdes sem sementes
ferramenta	martelo	martelo de bola, martelo de garra
	serra	serra de arco, serrote para cortes transversais
	chave de fendas	chave de fendas phillips, chave de fendas regular
roupa	calças	Levi's, calças de malha dupla
	meias	meias longas, meias curtas
	camisa	camisa (social), camisa de malha
mobiliário	mesa	mesa de cozinha, mesa de sala de jantar
	lâmpada	luminária de piso, abajur de mesa
	cadeira	cadeira de cozinha, cadeira de sala de estar
veículo	carro	carro esportivo, sedan de quatro portas
	ônibus	ônibus urbano, ônibus rodoviário
	caminhão	caminhão pickup, caminhão truck

Fonte: Adaptação dos resultados de Rosch *et al.* (1976) feita por Klima e Bellugi (1979, p. 227).

Após comparar a produção de itens dos três níveis em ASL, Rosch *et al.* (1976), de acordo com Klima e Bellugi (1979) afirmam que o nível básico é o mais comum na ASL e “que a ASL tem menos sinais fixos em todos os níveis para objetos concretos do que o inglês”¹⁵ (Klima; Bellugi, 1979, p. 226, tradução nossa). Na pesquisa realizada por Klima e Bellugi (1979), eles confirmam que os itens mais utilizados na ASL são de fato itens do nível básico, mas afirmam que os demais níveis também aparecem na ASL a partir de diferentes estratégias linguísticas. Os sinais abaixo, segundo Klima e Bellugi (1979), fazem parte do nível básico da ASL.

¹⁵ “that ASL has fewer fixed signs at all levels for concrete objects than English has” (Klima; Bellugi, 1979, p. 226).

Figura 2 - Exemplos de sinais do nível básico em ASL



Fonte: Adaptação de Klima e Bellugi (1979, p. 228).

Quando observamos itens básicos como CLARINET, PIANO e GUITAR, vemos que eles pertencem a um mesmo item superordenado (instrumentos musicais), mas há uma diferença morfológica significativa, uma vez que eles têm a iconicidade como base, segundo os autores. Em outras palavras, isso acontece de maneira que

Muitas vezes é um atributo distinto de um objeto ao nível básico que é representado iconicamente no sinal. Por exemplo, o sinal PIANO representa os movimentos feitos por mãos e dedos ao tocar um piano; O VIOLÃO representa como se toca um violão. Presumivelmente, não se pode representar 'piano' mostrando que faz sons (por exemplo, apontando para a orelha) porque tal sinal não representaria distintamente um piano em contraste com um violão. Quando pediram para inventar um novo sinal de "piano", os nossos informadores consideraram um ponto para o ouvido um mau sinal. Do mesmo modo, um sinal que represente sentado num assento insuflável e em movimento é um mau sinal para o "avião"; não distingue um avião de um comboio ou de um carro¹⁶ (Klima; Bellugi, 1979, p. 229, tradução nossa).

A relação entre estes itens e o item superordenado interfere na construção icônica, uma vez que a iconicidade precisa apresentar uma distinção entre os demais itens da mesma categoria. Além disso, os autores também dizem que itens básicos são comumente sinais únicos

¹⁶ "Often it is a distinguishing attribute of an object at the basic level which is represented iconically in the sign. For example, the sign PIANO represents the motions made by hands and fingers in playing a piano; GUITAR represents those made on a guitar. One could presumably not represent 'piano' by showing that it makes sounds (say, by pointing to the ear) because such a sign would not distinctively represent a piano in contrast to a guitar. When asked to invent a new sign for 'piano,' our informants considered a point to the ear a bad sign. Likewise, a sign that represents sitting in a bouncy, moving seat is a bad sign for 'airplane'; it does not distinguish an airplane from a train or a car" (Klima; Bellugi, 1979, p. 229).

que apresentam características comuns ao item superordenado, como podemos ver nos instrumentos musicais, em que todas as representações dizem respeito à função do item superordenado (o instrumento em uso).

Em outra direção, sinais superordenados são compostos de até três sinais básicos da mesma categoria do item superordenado. Por exemplo, “A sequência FEIJÃO^CENOURAS^MILHO ETC. significa «vegetal.», COLAR^PULSEIRA^ANEL ETC. significa «joias»¹⁷” (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 230, tradução nossa). Há ainda a possibilidade de utilizar a soletração manual do item superordenado do inglês para indicar o sinal, assim, V-E-G-E-T-A-B-L-E seria uma outra forma de dizer BEANS^CARROTS^CORN ETC.

Ainda que seja possível em qualquer língua dizer itens de uma mesma categoria para se chegar ao item superordenado, em ASL, “os superordenados não são meramente listas ad hoc de termos do nível básico. A sua formação é regular e limitada de várias formas”¹⁸ (Klima; Bellugi, 1979, p. 231, tradução nossa). Os autores então apontam 3 características especiais na composição dos superordenados: propriedades rítmicas especiais, os itens têm uma relação semântica estreita, são selecionados bons exemplares da categoria superordenada e, por fim, há restrições de escolha baseada no comprimento do sinal e na ordem em que os sinais aparecem. Desta forma, os vegetais escolhidos para compor o superordenado são de uma mesma categoria, são representativos desta categoria, e são sinais relativamente curtos sinalizados num ritmo específico.

Um comportamento parecido é percebido na composição de subordinados na ASL, no que diz respeito a um ritmo de sinalização específico. Sinais como FOOD^TABLE (MESA^COMER) e COOK^TABLE (MESA^COZINHAR) não são simplesmente a junção destes sinais, mas há uma redução do primeiro sinal e um movimento complementar entre os sinais. Klima e Bellugi (1979) chama este tipo de composto de subordinado de composto convencional.

Além deste tipo, há as composições de um sinal básico com um sinal classificador do tipo SASS (*Size-and-Shape Specifiers*). Os autores afirmam que “em ASL 'piano vertical' é um composto constituído pelo sinal básico PIANO seguido de dois SASS's que indicam a forma do topo e dos lados do piano”¹⁹ (Klima; Bellugi, 1979, p. 239, tradução nossa). Como vimos na

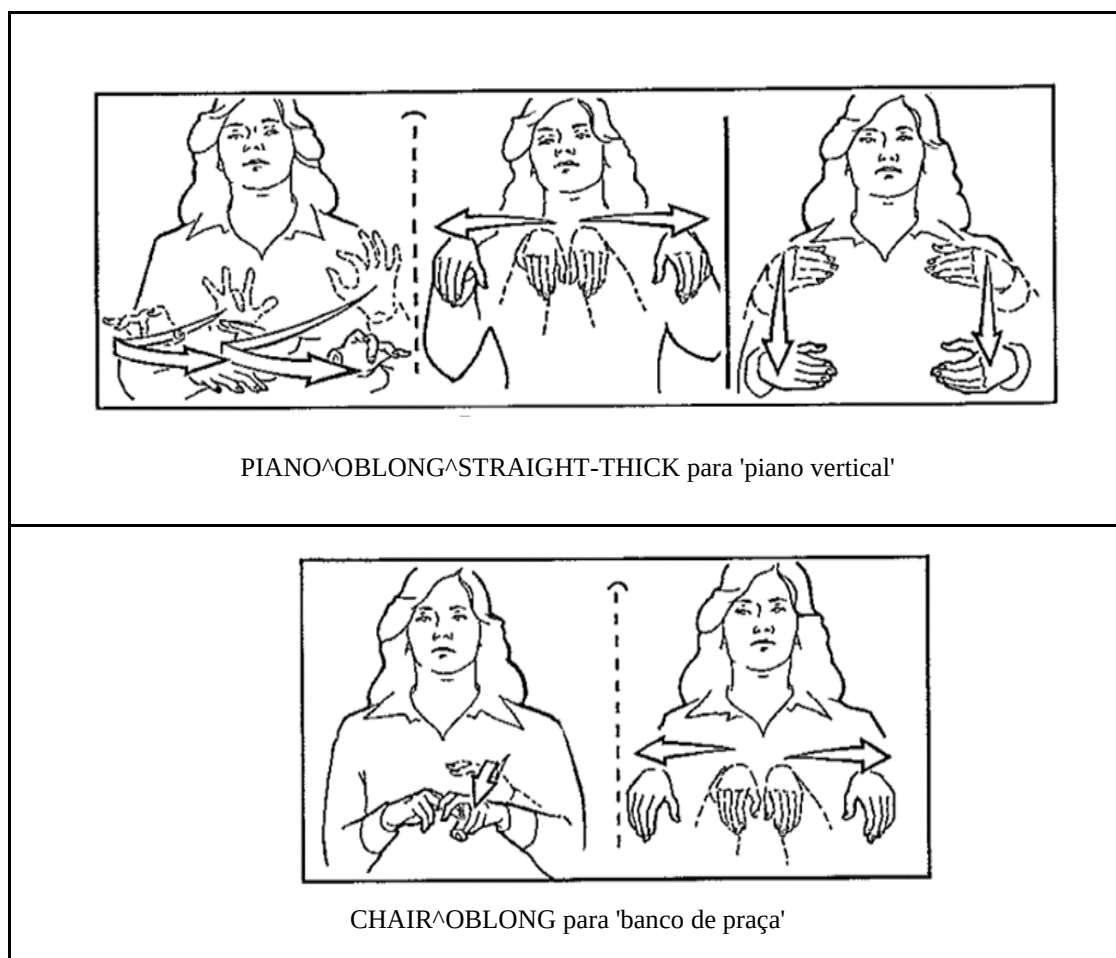
¹⁷ “The sequence BEANS^CARROTS^CORN ETC. means 'vegetable.', RING^BRACELET^NECKLACE ETC. means 'jewelry’” (Klima; Bellugi, 1979, p. 230).

¹⁸ “superordinates are not merely ad hoc listings of basic level terms. Their formation is regular and limited in a number of ways” (Klima; Bellugi, 1979, p. 231).

¹⁹ “in ASL 'upright piano' is a compound consisting of the basic sign PIANO followed by two SASS es indicating the shape of the top and sides of the piano” (Klima; Bellugi, 1979, p. 239).

seção anterior, estes classificadores são utilizados para apresentar características de tamanho e forma do item básico, gerando assim o item subordinado. A Figura abaixo apresenta o exemplo citado.

Figura 3 - Termos subordinados em ASL: compostos de sinais de nível básico com especificadores de tamanho e forma



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 239).

Os autores ainda explicam que um mesmo classificador pode representar especificações diferentes a depender do item básico que o precede, conforme vemos na Figura acima. No primeiro caso, o sinal intermediário é utilizado em conjunto com o terceiro para indicar a forma do piano, não necessariamente para indicar que é um piano longo. No segundo exemplo, o mesmo sinal é utilizado para indicar que a cadeira na verdade é extensa para os lados, indicando que ela é um banco de praça. ainda, Klima e Bellugi (1979) explicam que

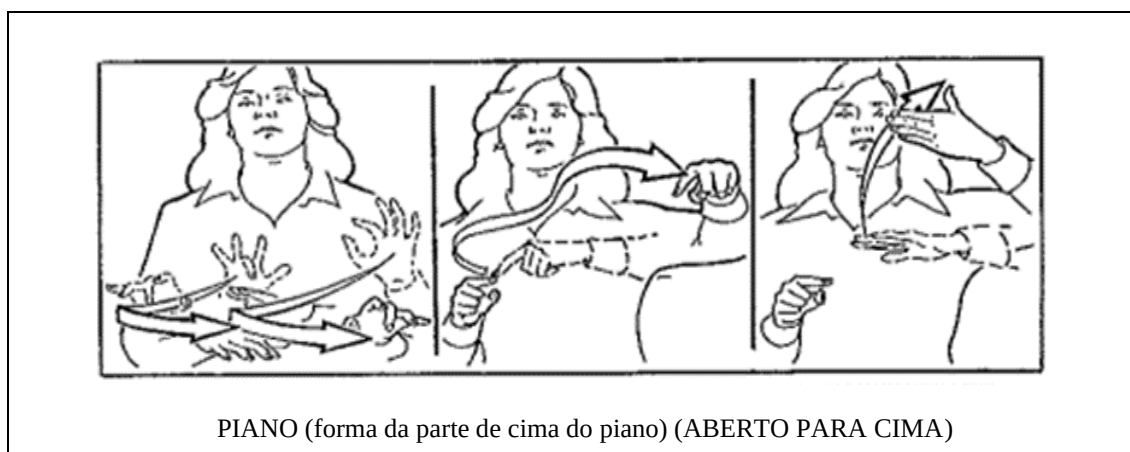
Este mesmo SASS ocorre com uma série de outros sinais. Quando segue sinal MESA, o composto refere-se a uma mesa que é longa em relação à sua largura, como uma mesa de café; quando segue o sinal PÃO, o composto refere-se a um longo pão; quando segue o sinal COSTURA e precede o sinal CARREGAR, o composto refere-se a uma caixa de máquina de costura portátil, e assim por diante. Mais uma vez, o

SASS é um gesto convencionalizado usado como parte vinculada de compostos para se referir a uma forma geralmente alongada. Não descreve as dimensões exatas desta forma; pelo contrário, representa uma classe geral de formas²⁰ (Klima; Bellugi, 1979, p. 240, tradução nossa).

Além de ser clara a característica do classificador como um elemento produtivo com um significado combinado ao sinal do seu composto, os autores evidenciam outra característica do classificador de formato, o fato dele não ser uma tentativa de representação exata da realidade, o que aponta a convencionalidade dos classificadores e, assim, a sua produtividade, uma vez que ele pode ser utilizado em diferentes sinais, sem seguir uma representação transparente da realidade.

Ainda assim, há compostos de subordinados que são mais miméticos que os apresentados até agora. Klima e Bellugi (1979) os compostos com um item básico mais um SASS são composições convencionalizadas na língua, mas nem todos os subordinados são convencionalizados. Nestes casos, “os sinalizantes produzirão expressões que consistam num sinal de nível básico seguido de uma representação mimética que segue cuidadosamente a forma do subordinado particular²¹” (Klima; Bellugi, 1979, p. 240, tradução nossa). Na pesquisa realizada pelos autores, ao se depararem com tipos diferentes de pianos, os sinalizantes utilizaram diferentes sinais de representação para especificar o item básico, conforme a Figura a seguir.

Figura 4 - Termos subordinados em ASL: composições de sinais de nível básico com representação mimética.



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 241).

²⁰ “This same SASS occurs with a number of other signs. When it follows the sign TABLE, the compound refers to a table that is long relative to its width, like a coffee table; when it follows BREAD, the compound refers to a long loaf of bread; when it follows SEWING and precedes CARRY, the compound refers to a case for a portable sewing machine, and so forth. Again, the SASS is a conventionalized gesture used as a bound part of compounds to refer to a generally elongated shape. It does not describe the precise dimensions of that shape; rather, it stands for a general class of shapes” (Klima; Bellugi, 1979, p. 240).

²¹ “signers will produce expressions consisting of a basic level sign followed by a mimetic depiction that follows fairly carefully the shape of the particular subordinate” (Klima; Bellugi, 1979, p. 240).

Sendo assim, mesmo os sinais subordinados não convencionalizados, seja pela composição convencional de dois itens básicos, seja pela composição de um item básico com um SASS, são produzidos em ASL através da produtividade dos sinais de representação, pois “é uma forma comum de lidar com lacunas lexicais”²² (Klima; Bellugi, 1979, p. 242, tradução nossa). Os autores ainda afirmam que este recurso das línguas de sinais são um caminho para a criação de sinais subordinados convencionais.

A conclusão sobre o estudo feito por Rosch *et al.* (1976) que é atestada no estudo de Klima e Bellugi (1979) é a de que as categorias linguísticas refletem as categorias conceituais. A diferença entre as respostas de falantes do inglês e de ASL demonstra que estes indivíduos partem de visões diferentes da realidade. O passo que Klima e Bellugi (1979) dão adiante é que a ASL encontra outras estratégias linguísticas para realizar os sinais, o que mostra como as línguas de sinais podem se utilizar de outros processos cognitivos, como a representação. Na seção seguinte, vimos como este modelo foi aplicado numa pesquisa sobre categorização em Libras realizada por Faria-do-Nascimento (2009).

2.2.2.2 Itens básicos, subordinados e superordenados em Libras

Esta seção apresenta especificamente a pesquisa de Faria-do-Nascimento (2009). Não nos debruçamos sobre toda a pesquisa da autora, mas somente sobre como ela relaciona os dados da sua pesquisa com os conceitos de subordinação e superordenação utilizados também por Klima e Bellugi (1979) para analisar categorizações na ASL.

Faria-do-Nascimento (2009) tem como objetivo final em sua pesquisa sobre a Libras “suscitar reflexões que levem a definir caminhos que contribuam a uma melhor representação das categorias” (Faria-do-Nascimento, 2009, p. 27). Para tanto, ela investe parte da sua tese em entender como os processos de categorização funcionam na Libras verticalmente (observando superordenação e subordinação) e horizontalmente (a partir da noção de protótipos, que estabelece uma ordem para uma dada categoria, de modo que o primeiro item da categoria seja um representante da categoria).

Esta fase da pesquisa de Faria-do-Nascimento foi baseada num “estudo exploratório por meio de uma metodologia qualitativa aplicada em um micro pesquisa de campo sistemática e participante, sob o método experimental e, também, bibliográfico” (Faria-do-Nascimento,

²² “it is a common way of dealing with lexical gaps” (Klima; Bellugi, 1979, p. 242).

2009, p. 27), ou seja, a autora realizou um experimento com 3 surdos fluentes na Libras e, relacionou os resultados dos experimentos com dicionários da Libras como o Capovilla (2015).

A autora trabalhou no experimento com as categorias vestuário, animais, brinquedos e alimentos. Dentro da categoria animais, ela ainda utilizou as categorias caninos, aves, felinos e insetos. A categoria alimentos também foi subdividida em outras categorias como bebidas, doces, frutas etc. Os itens foram apresentados como estímulos através de imagens da internet e os participantes teriam que, separadamente, agrupar as figuras e, em seguida, “tiveram a incumbência de nomear [...] cada grupo que havia agrupado” (Faria-do-Nascimento, 2009, p. 28). A maior parte da reflexão da autora foi sobre os protótipos das categorias. Além disso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não houve uma busca na pesquisa por um padrão de categorização na Libras como um todo.

Há, no entanto, duas importantes contribuições da autora sobre o processo vertical da categorização. Em primeiro lugar, ela explica que os surdos utilizaram o sinal ETC juntamente com o item protótipo da categoria para designar o superordenado (e.g., “frutas (MAÇÃ ETC.); vestuário (ROUPA ETC.); brinquedos (BRINCAR ETC.); insetos (ANTENA ETC.)” (Faria-do-Nascimento, 2009, p. 38). No entanto, na subcategoria de animais, em que outros itens superordenados deveriam aparecer no mesmo nível, como felinos e caninos, a autora explica que

O hiperônimo ‘LEÃO^ETC.’ concorre com o hipônimo da categoria ‘CACHORRO^ETC.’, mas não no dialeto dos colaboradores com o estudo. Por isso, na atividade de Fofinha, a subcategoria ‘caninos’ é denominada por um elemento básico ‘cachorro’ (Faria-do-Nascimento, 2009, p. 39).

Em outras palavras, ao realizarem a tarefa de sinalizar superordenados, automaticamente, os itens de dentro da categoria superordenada foram sinalizados como itens básicos. Faria-do-Nascimento (2009) também pontua que

Os participantes depararam-se, no nível subordinado, com a necessidade de nomear a subcategoria dos felinos. Tratava-se, aparentemente, de ‘tipos de leão’. Portanto, LEÃO^PINTA (para designar onça), LEÃO^LISTRA (para designar tigre), LEÃO^NEGR@ (para designar pantera) (Faria-do-Nascimento, 2009, p. 41).

Isto aconteceu porque a pesquisadora apresentou as figuras dos subordinados simultaneamente. Desta forma, os participantes tiveram que estabelecer a distinção entre os itens subordinados. A Figura abaixo apresenta as imagens dos subordinados apresentados aos participantes.

Figura 5 - Subordinados felinos segundo Faria-do-Nascimento (2009)



Fonte: Faria-do-Nascimento (2009, p. 42).

Este detalhe metodológico deve ser percebido, pois, como vimos na pesquisa de Santos (2018), o autor não expõe os participantes à necessidade de distingui-los. E como observado na pesquisa Klima e Bellugi (1979), os compostos de subordinação emergem exatamente dessa necessidade de distinção entre os seus ‘co-subordinados’. Voltamos a este ponto na seção seguinte, quando apresentarmos os resultados da pesquisa de Santos (2018).

Por fim, a autora cria um quadro para relacionar os seus dados com os achados de Klima e Bellugi (1979) sobre a categorização em ASL. Quanto aos itens básicos, Faria-do-Nascimento explica que os achados sobre a Libras apontam uma similaridade de comportamento na Libras e na ASL, de modo que em ambas as línguas, o item básico “é, geralmente, constituído de ULs²³ simples. É, normalmente, componente dos itens lexicais sobre os quais serão construídos os outros dois níveis” (Faria-do-Nascimento, 2009, p. 54). As diferenças de funcionamento repousam sobre a produção de superordenados e subordinados. O Quadro abaixo é um recorte do quadro de Faria-do-Nascimento sobre os superordenados.

Quadro 3 - Reflexões sobre os itens superordenados em ASL e Libras

ASL - Klima e Bellugi (1979)	Libras – Faria-do-Nascimento (2009)
- O nível superordenado é, primeiramente, constituído por sinais prototípicos dos objetos do nível básico, sequenciados.	- A Libras não exige uma citação consecutiva de vários elementos para a nominalização da categoria. É eleito, normalmente, um elemento prototípico em posição mais central de prototipicidade ao qual é acrescentado o indicador de categoria “ETC.”
- Designação da categoria frutas em ASL: • nível superordenado em ASL = APPLE^ORANGE^BANANA^ETC.	- Designação da categoria frutas em Libras: • nível superordenado em Libras = MAÇÃ^ ETC.
- Esses compostos superordenados não têm a ordem do sinal fixada. Sua formação é, portanto, regular e limitada a algumas possibilidades que têm relação com a cadência de uma UL com outra.	Ao contrário da ASL, que segue a fraseologia do inglês, cuja unidade lexical complexa (ULC) ou unidade terminológica complexa (UTC) cresce para a esquerda, na Libras, essas unidades crescem para a direita, na mesma direção que Faulstich (2003) afirma crescerem as formações terminológicas na LP.

Fonte: Adaptação de Faria-do-Nascimento (2009, p. 55).

²³ Unidades Lexicais.

Fizemos um recorte do quadro com as principais diferenças entre os estudos apontadas pela autora. Em primeiro lugar, há uma diferença na quantidade de itens básicos na formação do superordenado, já que na Libras é utilizado somente o protótipo, enquanto que na ASL são utilizados itens representativos. No entanto, não podemos afirmar isto categoricamente, pois o recorte metodológico da autora não é representativo. Ou seja, é possível que produções como VIOLÃO^BATERIA^PIANO apareça na Libras para designar superordenados. Pesquisas mais aprofundadas precisam ser realizadas para descrever a produção de superordenados na Libras.

Outra diferença repousa sobre a ordem dos termos na composição do sinal superordenado, que, mesmo não havendo um padrão de ordem na ASL, ela se comporta como o inglês, enquanto a Libras se comporta como o português. Esta afirmação pode ser mais bem observada nos itens subordinados, uma vez que há uma relação entre sinal básico e especificador, de modo que na Libras, como no português, o item básico tende a aparecer primeiro, e no inglês, por último. No entanto, a autora trouxe esta característica para o quadro dos superordenados. Recortamos em seguida a linha do quadro que trata dos subordinados.

Quadro 4 - Reflexões sobre os itens subordinados em ASL e Libras

ASL - Klima e Bellugi (1979)	Libras - Faria do Nascimento (2009)
- Sinais compostos a partir de composições regulares de sinais simples, normalmente do nível básico da ASL; - ULs compostas, associadas a especificadores de tamanho e forma, que são convencionais e padronizados pelos falantes de ASL; - ULs complexas acrescidas de dispositivos descritivos visuais – descrição mimética da forma dos objetos. Descrições essas que não são convencionadas nem padronizadas, pois elas diferem consideravelmente de um sinalizante para outro. Empregada quando não existe nenhum sinal convencionado e nenhum especificador de tamanho e forma apropriado.	- Parte dos protótipos escolhidos para denominar subcategorias parece não estar, ainda, lexicalizada. Tem-se, contudo, evidências de que os elementos mais centrais do continuum de prototipicidade, à exceção do elemento mais central, são os primeiros candidatos à construção de itens lexicais “nomeadores” de subcategorias. - A categoria dos felinos (LEÃO^BIGODE^ETC.) não está lexicalizada, ainda. Foi uma construção sugerida pelo colaborador do experimento, cuja intuição permite formular essa hipótese. Diante de uma lacuna linguística, o falante lança mão de uma descrição mimética que, por sua vez, é prototípica, disponível, na cognição do falante, para a nomeação de categorias em Libras.

Fonte: Adaptação de Faria-do-Nascimento (2009, p. 54).

Vemos que, enquanto Klima e Bellugi (1979) estabelecem um padrão de comportamento da produção de itens subordinados em ASL, Faria-do-Nascimento (2009) se detém em explicar que ainda não há um processo de lexicalização completo na Libras dos itens subordinados. Ela traz também a proposta de um participante para diferenciar o item superordenado animal (sinalizado como LEÃO^ETC) e o item também superordenado felino

que, para não ser semelhante ao item animal, deveria ter o acréscimo do item BIGODE, sendo sinalizado como LEÃO^BIGODE^ETC. Ainda que este item não seja lexicalizado na língua.

Podemos dizer que há algumas semelhanças nas produções de superordenados e subordinados em ambas as línguas, ainda que a autora não tenha pontuado em seu quadro de comparação. A exemplos disto, quando vemos os subordinados LEÃO^PINTA (para designar onça), LEÃO^LISTRA (para designar tigre), LEÃO^NEGR@ (para designar pantera) sinalizados pelos participantes, podemos dizer que os dois primeiros subordinados são compostos por um item básico (um protótipo) com um SASS, enquanto que o terceiro item é composto convencional com dois itens básicos, o protótipo e o especificador NEGR@. O uso deste especificador pode ser justificado pelo fato de que este é o único felino de cor escura entre os felinos apresentados.

Em suma, as reflexões sobre o uso de itens superordenados, básicos e subordinados foi importante para a nossa investigação sobre hiperônimos e hipônimos, uma vez que percebemos que há naturezas diferentes, tanto de hiperônimos, quanto de hipônimos, e isto vai depender da cadeia vertical da categorização dos itens.

2.3.2 Protótipos linguísticos

Vejamos brevemente como Rosch (1975) estudou a categorização linguística horizontal. Vimos como o princípio da economia (do menor esforço) opera nas categorizações, de forma que protótipos sejam formulados. Da mesma forma que de um ponto de vista vertical, o item básico é o mais próximo da realidade do grupo social ou do indivíduo, como mostrado nas pesquisas acima, o item mais prototípico é o item mais saliente na relação horizontal de uma categoria. Como vimos, ao realizar itens superordenados, tanto na ASL, quanto na Libras, os sinalizantes tendem a escolher os itens mais prototípicos da categoria.

Rosch (1978) em sua definição, explica que “Por protótipos de categorias, geralmente nos referimos aos casos mais claros de pertencimento à categoria, definidos operacionalmente pelos julgamentos das pessoas sobre a qualidade do pertencimento à categoria.” (Rosch, 1978, p. 11, tradução nossa²⁴). Aqui, a autora utiliza Wittgenstei (1953) para dizer que a dificuldade dos nossos julgamentos de categoria depende das fronteiras estabelecidas entre os conceitos. Ela, então, utiliza a metáfora da área de duas casas vizinhas para dizer que há mais questões sobre qual a área da casa a justamente na fronteira entre a casa A e a casa B, do que quando olhamos para sala no centro da casa a. Ou seja, há elementos de uma certa categoria que são

²⁴ “by prototypes of categories we have generally meant the clearest cases of pry membership defined operationally by people’s judgments of goodness of membership in the category (Rosch, 1978, p. 11).

mais claramente parte daquela categoria do que outros. Os elementos mais fáceis de serem julgados como uma categoria tendem a ser mais prototípicos do que elementos mais difíceis de serem julgados como tal.

Outra característica pontuada por Rosch e Mervis (1975) é a de que elementos prototípicos apresentam mais características semelhantes com os demais elementos da categoria. Voltando ao exemplo da cadeira. Podemos dizer que uma cadeira é um móvel mais prototípico do que uma escrivaninha porque apresenta características mais gerais encontradas em outros móveis. Ainda mais porque “cadeira” tem mais pistas válidas para ser caracterizada como um móvel. A autora ainda diz que tanto as características que mais representam uma categoria, quanto as características que mais distingue aquela categoria estão relacionadas com a prototipicidade. Assim, o elemento mais prototípico é também o que tem elementos que mais distinguem aquela categoria.

Esta noção de prototipicidade também se expande para outros domínios. Na sintaxe, o trabalho de Dowty (1989) apresenta o conceito de proto-agente e proto-paciente, como sendo elementos com traços semânticos que são mais representativos do agente e do paciente. Para o autor, o Agente mais prototípico tem volição, movimento autônomo e é causador, enquanto que o Paciente mais prototípico não tem controle e sofre a ação. Outros traços, como a animação, também estão mais prototipicamente ligados ao Agente do que ao Paciente.

Podemos também observar a prototipicidade na iconicidade dos sinais. Na seção dedicada à iconicidade, vimos que o processo cognitivo envolvido na hora em que um sinal icônico é criado é afetado diretamente pelo fenômeno da prototipicidade (ver Taub, 2004). Quando uma imagem é selecionada mentalmente para ser representada, as partes mais prototípicas da entidade tendem a ser selecionadas para a fase de esquematização, para que, enfim, a codificação na língua de sinais represente a entidade. Assim, ao representar uma árvore, as partes mais prototípicas visualmente, o formato do tronco com a forma gerada pelas folhas é selecionado para serem representados pelo antebraço e pela mão aberta, respectivamente. É importante salientar que há também restrições impostas pelos articuladores manuais que podem interferir na escolha baseada na prototipicidade. Podemos ver a seguir mais detalhes sobre este processo na seção 2.4.4.

Nossa investigação sobre a prototipicidade nos nossos dados estará mais relacionada ao processo de representação icônica do que à organização das categorias. Quanto à prototipicidade na organização das categorias, podemos pressupor que referentes como POODLE, PASTOR-ALEMÃO e PITBULL são mais prototípicos do que um Shih tzu. É esperado, portanto, que estes referentes mais prototípicos sejam sinalizados com itens

lexicalizados pela maior parte dos sinalizantes. No entanto, para além desta reflexão, vamos observar quais estratégias de esquematização são mais utilizadas para representar iconicamente os referentes, de forma que podemos identificar quais elementos visuais são mais prototípicos na representação icônica, a partir da frequência com que estes elementos são representados em diferentes referentes. A partir desta observação, vamos analisar como itens já lexicalizados, e sinais de representação se comportam em relação a este comportamento prototípico de construção icônica de um sinal.

Esta seção sobre categorização nos auxiliou na compreensão de que para além do arranjo entre itens hiperônimos e hipônimos, há uma relação entre itens básicos com itens superordenados e subordinados, e que esta classificação pode nos ajudar a entender porque itens básicos apresentam mais sinais lexicalizados na Libras. Itens básicos estão mais conectados à experiência corporal das pessoas, de forma geral. Os resultados de Santos (2018) mostram que ouvintes e surdos utilizaram muito mais itens hiperônimos, que são os itens básicos CÃO, GATO, MACACO e PÁSSARO do que itens hipônimos, que são itens subordinados. Agora, é importante investigar de que forma, os processos cognitivos interferem nas estratégias de produção de itens hipônimos/subordinados, não só no fenómeno da categorização, quanto no fenómeno da iconicidade. Para isso, é importante descrever a organização lexical da Libras e o que é de fato iconicidade.

2.3 ESTUDO SOBRE O LÉXICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Há um importante estudo sobre a língua de sinais, tendo como base a Língua de Sinais Australiana (Auslan) realizado por Johnston e Schembri (2007). Na seção que trata do estudo do léxico, os autores apresentam um esquema de organização do léxico da Auslan que pode ser utilizado para descrever a Libras. Iniciaremos esta seção tratando das proposições dos autores que podem ser aplicadas às línguas de sinais de uma maneira geral e, em seguida, utilizamos Santos (2018) e Batista (2020) para apresentar como estas proposições podem ser vistas e analisadas na Libras.

2.3.1 O léxico das línguas de sinais

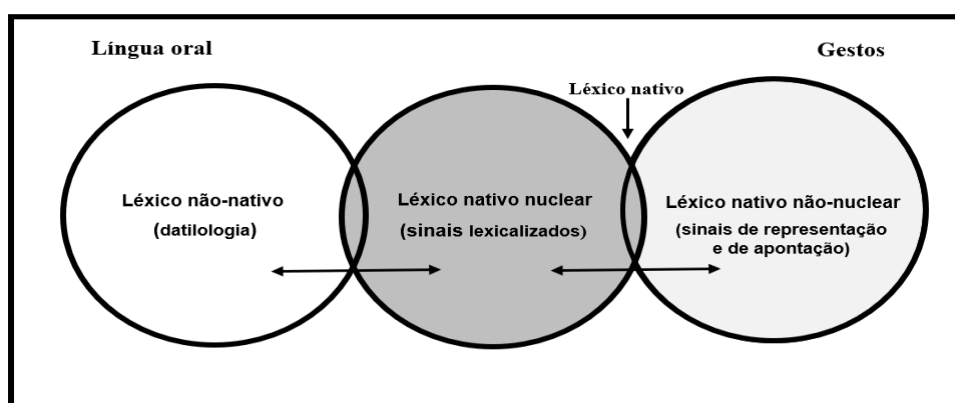
Johnston e Schembri (2007) iniciam as suas reflexões sobre o léxico afirmando que há uma parte do léxico que existe em potencial, e outra parte que já existe de fato, baseados em Spencer (1991). Eles fazem esta distinção para separar os itens lexicais que estão no núcleo do

léxico dos que estão na periferia do léxico, a saber, os sinais de representação²⁵ e de apontação, sendo os sinais do núcleo do léxico categorizados como sinais de fato (*actual signs*) e os sinais de representação e de apontação como sinais em potencial (*potential signs*).

Além desta distinção, os autores fazem uma importante separação entre sinais nativos e não nativos, a partir da qual é possível diferenciar os empréstimos linguísticos dos sinais que emergem da própria estrutura linguística. Assim sendo, os sinais que têm como base a escrita de palavras com valor semântico aproximado de línguas orais, de forma que são utilizadas na formação de um dado sinal as configurações de mão convencionalizadas para as letras do alfabeto das palavras de semântica aproximada.

Os autores afirmam que os sinais não nativos e os não nucleares podem vir a ser sinais nucleares através de um processo de lexicalização. O esquema abaixo representa a relação entre os sinais não nativos e os nativos nucleares e não nucleares.

Figura 6 - Língua oral versus gestos



Fonte: Versão adaptada de Johnston e Schembri (2007, p. 158).

Abordaremos inicialmente as características e funcionamento do léxico nativo nuclear. Em seguida, traremos a relação entre o léxico nativo não nuclear e o nuclear e, por fim, a relação entre o léxico não-nativo com o léxico nativo. Para tanto, utilizaremos como suporte os trabalhos de Branchini e Mantovan (2020) que tratam destas categorias na língua de sinais italiana (LIS), além do trabalho de Johnston e Schembri (2007).

²⁵ *Depicting signs* (Sinais de representação): este conceito é utilizado pelos autores para se referirem ao termo Classificador, amplamente utilizado nos estudos sobre as línguas de sinais no Brasil. Mesmo ainda utilizando este termo (classificador), há uma preferência pelos autores em não utilizá-lo para este conceito, porque ele possui significados diferentes nos estudos de línguas orais e de sinais (Johnston; Schembri, 2007, p. 172). Ver Zeshan (2003) para uma análise dos sinais de representação como sendo sinais semi-lexicalizados.

2.3.1.1 Léxico nativo nuclear

Branchini e Mantovan (2020) apontam uma importante particularidade dos sinais do núcleo do léxico. Segundo as autoras, “os sinais de léxico do núcleo são mais arbitrários do que os sinais de léxico não-nuclear. Na maioria dos sinais, não há correspondência clara entre o sinal e a forma da entidade real²⁶” (idem, 2020, p. 119, tradução nossa). Entendemos que isto se deve ao processo de lexicalização que, conforme abaixo, esvazia a função morfológica dos parâmetros (como movimento, configuração de mão e ponto de articulação), de forma que eles perdem o caráter morfêmico para se tornarem estritamente fonológicos.

Johnston e Schembri (2007) subdividem o léxico nativo nuclear a partir da concepção de morfema para as línguas de sinais. Desta forma, eles afirmam que há no núcleo do léxico sinais monomorfêmicos, chamados também de sinais completamente especificados (*completely specified signs*). De acordo com os autores, “estes parecem estar listados no léxico mental do sinalizante como unidades significativas individuais e são, portanto, equivalentes a morfemas livres numa língua oral, como o inglês”²⁷ (idem, 2007, p. 159, tradução nossa). Note-se que a comparação com os ditos morfemas livres das línguas orais se dá por um viés semântico, pois estes sinais apresentam uma unidade de sentido, assim como os morfemas livres das línguas orais.

Não buscamos aqui correspondências morfológicas entre sinais e palavras, uma vez que são entidades linguísticas de natureza diferentes. De modo geral, podemos dizer que os sinais no núcleo do léxico apresentam um significado estável, ou seja, seus traços semânticos são estabelecidos, assim como os traços formais e fonológicos. Quanto aos traços fonológicos, Branchini e Mantovan (2020) afirmam que há restrições fonológicas quanto à formação dos sinais no núcleo do léxico. As autoras apresentam o quadro abaixo em seu trabalho, que diz respeito às configurações de mão possíveis em sinais feitos com duas mãos de maneira assimétrica, ou seja, quando cada mão apresenta uma configuração de mão diferente.

²⁶ “core lexicon signs are more arbitrary than non-core lexicon signs. In the majority of signs, there is no clear correspondence between the sign and the shape of the real entity” (Branchini; Mantovan, 2020, p. 119).

²⁷ “These appear to be listed in the signer’s mental lexicon as single meaningful units and are thus equivalent to free morphemes in a spoken language such as English” (Johnston; Schembri, 2007, p. 159.).

Quadro 5 - Configurações de mão da mão não dominante encontradas em sinais de duas mãos assimétricas

5	unspread 5 (5 com dedos juntos)	unspread curved open 5 (5 com dedos juntos curvado e aberto)	curved closed 5 (5 curvado e fechado)	closed 5 (5 fechado)	G
					

Fonte: Adaptado de Branchini e Mantovan (2020, p. 217).

As autoras argumentam que a mão não dominante, ou seja, a mão que não apresenta movimento, não tem configurações de mão além destas dispostas em língua de sinais italiana (LIS). Esta evidência elucida a restrição fonológica exercida na língua aos sinais do núcleo do léxico. Além dos traços semânticos serem estáveis, dos traços fonológicos serem estabelecidos e obedecerem às restrições linguísticas, os traços formais também operam nos itens presentes no núcleo do léxico, de forma que os exemplos dados na seção anterior sobre os traços formais são todos ligados a sinais do núcleo, sendo mais dificilmente aplicados aos sinais do léxico nativo não nuclear.

Johnston e Schembri (2007) explicam que além dos sinais monomorfêmicos, há também sinais compostos por dois sinais do núcleo do léxico. Os autores exemplificam o uso de compostos com o sinal em Auslan CHECK (verificar) composto por SEE (ver) e MAYBE (talvez). Nós encontramos um sinal semelhante em Língua de Sinais Britânica (BSL) ilustrado pelo trabalho de Albuquerque (2022) conforme quadro abaixo:

Quadro 6 - Sinais SEE/EYE, MAYBE e CHECK em BSL

SINAL 1	SINAL 2	COMPOSIÇÃO
 SEE/EYE	 MAYBE	 CHECK

Fonte: *Spreadthesign* (Centro Europeu de Língua Gestual), 2018²⁸ e adaptado de Albuquerque (2022, p. 39).

A LIS também apresenta sinais compostos no núcleo do léxico. Branchini e Mantovan (2020) apresentam como exemplo disso, o sinal SWEET^SASS (bolo redondo), conforme Figura abaixo:

²⁸ Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>. Acesso em: 24 out. 2022.

Figura 7 - Sinal SWEET^SASS (bolo redondo)



Fonte: Branchini e Mantovan (2020, p. 218).

No Brasil, há um importante trabalho sobre expressões idiomáticas na Libras. Albuquerque (2022) afirma que as expressões idiomáticas são composições geradas no núcleo do léxico por dois sinais, de maneira que eles passam a ter um significado específico, nem sempre sendo o resultado da soma dos significados dos dois sinais combinados. A exemplo disso, o autor apresenta a expressão CONHECER-RÁPIDO, que é utilizada quando surdos querem lembrar alguém de algo previamente conversado sem ter que explicar novamente.

Quadro 7 - Expressão idiomática em Libras: CONHECER-RÁPIDO²⁹

Expressão em Libras	GLOSA	Significado
	CONHECER-RÁPIDO (LEMBRAR)	Quando eu quero lembrar alguém de algo que eu já disse antes

Fonte: Albuquerque (2022, p. 52).

Johnston e Schembri ainda apresentam uma segunda categoria dentro do núcleo do léxico, os sinais não completamente especificados (*incompletely specified lexicalized signs*). De acordo com os autores,

Apenas alguns traços destes sinais parecem ser especificados no léxico mental, formando o que pode ser considerado uma raiz ou morfema base. Os demais traços do sinal contêm especificações abertas que devem ser preenchidas por outras unidades significativas para produzir uma forma modificada do sinal base. Exemplos de sinais

²⁹ Disponível em: <https://youtu.be/ZmfJpOV9Oh0?si=9VtXGqr9rYoViQhb>. Acesso em: 20 mar. 2024.

lexicalizados de especificação incompleta são os verbos com concordância³⁰ (Johnston; Schembri, 2007, p. 160, tradução nossa).

Verbos com concordância (*indicating verbs*) são verbos que concordam espacialmente com sujeito e/ou objeto na sentença. Ou seja, a posição inicial e final do verbo depende de onde estão posicionados sujeito e objeto na estrutura sintática. Desta forma, a forma completa deste tipo de verbo só acontece com a combinação de informações fonológicas, semânticas e formais pré-estabelecidas no léxico com informações da estrutura sintática em que este verbo será inserido. O sinal INVITE (convidar) abaixo exemplifica como a direção do movimento pode variar se a primeira pessoa for o sujeito (primeira Figura), se a primeira pessoa for o objeto (segunda Figura) ou se tanto sujeito quanto objeto não forem a primeira pessoa (terceira Figura).

Figura 8 - Sinal INVITE (convidar) em Auslan



Fonte: Adaptado de Johnston e Schembri (2007, p.161).

Desta forma, temos que no núcleo do léxico há sinais completamente especificados, com estrutura semântica, formal e fonológica completas, sejam eles, monomorfêmicos ou compostos, ou ainda expressões idiomáticas, e sinais não completamente especificados, os quais necessitam de informações sintáticas para serem estabilizados. A seguir, apresentamos agora como funciona o léxico nativo não-nuclear.

2.3.1.2 Léxico nativo não-nuclear

O léxico nativo não-nuclear está em com o léxico nativo nuclear por emergir da própria língua de sinais, mas ainda não é ainda um léxico com morfologia e semântica estáveis. Entretanto, não podemos dizer que esta parte do léxico é aleatória e assistemática, ou seja, ao

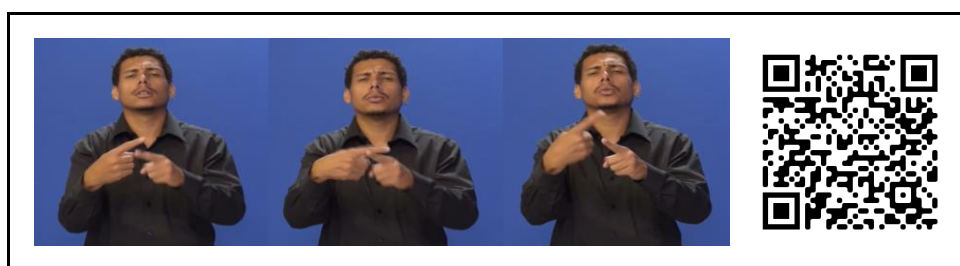
³⁰ “Only some of the features of these signs appear to be specified in the mental lexicon, forming what *might be considered a root or base morpheme*. The rest of the sign’s features contain open specifications that must be filled by other meaningful units to produce a modified form of the base sign. Examples of incompletely specified lexicalised signs would include the *indicating verbs*” (Johnston; Schembri, 2007, P. 160).

observar esta categoria, vimos que há sistematicidade no funcionamento da língua e que há também a capacidade gerativa da língua a partir deste funcionamento. Sobre isto, Johnston e Schembri vão dizer que assim como em outras línguas de sinais, a Auslan tem

Uma ampla gama de unidades significativas no léxico nativo não nuclear: uso de configuração de mão, orientação, ponto de articulação e movimento, bem como uma variedade de sinais não manuais, estão disponíveis no léxico mental do sinalizante fluente. Estas unidades podem ser usadas pelo sinalizante para estender ou modificar o significado de sinais lexicalizados, como vimos com o uso do espaço nos verbos com concordância³¹ (Johnston; Schembri, 2007, p. 164, tradução nossa).

É possível, portanto, que em Auslan unidades fonológicas de um sinal, configuração de mão, ponto de articulação e movimento, por exemplo, apresentam um caráter fonológico, de segunda articulação (ver Martinet, 1972) em sinais do núcleo do léxico, enquanto estas mesmas unidades (configuração de mão, ponto de articulação e movimento) apresentem um caráter morfológico, de primeira articulação. Na Figura 9 abaixo, o sinal PORQUE, que está presente no núcleo do léxico, é realizado com a configuração de mão do dedo indicador selecionado e os demais fechados.

Figura 9 - Sinal de PORQUE³² em Libras



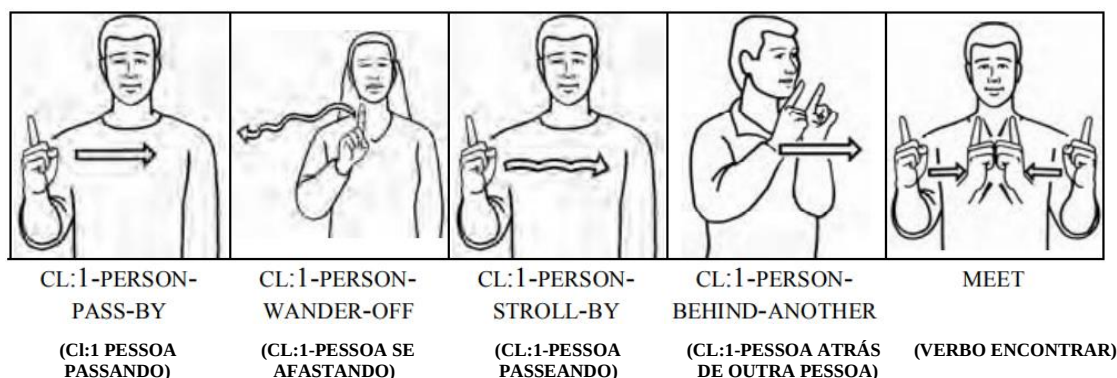
Fonte: Signbank - UFSC (2020).

A configuração de mão neste sinal não apresenta qualquer valor morfológico. No entanto, na Figura abaixo, vimos que esta mesma configuração de mão, pode ter um valor morfológico, representando uma entidade do tipo pessoa.

³¹ “a wide range of such meaningful units in the non-core native component of the lexicon: meaningful uses of handshape, orientation, location and movement, as well as a variety of non-manual signals, are available in the mental lexicon of the fluent signer. These units can be used by the signer to extend or modify the meaning of lexicalized signs, as we have seen with the use of space in indicating verbs” (Johnston; Schembri, 2007, p. 164).

³² Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/2285>. Acesso em: 25 out. 2022.

Figura 10 - Classificador 1 e suas derivações



Fonte: Adaptado de Johnston e Schembri (2007, p. 164).

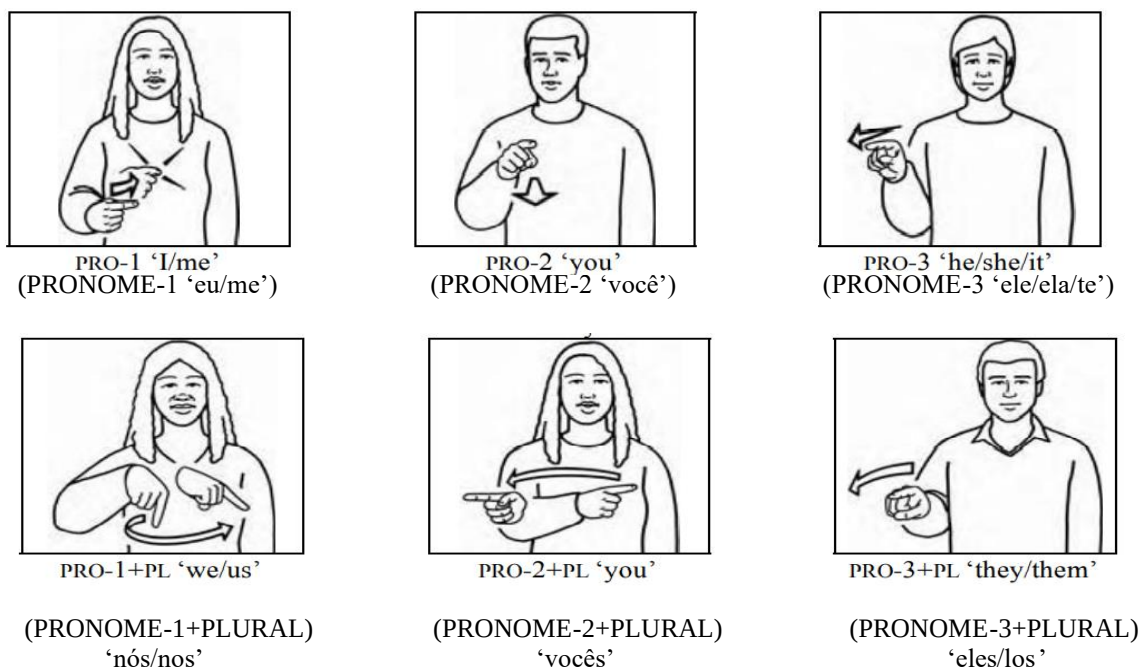
Note que movimentos diferentes para esta mesma configuração podem representar mudanças semânticas e sintáticas, o que implica na função morfológica, tanto da configuração de mão, quanto do movimento no sinal. Além disso, os autores explicam que sinais do léxico não nuclear podem vir a se tornar sinais do léxico nuclear, como é o caso do último sinal da Figura acima MEET (encontrar). Este sinal já está lexicalizado e, portanto, tanto configuração de mão, quanto movimento perdem o caráter morfológico, passando a ter somente um caráter fonológico distintivo. Johnston e Schembri (2007) dividem o léxico nativo não nuclear em dois grupos, os sinais de apontação e os sinais de representação.

2.3.1.2.1 Sinais de apontação

Cada sinal de apontação “funciona indicando o seu referencial que pode estar fisicamente presente, localizado em outro lugar, ou imaginado como se estivesse presente”³³ (Johnston; Schembri, 2007, p. 173, tradução nossa). A Figura abaixo representa os sinais desta categoria em Auslan.

³³ “Works by indicating its referent which may be physically present, located somewhere else, or imagined to be present” (Johnston; Schembri, 2007, p. 173).

Figura 11 - Sinais de apontação em Auslan



Fonte: Adaptado de Johnston e Schembri (2007, p. 173).

Há, portanto, uma função geral para os sinais de apontação que se detém em indicar os referentes no espaço, independentemente do tipo de espaço (é possível observar que há uma classificação para os tipos de espaço na seção seguinte). Note-se também que os sinais de apontação apresentam sempre uma mesma forma, tendo a configuração de mão  com o dedo indicador selecionado. Tanto o ponto de articulação, quanto o movimento poderão ter funções sintáticas ou morfológicas contextuais.

Quanto à função dos sinais de apontação, Branchini e Mantovan (2020) afirmam que “os sinais de apontação são difundidos no léxico da LIS e ocorrem em vários contextos, com diferentes funções morfossintáticas: como pronomes, determinantes, demonstrativos, advérbios locativos e marcadores de concordância³⁴” (idem, 2020, p. 225, tradução nossa). Há, portanto, uma série de funções para estes sinais, e estas funções somente são percebidas no contexto sintático.

Há claramente uma diferença entre esta categoria lexical e os itens presentes no núcleo do léxico, pois eles abrangem uma gama considerável de possibilidades fonológicas no que diz respeito ao uso do espaço, assim como abrangem também o seu aspecto formal e semântico.

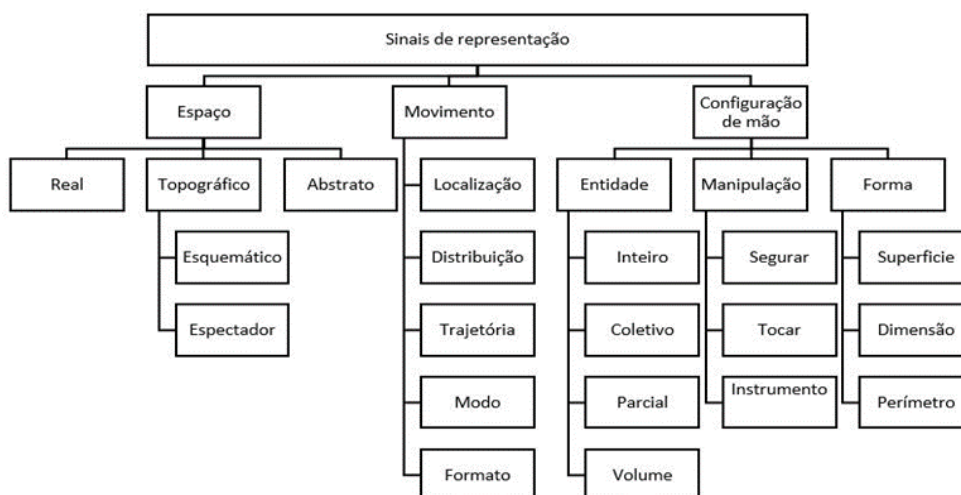
³⁴ *Pointing signs are widespread in the LIS lexicon and occur in several contexts, with different morphosyntactic functions: as pronouns, determiners, demonstratives, locative adverbials and agreement markers* (Branchini; Mantovan, 2020, p. 225).

Entretanto, Johnston e Schembri (2007) também afirmam que estes sinais de apontação podem gerar sinais no núcleo do léxico, como o sinal HEAR (ouvir) em Auslan que é feito com a apontação para a orelha, evidenciando assim o caráter gerativo desta categoria nos processos de lexicalização nas línguas de sinais.

2.3.1.2.2 Sinais de representação

Os sinais de representação, por sua vez, apresentam uma gama maior de configuração de mão e de movimentos e pontos de articulação como tendo funções morfológicas específicas. Johnston e Schembri (2007) com base em estudos anteriores (Supalla, 1982; Liddell e Johnson, 1987; Schick, 1990; Brennan, 1992; Engberg-Pedersen, 1993) apresentam uma classificação para os sinais de representação se baseando nos parâmetros espaço, movimento e configuração de mão. O esquema abaixo é um sumário desta classificação feita por Batista (2020).

Figura 12 - Esquema do modelo de Johnston e Schembri (2007) para os sinais de representação



Fonte: Johnston e Schembri (2007), adaptado por Batista (2020, p. 40).

Santos (2018) em sua pesquisa sobre o uso de hiperônimos e hipônimos com crianças surdas, encontrou como estratégia de identificação de hipônimos, o uso de sinais de representação. No entanto, não há no seu trabalho uma descrição detalhada sobre a estrutura dos sinais de representação. Entendemos que esta descrição pode nos ajudar a analisar as estratégias de identificação de hipônimos na Libras. Apresentamos, portanto, uma revisão sobre cada termo apontado no esquema, de acordo com cada parâmetro, a começar pelo parâmetro espaço.

2.3.1.2.2.1 Espaço

O uso do espaço é dividido pelos autores em três tipos: espaço *real*, *abstrato* e *topográfico*. Apresentamos inicialmente o espaço *real* e o espaço *abstrato*. No espaço *real*, os referentes estão na mesma posição espacial linguística em que os referentes estão na realidade. Se alguém se refere a uma pessoa que está a sua direita e aponta para ela, a apontação está sendo realizada dentro do espaço *real*. O mesmo pode ser aplicado a verbos com concordância (*indicating verbs*). Segundo Johnston e Schembri (2007):

Os verbos com concordância em Auslan incluem os sinais DAR, OBJETIVAR e PAGAR. Em sua forma de citação, cada um desses três sinais é produzido com um movimento de afastamento do sinalizante. Esse movimento pode ser modificado para que seja direcionado a referentes fisicamente presentes no espaço real. A mão dominante no sinal PAGAR, por exemplo, pode ser movida de um local na frente do sinalizante para o local do destinatário para significar 'eu te pago'. Para representar 'você me paga', a orientação da mão e direção de seu movimento é invertida. Todos os verbos com concordância podem ser direcionados à referentes presentes dessa maneira³⁵ (Johnston; Schembri, 2007, p.142, tradução nossa).

Há um caráter dêitico neste uso do espaço, uma vez que, se o referente se move da direita para esquerda no espaço *real*, a direção do sinal também deve mudar da direita para a esquerda, pois o objeto do verbo pagar só poderá ser encontrado se ele estiver direcionado para o referente real, quando se estabelecer esta relação de referenciação no espaço *real*.

Figura 13 - Sinal PAY (PAGAR) em Auslan



Fonte: Johnston e Schembri (2007, p. 143).

³⁵ "Indicating verbs in Auslan include the signs GIVE, OBJECT and PAY. In their citation form, each of these three signs is produced with a movement away from the signer. This movement may be modified so that it is directed at physically present referents in real space. The dominant hand in the sign PAY, for example, can be moved from a location in front of the signer to the location of the addressee to mean 'I pay you.' To represent 'you pay me', the orientation of the hand and direction of its movement is reversed. All indicating verbs can be directed at present referents in this way" (Johnston; Schembri, 2007, p. 142).

No entanto, é possível que a marcação de referentes seja feita num espaço *abstrato*, sem relação com a posição real dos referentes no mundo. Os autores trazem um exemplo dizendo que “uma localização do lado esquerdo do espaço pode ser associada ao referente do sinal PROFESSOR, e do lado direito ao ALUNO. Um sinalizante pode primeiro produzir esses sinais e depois apontar para os locais à esquerda e à direita³⁶” (Johnston; Schembri, 2007, p.137, tradução nossa). Ainda que não haja professores ou alunos no espaço *real*, apenas como a apontação para o espaço de sinalização à direita ou à esquerda, os referentes poderão ser retomados.

Voltando aos verbos com concordância tomando PAY (pagar) como exemplo, caso os referentes já estejam posicionados no espaço *abstrato*, o verbo PAY (pagar) sofrerá uma alteração na sua forma “principalmente para distinguir entre quem é o agente (o referente que provoca ou está diretamente envolvido na ação do verbo) e quem é o sofredor (o referente que é de alguma forma afetado pela ação)³⁷” (Johnston; Schembri, 2007, p. 143, tradução nossa). Ou seja, na Figura abaixo, é possível saber que STUDENT (aluno) é o agente de PAY (pagar), porque o movimento do sinal inicial da mesma posição no espaço *abstrato* que STUDENT (aluno) foi previamente estabelecido. Da mesma forma, sabemos que TEACHER (professor) é o objeto da sentença, por conta da posição final do verbo.

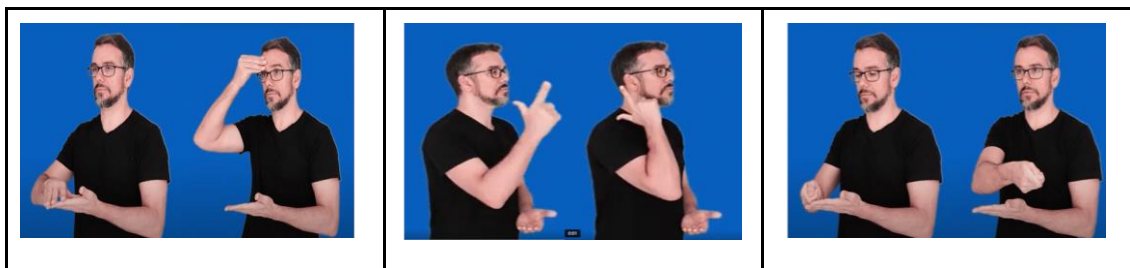
Figura 14 - Forma de citação dos sinais STUDENT, PAY e TEACHER em Auslan



³⁶ “a location on the left side of space can be associated with the referent of the sign TEACHER, and on the right with STUDENT. A signer may first produce these signs, and then point to the locations on the left and right” (Johnston; Schembri, 2007, p. 137).

³⁷ “primarily in order to distinguish between who is the actor (the referent who brings about or is directly involved in the action of the verb) and who is the undergoer (the referent which is in some way affected by the action)” (Johnston; Schembri, 2007, p. 143).

Figura 15 - Sentença: STUDENT TEACHER PAY (o aluno paga o professor)



Fonte: O autor baseado em Johnston e Schembri (2007, p. 142).

Este mesmo uso *abstrato* do espaço pode estar relacionado a referências no discurso a elementos abstratos, de forma que é possível posicionar um conceito de um lado e outro conceito do outro lado, e estabelecer comparações entre eles sempre estabelecendo esta correferência espacial. Apresentamos alguns exemplos na seção que trata do Léxico da Libras.

Por fim, o espaço *topográfico*, que é dividido em dois tipos, *espaço esquemático* e *espaço do espectador*, foram apresentados a seguir. O espaço *topográfico* é um espaço alternativo (não é o espaço real) que tem como objetivo representar as relações espaciais reais entre entidades através de recursos abstratos. No *espaço topográfico do espectador* (definido por Liddel (2003) como espaço sub-rogado) o sinalizante incorpora um referente para mostrar em proporções reais como os demais referentes estão em relação ao referente incorporado. Ao contar uma história, o sinalizante pode direcionar o olhar mais para baixo e acenar, indicando que, nesta história, alguém está acenando para uma criança, por exemplo. A partir desta ação, será possível identificar a distância entre o referente incorporado e a criança e a localização da criança em relação ao referente incorporado, se à sua direita ou esquerda, por exemplo.

Já no *espaço esquemático*, o espaço de sinalização é utilizado para estabelecer as relações espaciais entre os referentes. Johnston e Schembri (2007) explicam que o espaço esquemático

pode funcionar como uma espécie de palco ou mapa onde o sinalizante representa a informação de forma esquemática ou analógica, imitando as relações espaciais dos objetos no mundo real. Assim, o lugar que um signo representativo ocorre no espaço esquemático pode ser usado para se referir a um ponto ou lugar no espaço real³⁸ (Johnston; Schembri, 2007, p.165, tradução nossa).

Há neste uso do espaço uma função comparada a função de algumas preposições das línguas orais como *on* (sobre) e *beside* (ao lado), por exemplo. A Figura abaixo apresenta duas configurações de mão, a primeira  em que os dedos representam as pernas de uma pessoa,

³⁸ “It can work as a kind of stage or map where the signer represents information in a schematic or analogue fashion, imitating the spatial relationships of objects in the real world. Thus, the place a depicting sign occurs in diagrammatic space can be used to refer to a point or place in real space” (Johnston; Schembri, 2007, p. 165).

localiza um ser humano no espaço, enquanto a outra  localiza um carro no mesmo espaço em que o ser humano está.

Figura 16 - Relação entre pessoa e carro no espaço esquemático



Fonte: Johnston e Schembri (2007, p. 166).

Desta forma, ao contar uma história, alguém poderá dizer se estava ao lado de um carro, ou na frente ou até mesmo em cima, somente posicionando mão que representa o ser humano em função da mão que representa o carro. Os autores ainda explicam que o uso de ambos os espaços topográficos numa mesma construção pode gerar um efeito de *zoom* ou distanciamento, conforme Figura abaixo.

Figura 17 - Classificador de pessoa escalando montanha com efeito de *zoom*



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)³⁹

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)⁴⁰

Johnston e Schembri (2007) afirmam que o primeiro classificador passa um efeito de foco distante com uma função de mostrar o percurso do referente no espaço, enquanto que o

³⁹ Disponível em: <https://youtu.be/nhXCoN8uIe8>. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁴⁰ Disponível em: <https://youtu.be/KFcMzKpJkTc>. Acesso em: 20 fev. 2024.

segundo classificador no *espaço do espectador* tem um efeito de foco próximo. Não só na descrição de eventos, mas na descrição de entidades, ambos os espaços podem ser utilizados para descrever referentes. Desta maneira, é possível que encontremos os diferentes usos de espaço na identificação dos hipônimos na Libras.

2.3.1.2.2.2 Movimento

Quanto ao uso do movimento nos sinais de representação, Johnston e Schembri (2007) dividem esta categoria baseados na função do uso, conforme o esquema apresentado anteriormente. Iniciamos com a função de *localização*. A partir da noção do uso do *espaço topográfico esquemático*, os autores afirmam que o movimento pode ser utilizado com a função de posicionar um referente neste espaço. Vale salientar que “Este movimento marcado não significa que o objeto está se movendo dessa maneira, mas é usado para sinalizar que ele está localizado em um determinado local”⁴¹ (idem, 2007, p.167, tradução nossa). Portanto, na relação entre carro e veículo, o movimento curto do carro parando ao lado da pessoa só existe para deixar claro que a configuração de mão é um veículo.

Já na função *distribucional* do movimento, “as mãos se movem pelo espaço para representar a *localização* e o arranjo espacial de vários objetos, ou o movimento de objetos para vários locais em um determinado arranjo espacial”⁴² (ibidem, p. 167, tradução nossa). Sendo assim, havendo vários carros estacionados, o curto movimento do carro parando se repetiria se distanciando do corpo, indicando que são vários carros, não havendo relação alguma de movimento real dos carros com o distanciamento da mão do em relação ao corpo, conforme Figura abaixo.

Figura 18 - Classificador de vários carros estacionados



Fonte: O autor baseado em Johnston e Schembri (2007, p.167).⁴³

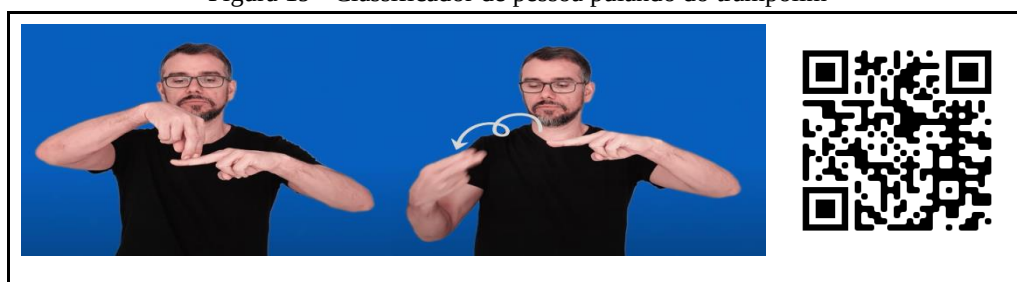
⁴¹ “This stamping movement does not mean that the object is moving in this way, but is used to signal that it is located in a particular place” (Johnston; Schembri, 2007, p. 167).

⁴² “the hands move through space to represent the location and spatial arrangement of a number of objects, or the motion of objects to a number of locations in a particular spatial arrangement (Johnston; Schembri, 2007, p. 167).

⁴³ Disponível em: <https://youtu.be/zqwI5khZgGA>. Acesso em: 20 fev. 2024.

A terceira função do movimento é representar de fato a *trajetória* do referente no espaço. Esta *trajetória* pode ser reta, arqueada, circular ou de vai-e-vem. É possível, portanto, representar um táxi chegando posicionando uma pessoa parada e um carro chegando através de um movimento reto e parando ao lado da pessoa. No entanto, há uma diferença entre a *trajetória* e *modo*, pois, apesar do movimento de *trajetória* já apresentar de certa forma a maneira como o referente está se movendo, é o movimento de *modo* que vai ter a função de trazer de forma específica como esta entidade se movimenta, quando isto se faz necessário.

Figura 19 - Classificador de pessoa pulando do trampolim



Fonte: O autor baseado em Johnston e Schembri (2007, p. 168).⁴⁴

Por fim, os movimentos podem ser utilizados para indicar o *formato* das entidades. É possível indicar a textura de uma superfície com o movimento, utilizando o movimento para desenhar o relevo da superfície, ou para representar as dimensões da entidade descrita. Neste uso do movimento, não há relação alguma entre o movimento das mãos e o movimento do referente descrito, diferente dos movimentos de *modo* e *trajetória*. Entendemos que os movimentos de *formato* podem ser produtivos na identificação de hipônimos, pois eles têm uma evidente função descritiva.

2.3.1.2.2.3 Configuração de mão

As configurações de mão funcionam como classificadores nas línguas de sinais em sinais de representação. É importante apresentar aqui um conceito geral sobre qual seja a natureza dos classificadores na linguagem, seja em línguas de sinais ou orais.

Os classificadores são unidades linguísticas que indicam a que tipo de grupo ou categoria um determinado referente pertence. As marcas são uma referência, por exemplo, à classe das entidades animadas, a classe dos humanos, a classe das coisas redondas, a classe das coisas planas, a classe dos veículos e assim por diante⁴⁵ (Brennan, 1992 *apud* Johnston; Schembri, 2007, p. 173, tradução nossa).

⁴⁴ Disponível em: <https://youtu.be/T5oSW-19qG8>. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁴⁵ “Classifiers are linguistic units which indicate what kind of group or category a particular referent belongs to. They mark out what is referred to as belonging, for example, to the class of animate entities, the class of humans, the class of round things, the class of flat things, the class of vehicles and so on” (Brennan, 1992 *apud* Johnston; Schembri, 2007, p.173).

Johnston e Schmebri (2007) afirmam que nas línguas de sinais os classificadores servem mais para representar as entidades, por estarem numa modalidade visual e gestual, do que categorizar, como acontece em línguas orais como o Mandarim. São 3 os tipos de classificadores nas línguas de sinais: de *entidade*, de *manipulação* e de *forma*, de modo que

- **classificadores de entidade** representam a localização e movimento de pessoas, animais ou objetos;
- **classificadores de manipulação** indicam interação ou movimento de objetos por um ator; e
- **classificadores SASS** fornecem informações descritivas sobre as características de tamanho e forma de pessoas, animais ou objetos.⁴⁶ (idem, 2007, p. 168, tradução e grifo nosso).

Os *classificadores de entidade*, segundo os autores, tendem a imitar o formato dos objetos representados, e podem ser utilizados em verbos de representação, na interação do agente com uma entidade representada. Eles são, por sua vez, divididos em 4 tipos. O primeiro tipo é o de *entidade inteira*. Como o próprio nome sugere, a configuração de mão representa toda a entidade do evento, podendo ser uma pessoa, um animal ou um objeto, como a configuração de mão  para representar um avião, por exemplo, mas há também a possibilidade de o classificador representar somente parte da entidade, sendo este um classificador de *entidade parcial*, como quando alguém usa a configuração de mão  com as duas mãos para representar os pés de alguém andando.

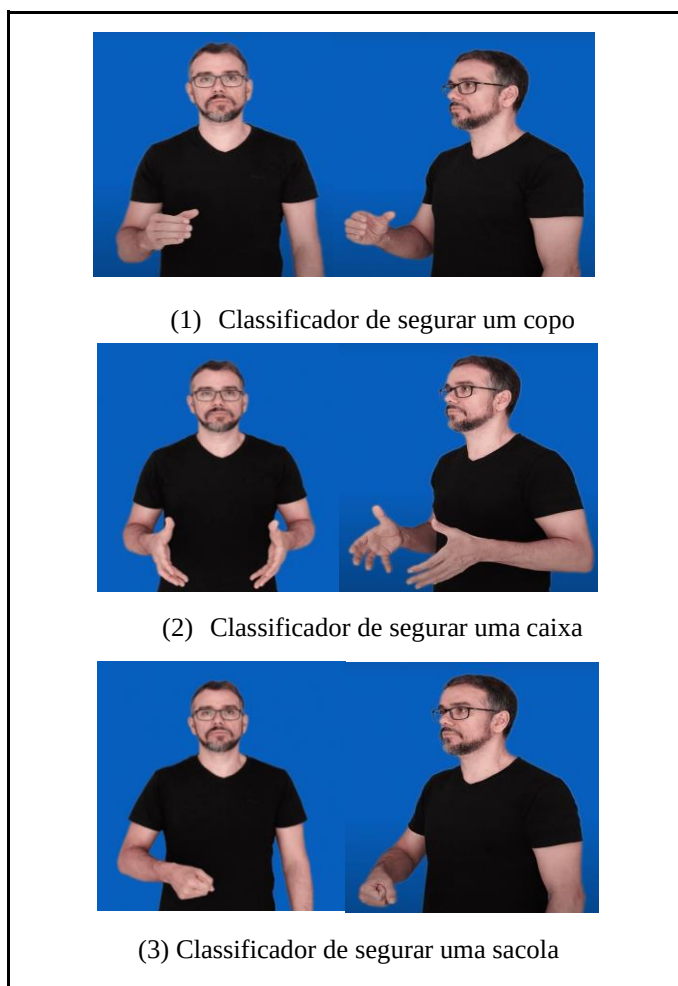
Há também um terceiro tipo de classificador nesta categoria que representa um *coletivo de entidades*, em que a configuração de mão  em movimento pode representar uma multidão andando. Nesta mesma direção, há também os classificadores de *volume de entidade*, que podem representar um volume de papéis ou de água, também com a mão aberta . Exemplos sobre os tipos de entidade foram apresentados na seção sobre o léxico da Libras.

Além de entidades, há *classificadores de manipulação* que, como o nome já diz, representam o ato de manipular um objeto, podendo ser do tipo segurar, tocar ou instrumento. A seguir, podemos visualizar como os autores diferenciam estes três tipos de manipulação, utilizando como base Brennan (1992). Em primeiro lugar, Johnston e Schembri (2007) dizem que, nos classificadores *manipulação de segurar*, “a forma de mão utilizada varia de acordo com o tamanho e a forma do objeto que está sendo manuseado (refletindo diretamente como a

⁴⁶ “entity classifiers represent the location and movement of people, animals or objects; manipulation classifiers indicate interaction or movement of objects by an actor; and SASS forms provide descriptive information on the size and shape characteristics of people, animals, or objects” (Johnston; Schembri, 2007, p. 168).

mão realmente ficaria ao interagir com objetos de várias dimensões)⁴⁷” (p.169, tradução nossa). Ou seja, Se o objeto segurado for um copo, a configuração de mão é , se for uma caixa, , ou se for uma sacola, a configuração , conforme a Figura a seguir:

Figura 20 - Classificadores de segurar um copo (1), uma caixa (2) e uma sacola (3)



Fonte: O autor baseado em Johnston e Schembri (2007, p 169).

Há também classificadores que representam a relação de um humano com o objeto, mas através do toque, que é o caso dos classificadores de *manipulação de toque*. Neste caso, “mexer a mão em  pode ser usado para representar uma caixa automática ou uma calculadora, [...] a mão  para poder acariciar um animal doméstico”⁴⁸ (Johnston; Schembri, 2007, p. 169, tradução nossa). Os exemplos citados pelos autores estão ilustrados na Figura abaixo.

⁴⁷ “the handshape used varies according to the size and shape of the object being handled (directly reflecting how the hand would actually look when interacting with objects of various dimensions)” (Johnston; Schembri, 2007, p. 169).

⁴⁸ *wiggling 5 handshape* pode ser usado para representar usando um caixa automático ou uma calculadora, [...] a mão B para acariciar um animal de estimação” (Johnston; Schembri, 2007, p. 169).

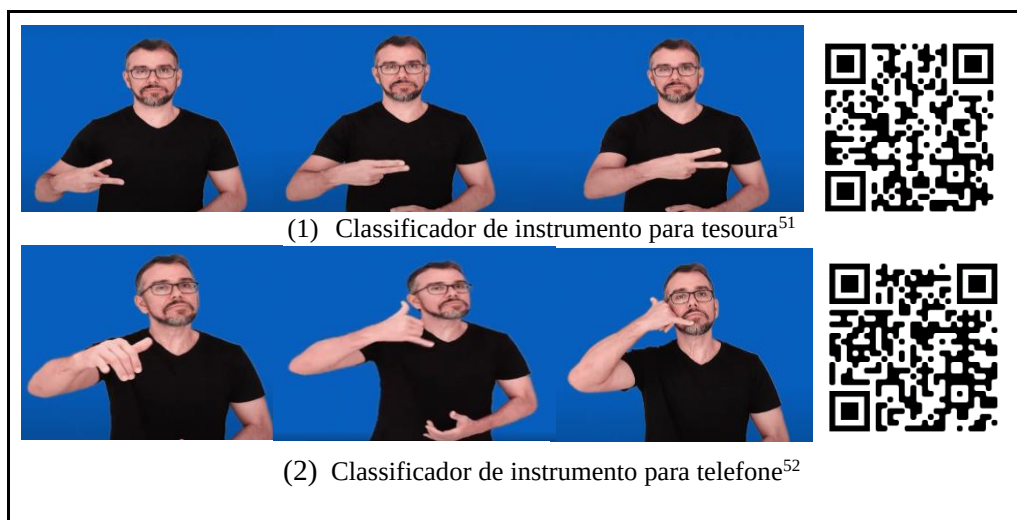
Figura 21 - Classificadores de toque em uma calculadora (1) e alisando um cachorro (2)



Fonte: O autor baseado em Johnston e Schembri (2007, p 169).

Por fim, os autores apresentam a *manipulação de instrumento*. A Figura abaixo apresenta dois exemplos deste tipo de classificador.

Figura 22 - Classificadores de instrumento para tesoura (1) e telefone (2)



Fonte: O autor baseado em Johnston e Schembri, (2007, p 169).

⁴⁹ Disponível em: https://youtu.be/V2TW0r5Hu_g. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁵⁰ Disponível em: <https://youtu.be/FL0ea274iVM>. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁵¹ Disponível em: <https://youtu.be/F75hkyxjLZY>. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁵² Disponível em: https://youtu.be/GcBOjTU1_Gs > Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

É importante frisar que, embora haja uma possibilidade de categorizar os classificadores acima como sendo de entidade, os autores explicam que mesmo que “Iconicamente, as formas de mão instrumentais geralmente representam a forma de um instrumento ou ferramenta (e, portanto, compartilham algumas características de formas de mão de entidade), [...] agir sobre outro objeto”⁵³ (Johnston; Schembri, 2007, p. 170, tradução nossa), ou seja, esta classe é definida pela sua função no predicado.

Entretanto, entendemos que há também uma diferença morfológica entre o *classificador de entidade e de instrumento*, uma vez que a mão que faz o classificador representa não só a entidade, mas também a mão que segura a entidade quando utilizado em verbos de representação. Ou seja, quando alguém usa o classificador para tesoura representando este objeto em cima de uma mesa, por exemplo, ele é categorizado como entidade, mas quando o mesmo classificador é utilizado numa ação como cortar um papel, ele passa a ser um classificador de instrumento, uma vez que agora a mão está representando não somente a tesoura, mas também a própria mão do agente manipulando a tesoura.

Após caracterizar os classificadores de entidade e de manuseio, os autores apresentam os classificadores de forma, chamados de *classificadores SASS* (*Size and shape specifier handshapes*, que quer dizer configurações de mão especificadoras de tamanho e forma). Este tipo de classificador pode ser bastante produtivo na identificação de hipônimos, uma vez que, segundo os autores “As construções do classificador SASS parecem ser adjetivas, descrevendo aspectos da aparência de um referente e suas dimensões. Eles também podem atuar como substantivos em alguns contextos”⁵⁴ (Johnston; Schembri, 2007, p.170, tradução nossa). Os autores se baseiam em Liddell e Johnson (1987) para propor três tipos de SASS, a saber, *superfície, dimensão e perímetro*. Esta classificação poderá nos ajudar a classificar os tipos de sinais de representação utilizados na identificação de hipônimos na Libras.

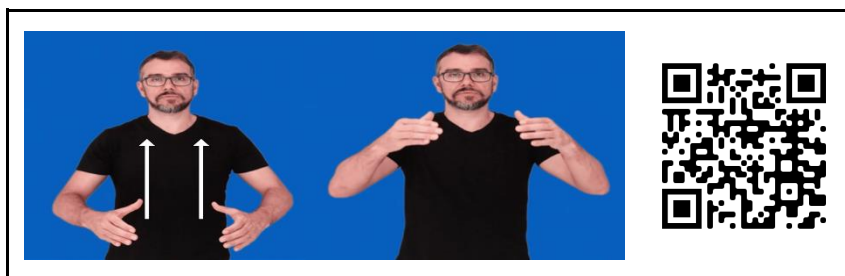
Os *classificadores de superfície* são comumente utilizados com movimentos de formato, em que podemos indicar se a superfície de uma estrada é lisa, ondulada, ou com muitos buracos. Neste sentido, é possível também indicar a superfície do tronco, do bico, ou do rabo de um animal, por exemplo, caso haja a intenção de especificá-lo. Já os *classificadores de dimensão* “representam a profundidade relativa e a largura de objetos, como as duas mãos em  usadas

⁵³ “Iconically, instrumental handshapes often represent the shape of an instrument or tool (and thus share some characteristics of entity handshapes), [...] they may be used in depicting verbs which describe the way someone handles this object, or uses this object to act on another object” (Johnston; Schembri, 2007, p.170).

⁵⁴ “SASS classifier constructions appear to be adjectival, describing aspects of a referent’s appearance and its dimensions. They may also act as nouns in some contexts” (Johnston; Schembri, 2007, p. 170).

para representar as dimensões de canos, postes ou troncos de árvores⁵⁵ (Johnston; Schembri, 2007, p. 170, tradução nossa). O exemplo deste uso para a dimensão de um tronco de árvore é apresentado na Figura abaixo.

Figura 23 - Classificador de dimensão de tronco de árvore



Fonte: O autor baseado em Johnston e Schembri (2007, p. 170)⁵⁶

Por fim, há os *classificadores de perímetro*, que são utilizados para traçar no espaço a forma do objeto, como quando utiliza-se o dedo indicador com as duas mãos para indicar a forma de um quadro. Johnston e Schembri afirmam que as duas mãos podem ser utilizadas com um mesmo movimento quando o objeto descrito é simétrico, no entanto, para descrever objetos assimétricos, como uma mão tende a ficar para, enquanto a outra traceja a forma do objeto no espaço.

De modo geral, os sinais de representação são sistemáticos e muito produtivos nas línguas de sinais. Juntamente com os sinais de apontação, eles compõem a parte mais particular das línguas de sinais. Enquanto os gestos são uma parte mais rudimentar da comunicação visual humana, a partir dos quais as línguas de sinais se desenvolveram, os sinais de representação já apresentam convenções mais sistemáticas e mais arbitrárias para a representação. Tanto o léxico nativo nuclear, quanto o não-nuclear se diferem dos gestos neste aspecto.

No entanto, ainda que entendamos que toda a estrutura das línguas de sinais apresenta uma base icônica, ou em outras palavras, já que “diferentes princípios de iconicidade afetam a estrutura da sinalização e interagem com as funções gramaticais e discursivas”⁵⁷ (Perniss, 2007, p. 247, tradução nossa), há uma diferença expressiva entre o nível de iconicidade presente nos sinais de representação em relação aos sinais já lexicalizados.

Tal iconicidade é expressa pelo caráter representativo e morfológico dos parâmetros. Representativo porque, como vimos, o uso do espaço está muitas vezes associado às relações

⁵⁵ “Show the relative depth and width of objects, such as two bC hands used to depict the dimensions of pipes, poles or tree trunks” (Johnston; Schembri, 2007, p. 170).

⁵⁶ Disponível em: <https://youtu.be/0zbG4wC8uTM>. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁵⁷ “Different iconicity principles affect the structure of signing and interact with grammatical and discourse functions” (Perniss, 2007, p. 247).

espaciais dos referentes, sendo, portanto, um uso icônico do espaço. O mesmo acontece com o movimento e, principalmente, com a configuração de mão que representa entidades e formas no mundo. Os predicados construídos com sinais de representação apresentam uma carga icônica maior que os predicados construídos com itens lexicalizados. A seguir, apresentamos, brevemente como o léxico não nativo funciona e como ele se relaciona com o léxico nativo.

2.3.1.3 Léxico não nativo

Johnston e Schembri (2007) resumem esta categoria ao contato entre língua de sinais e língua oral. Este contato acontece comumente em pares linguísticos que estão presentes num mesmo território, como Auslan-Inglês, ASL-inglês, DGS-alemão e Libras-português. A soletração manual (*Fingerspelling*) funciona como a ponte entre modalidades. Mesmo havendo a possibilidade de uma língua interferir em níveis sintáticos na outra entre modalidades diferentes, é através da soletração manual e a maneira como ela gera sinais no núcleo do léxico que mais evidencia este contato entre línguas.

A soletração manual é o mecanismo que permite que palavras da língua oral sejam transpostas em sua forma escrita para o as mãos e, conseqüentemente, para uma modalidade visual de língua. No entanto, é preciso salientar que “A soletração manual é uma forma de empréstimo indireto, no entanto, não é uma representação direta do inglês. Em vez disso, a soletração é uma representação manual da representação escrita do inglês”⁵⁸ (Johnston; Schembri, 2007, p.176, tradução nossa), ou seja, não há uma ligação direta entre a língua oral e a língua de sinais, mas somente através das letras utilizadas para escrever as palavras, e que mesmo assim, quando soletradas manualmente, as palavras podem sofrer alterações e perdas, sem sofrer alteração semântica, através do efeito de superioridade de palavras (ver Araújo Neto (2017) para mais detalhes).

A datilologia é utilizada para expressar nomes próprios, nomes de lugares, e em alguns contextos, mesmo que haja sinais para comunicar o que se pretende dizer, sinalizantes preferem utilizar a datilologia porque, segundo Brentari (1995) “podem se referir a domínios de conhecimento cujo centro está fora da comunidade surda, porque se referem a um termo específico de uma disciplina que pode não ter sido amplamente discutido dentro da comunidade

⁵⁸ “*Fingerspelling is a form of indirect borrowing, however, because it is not a direct representation of English. Instead, fingerspelling is a manual representation of the written representation of English*” (Johnston; Schembri, 2007, p. 176).

surda”⁵⁹ (Brentari, 1995, p. 42 *apud* Johnston; Schembri, 2007, p. 178, tradução nossa). Há também casos de surdos que são oralizados, ou seja, que aprenderam a utilizar a língua oral e utilizam a datilologia por estarem mais habituados a certas palavras da língua oral de contato.

Através do tempo, o uso da soletração manual, ou datilologia, com perdas e ajustes podem se aproximar do núcleo do léxico, de tal forma que versões reduzidas das palavras passem a compor o núcleo do léxico. Isto acontece porque “como os sinalizante fluentes não soletram todas as letras de uma palavra, palavras comuns com datilologia podem se tornar tão modificadas ao longo do tempo que apenas algumas letras da palavra são geralmente produzidas por um sinalizador”⁶⁰ (Johnston; Schembri, 2007, p. 178, tradução nossa). Tais mudanças a longo prazo possibilitam o surgimento de sinais no núcleo do léxico a partir das datilologias. Johnston e Schembri (2007) citam alguns exemplos de empréstimos do inglês que foram lexicalizados, citando:

sinais de uma única letra, como DAUGHTER (D-D), KITCHEN (K-K) e TOILET (T-T), siglas como A-A-D (Australian Association of the Deaf), abreviaturas como JANUARY (J-A-N), TUESDAY (T-U-E-S) e ADVERTISEMENT (A-D-V), bem como palavras inteiras em inglês como L-A-W, S-O-N e D-O⁶¹ (Johnston; Schembri, 2007, p. 179, tradução nossa).

Ao serem completamente lexicalizados, estes itens passam a obedecer às restrições impostas pelo léxico da língua de sinais, que podem ser

fonológicas (ou seja, eles seguem todas as mesmas restrições fonológicas que os sinais lexicalizados, como as condições de simetria e dominância, a restrição de dedos selecionados, etc.), gramaticais (ou seja, podem sofrer modificações para pessoa, número ou aspecto) e semânticas (ou seja, assumiram significados particulares dentro da língua que podem diferenciá-los de suas origens do inglês)⁶² (Johnston; Schembri, 2007, p. 179, tradução nossa).

Os sinais que envolvem somente a primeira letra da palavra possivelmente surgiram da prática dos sinalizantes, durante conversas, após soletrar totalmente uma palavra, não repetir a

⁵⁹ “they may refer to domains of knowledge whose centre is outside the deaf community, or because they refer to a discipline-specific term that may have not undergone broad discussion within the deaf community” (Brentari, 1995, p. 42 *apud* Johnston; Schembri, 2007, p. 178).

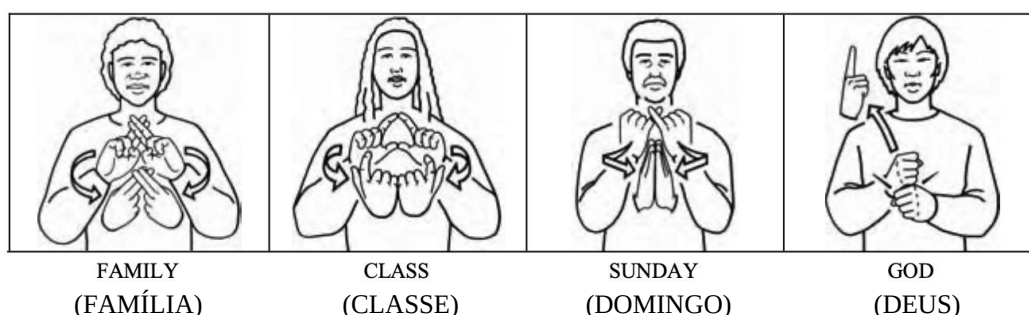
⁶⁰ “because fluent signers do not fingerspell all the letters of a word, common fingerspelled words may become so modified over time that only a few letters of the word are usually produced by a signer” (Johnston; Schembri, 2007, p. 178).

⁶¹ “single letter signs, such as DAUGHTER (D- D), KITCHEN (K-K) and TOILET (T-T), acronyms such as A-A-D (Australian Association of the Deaf), abbreviations such as JANUARY (J-A-N), TUESDAY (T-U-E-S) and ADVERTISEMENT (A-D-V), as well as whole English words such as L-A-W, S-O-N and D-O” (Johnston; Schembri, 2007, p. 179).

⁶² Phonologically (i.e., they follow all the same phonological constraints as lexicalised signs, such as the symmetry and dominance conditions, the selected fingers constraint, etc.), grammatically (i.e., they may undergo modifications for person, number or aspect) and semantically (i.e., they have taken on particular meanings within the language that may differentiate them from their English origins)” (Johnston; Schembri, 2007, p. 179).

soletração completa, mas somente as primeiras letras da palavra, uma vez que o interlocutor conseguirá recuperar as letras faltantes pelo contexto. Em outros casos, elas servem para especificar um sinal em relação a outros. Neste caso, há uma estrutura de um sinal que altera sua configuração de mão para a letra da palavra com semântica correspondente, como é o caso da diferença entre FAMILY e CLASS. Há ainda sinais em que uma letra recebe um movimento específico para compor um sinal no núcleo do léxico, como SUNDAY (-S-^PRAY(orar)) or GOD (-G-^UP(cima)) (exemplos de Johnston; Schembri, 2007, p. 181).

Figura 24 - Sinais FAMILY (família), CLASS (classe), SUNDAY (domingo) e GOD (Deus) em Auslan



Fonte: Adaptado de Johnston e Schembri (2007, p.181).

Os autores também citam exemplos de acrônimos, como A-A-D para a associação de surdos, ou A-B-S para o canal de televisão que também funcionam como sinais na Auslan. Outras soletrações inteiras que funcionam como sinais podem ser exemplificadas com BUS, SON e LAW, todas palavras curtas que recebem algum movimento.

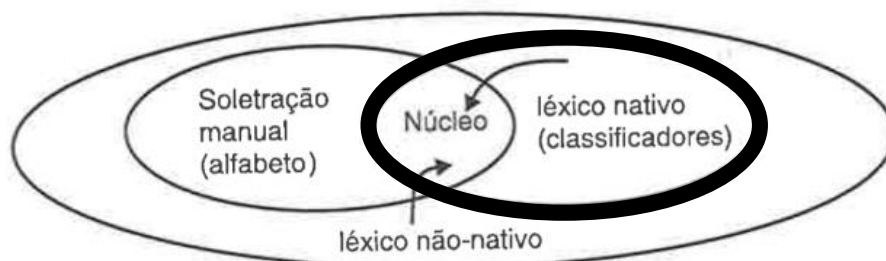
É importante mencionar também que em alguns casos, há uma interferência da língua oral na produção de *mouthings* na língua de sinais. O *mouthings* é a prática de balbuciar uma palavra ou parte dela enquanto realiza um sinal. Em auslan, há apenas um sinal para marido e mulher, porém, “Embora o sexo do cônjuge seja geralmente bastante claro no contexto, alguns sinalizantes pronunciarão a palavra inglesa ‘marido’ ou ‘esposa’ enquanto produzem esse sinal⁶³” (Johnston; Schembri, 2007, p. 184, tradução nossa). Neste caso, o *mouthings* possui um valor distintivo e até morfológico. A seguir, apresentamos exemplos de como funciona o núcleo do léxico e o léxico não nuclear, assim como o léxico não nativo na Libras.

⁶³ “signers use the same sign for ‘husband’ and ‘wife’, a sign we gloss as SPOUSE. Although the sex of one’s spouse is usually quite clear in context, some signers will mouth the English word ‘husband’ or ‘wife’ while producing this sign” (Johnston; Schembri, 2007, p. 184).

2.3.2 O léxico da Libras

Inicialmente, apresentamos a proposta de Quadros e Karnopp (2004) de organização do léxico da Libras, baseado no trabalho de Brentari e Padden (2001), conforme Figura 25.

Figura 25 - Organização do léxico da Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

As autoras colocam em negrito o léxico nativo, que inclui classificadores e núcleo, e a soletração manual com uma parte no léxico não nativo e uma parte no núcleo, sendo o núcleo a intersecção entre soletração e classificadores. Esta intersecção representa as soletrações manuais que estão sendo lexicalizadas, assim como a intersecção entre classificadores e o núcleo representam a lexicalização de classificadores, ou seja, a transformação de classificadores em sinais estáveis.

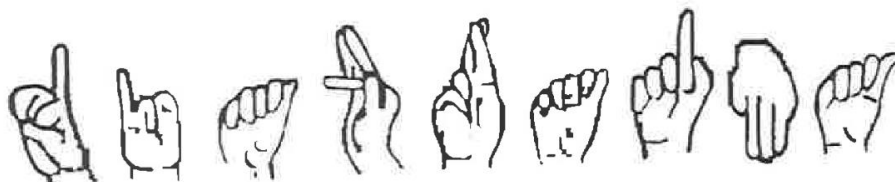
Apesar da proposta de Johnston e Schembri (2007) também trouxeram estas intersecções, há um espaço para o núcleo em que estão presentes somente os itens já lexicalizados, o que não está claro na proposta brasileira. Outra diferença está no círculo por fora dos círculos de classificadores e soletração manual no esquema de Quadros e Karnopp (2004). Ele representa o léxico não-nativo, que vai para além da soletração manual, abrangendo também sinais de outras línguas de sinais. As setas apontam que estes sinais de outras línguas de sinais podem se tornar parte do núcleo do léxico da Libras (ver Machado, 2016).

Além disso, não há uma definição ampla do léxico não nuclear, uma vez que as autoras resumem esta categoria ao uso de classificadores. De maneira geral, entendemos que o esquema australiano pode nos ajudar a entender melhor a estrutura da Libras, pois há uma distinção clara entre os sinais do núcleo do léxico e as categorias de léxico nativo não-nuclear e não-nativo. A seguir, discorreremos sobre os trabalhos que apresentam descrições sobre as três categorias propostas por Johnston e Schembri (2007). Iniciamos com o léxico não-nativo, com foco na soletração manual.

2.3.2.1 Soletração Manual na Libras

Assim como o que vimos na Auslan, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que as soletrações manuais são utilizadas para introduzir palavras do português na sinalização, o que pode acontecer em contextos em que um termo específico como *diafragma* precise ser expresso numa aula ou palestra, por exemplo.

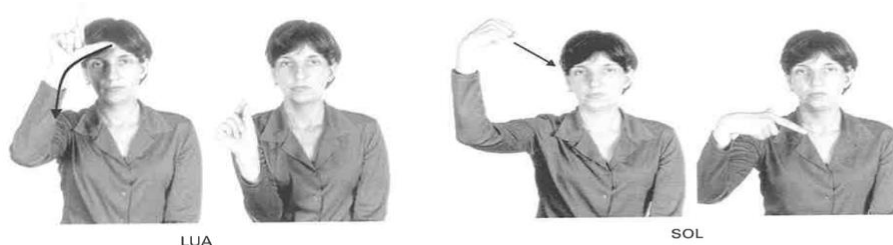
Figura 26 - Soletração manual para a palavra *diafragma*



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

Assim como em outras línguas de sinais, na Libras, nem sempre uma sinalização de todas as letras de uma palavra é necessária. Em muitos casos, segundo Araújo Neto, (2017) o efeito de superioridade das palavras faz com que, mesmo que alguma vogal esteja faltando na palavra soletrada manualmente, o interlocutor consegue recuperar o sentido da palavra. Para o autor, “a produção e percepção desse fenômeno é usual e possível até mesmo em crianças em fase de aquisição e não alfabetizadas” (p. 26). Tal uso da datilologia sem uma necessidade exata de representação das palavras do português resultam num processo de lexicalização de sinais soletrados para sinais no núcleo do léxico. Este processo é ilustrado por Quadros e Karnopp (2004) através de exemplos como os sinais L-U-A e S-O-L, em que as configurações recebem movimento e ponto de articulação específicos, conforme a Figura a seguir.

Figura 27 - Sinais LUA e SOL em Libras



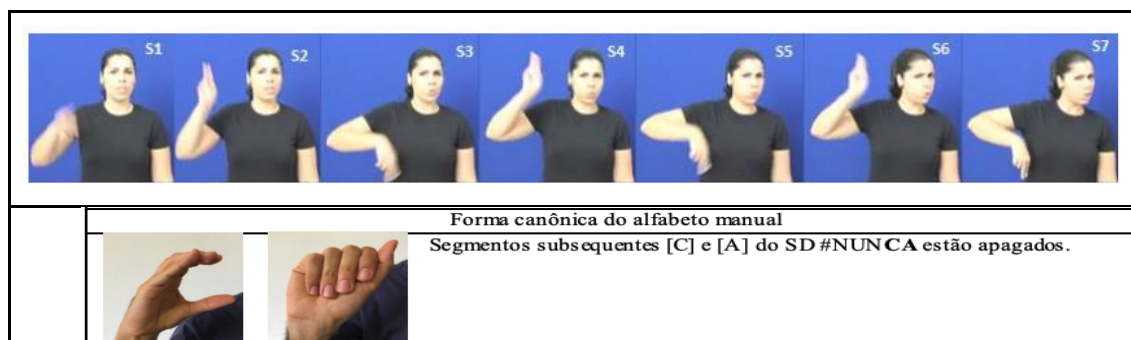
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 90).

Há, no entanto, uma diferença no processo de lexicalização destes dois sinais, que envolve uma restrição fonológica dos sinais do núcleo do léxico proposta por Brentari (1990). Quadros e Karnopp explicam que Brentari (1990) afirma que sinais no núcleo do léxico não

podem apresentar duas configurações de mão, exceto em casos em que haja uma mudança de dos dedos selecionados de “fechado” para “aberto” ou vice-versa. Quadros e Karnopp (2004) se baseiam nesta restrição para dizer que LUA não viola as regras de boa formação da Libras, uma vez que os dedos indicador e polegar neste sinal fazem somente a transição de aberto para fechado. No entanto, há uma violação da quantidade de CM’s no sinal SOL, pois há duas diferentes configurações de mão.

As autoras concluem explicando que, com o tempo, o sistema linguístico resolve estas violações, de forma que mudanças de orientação de mão ou supressões de configurações de mão podem acontecer para que as violações não sejam quebradas e os sinais sejam completamente lexicalizados. Este processo de mudança pode ser observado na análise feita por Cordeiro (2019) do sinal NUNCA que inicialmente era sinalizado com as configurações N, U, C e A, mas que atualmente é sinalizado apenas com as configurações N e U, que são na verdade a mesma configuração, com uma mudança de orientação da palma da mão, conforme Figura abaixo.

Figura 28 - Sinal de NUNCA



Fonte: Adaptação de Cordeiro (2019, p. 141).

A partir deste exemplo, vemos que o núcleo do léxico impõe mudanças fonológicas aos sinais soletrados que se tornam para do léxico nativo. No entanto, se faz necessário investigar de maneira mais aprofundada quais são as restrições fonológicas específicas do núcleo da Libras, pois as autoras utilizaram como base uma investigação sobre a ASL para analisar os sinais da Libras. A seguir, vimos as contribuições dos autores sobre os sinais de representação na Libras.

2.3.2.2 Sinais de representação na Libras

Um estudo feito por Bernardino (2012) buscou entender como os classificadores são utilizados na Libras. A autora se baseou em uma classificação proposta por Ferreira-Brito, a qual apresenta um quadro com os principais classificadores utilizados na Libras.

Quadro 8 - Principais classificadores utilizados na Libras de acordo com Ferreira-Brito (1995)

Configuração de mão (CM)		Usos e exemplos
Y		Usada para representar uma pessoa gorda andando, objetos largos de forma irregular (como telefone, bule de café, salto de sapato, ferro de passar roupas, avião, submarino, chifre de boi), roupas, alimentos e outros objetos em uma casa.
B		CM com algumas variações quanto ao dedo polegar estendido ou não, usada para representar coisas planas, lisas ou superfícies onduladas (como veículos, o telhado de uma casa, um pé num sapato, um livro, uma casa ou rodas de trem[?]).

Fonte: Adaptação dos resultados de Ferreira-Brito (1995) feita por Bernardino (2012, p. 257-258).

Bernardino (2012) realiza então um estudo com tarefas de eliciação com imagens para que pessoas surdas brasileiras utilizem classificadores na descrição. Somente as CM's Y e B do quadro acima não apareceram nas sinalizações, mesmo sendo comuns na Libras, e isto se deve às imagens utilizadas, que não estimulavam o uso destas CM's.

Com base numa classificação de Supalla (1986), a aponta que os surdos utilizaram os classificadores, tanto para compor Verbos de Movimento, como Verbos de Localização (VL), conforme a Figura a seguir:

Figura 29 - Classificadores de movimento e de localização na Libras

Classificador para Verbo de Movimento			
Imagem-estímulo	CM <i>V</i>	CM <i>GI</i>	CM <i>F</i>
			
Classificador para Verbo de Localização			



Fonte: Adaptação de Bernardino (2012, p. 268-270).

Além de categorias para as CL's como entidade de pessoa, parte do corpo e objetos gerais, a autora propôs uma categoria para o uso do corpo do sinalizante envolvido na CL, chamado CLC (CL de corpo). A autora afirmou que sempre que havia um protagonista na cena de eliciação, os participantes o representavam com a CLC, no entanto, a autora não apresentou uma análise detalhada baseada no uso do corpo com os classificadores, uma vez que o foco foi nas configurações de mãos.

Percebemos que, tanto nos trabalhos de Quadros e Karnopp (2004), como nos trabalhos de Ferreira-Brito (1995) e Bernardino (2012), o conceito de classificador não está estritamente relacionado à configuração de mão, mas envolve também os parâmetros de movimento e ponto de articulação. Entendemos que a categorização proposta por Johnston e Schembri (2007), portanto, se apresenta como sendo mais abrangente para explicar o funcionamento dos itens do léxico nativo não-nuclear, pois além dos autores posicionarem os sinais de apontação nesta categoria, separando-a dos sinais de representação, há uma descrição detalhada dos sinais de representação que abrangem toda a sinalização, envolvendo o uso do corpo.

Encontramos dois trabalhos sobre a Libras que utilizam a terminologia proposta por Johnston e Schembri (2007). O trabalho de Santos (2018), do mesmo autor do presente trabalho foi explanado no capítulo do presente estudo, pois está diretamente relacionado com a pesquisa atual. O segundo trabalho é um estudo sobre a variação linguística lexical da Libras sinalizada em Alagoas feita por Batista (2020). O autor, ao expor a diferença entre o espaço esquemático e do espectador, apresenta o seguinte exemplo na Libras de como o sinal de MOTOCICLETA pode ser sinalizado.

Figura 30 - Sinal de MOTOCICLETA em Libras



Fonte: Batista (2020, p. 42).

O primeiro sinal é feito no espaço do espectador, enquanto o segundo sinal é realizado no espaço esquemático, já que coloca um piloto em relação a uma motocicleta. Em seguida, Batista (2020) elenca uma série de configurações de mão⁶⁴ que podem ser utilizadas em sinais de representação na Libras, conforme os tipos de classificadores propostos por Johnston e Schembri (2007). Nós desenvolvemos um quadro com um sumário das configurações propostas por Batista (2020), com glosas de exemplos de representação também indicadas pelo autor brasileiro para cada tipo de classificador, conforme Quadro abaixo.

Quadro 9 - Exemplos de configuração de mão da Libras para os tipos de classificadores

TIPOS DE CLASSIFICADORES	SUBTIPOS	EXEMPLOS DE CM	EXEMPLOS DE SINAIS EM LIBRAS
ENTIDADE	INTEIRO		Pode representar uma pessoa.
	COLETIVO		Pode representar várias pessoas.
	PARCIAL		Com as duas mãos é possível representar os pés se movendo enquanto uma pessoa está andando.
	VOLUME		Representa um amontoado, seja de papel, de livros, ou um volume líquido, como um copo com a água, ou uma piscina
MANIPULAÇÃO	SEGURAR		Manuseio de objetos finos, como bolacha (levando à boca), agulha e pincel. Manusear objetos arredondados, como frutas, copos e bolas pequenas.
	TOCAR		Movimentando os dedos, como se estivesse digitando, tocando as teclas, ou utilizar esta mesma configuração com as duas mãos para representar um tambor sendo tocado.

⁶⁴ Batista (2020) utiliza o quadro de configurações de mão de Faria-do-Nascimento (2009) para ilustrar o seu trabalho. Utilizamos as mesmas ilustrações do autor para formar este quadro.

	INSTRUMENTO		Representar um celular, quando colocamos a mão na região do ouvido.
FORMA	SUPERFÍCIE		O movimento vai indicar se a superfície é reta e plana, ondulada, ou um declive.
	DIMENSÃO		Com as duas mãos para indicar um tronco de uma árvore.
	PERÍMETRO		Desenhar com as duas mãos um quadro, fazendo, com cada mão, uma parte do quadro, ou podemos desenhar um triângulo somente com uma mão.

Fonte: Adaptação de Batista (2020, p. 43-45).

Após apresentar a classificação feita para os tipos de espaço, movimento e configuração de mão, Batista (2020), utiliza este instrumento de descrição para descrever os sinais que apresentam variação linguística em sua pesquisa. Na seção seguinte, apresentamos como o autor desenvolve seu estudo que trata dos sinais no núcleo do léxico.

2.3.2.3 Sinais do núcleo do léxico da Libras

Como Batista (2020) analisa variações lexicais na Libras, com isto entendemos que os sinais analisados por ele estão no núcleo do léxico, seja ainda num processo de lexicalização, seja totalmente lexicalizado. O que Batista (2020) propõe em sua análise é uma investigação etimológica para entender como a variação dos sinais em três cidades alagoanas pode ter origem em diferentes arranjos de representação para os referentes dos sinais e que, com o passar do tempo, estas representações passaram a fazer parte do núcleo do léxico. Desta maneira, entendemos que um estudo sobre a identificação de hipônimos na Libras a partir do uso de sinais de representação pode nos dar pistas sobre como hipônimos são lexicalizados.

Apresentamos três sinais analisados por Batista (2020) em seu estudo, a saber, AMENDOIM, GOIABA e PONTO-DE-ÔNIBUS. Criamos quadros com análises de duas variantes por sinal para entendermos as diferenças entre as variantes do ponto de vista da representação. Iniciaremos apresentando o sinal AMENDOIM.

Quadro 10 - Sinal AMENDOIM em Libras com duas variantes alagoanas

VARIANTE	SINAL	ESPAÇO	MOVIMENTO	CLASSIFICADOR MÃO ESQUERDA	CLASSIFICADOR MÃO DIREITA
VARIANTE 1		Espaço do espectador	Movimento de modo	 Manipulação: segurar	 Manipulação: segurar
VARIANTE 2		Espaço do espectador	Movimento de modo	 Entidade: inteira	 Manipulação: segurar

Fonte: Adaptação de Batista (2020, p. 54-55).

Há um contraste entre estas duas variantes que, em um primeiro olhar, pode ser visto como fonético-fonológico, pois ambos os sinais possuem o mesmo significado e só apresentam uma variação na configuração da mão esquerda. No entanto, a análise da representação feita por Batista (2020) evidencia o caráter morfológico desta diferença, uma vez que, na primeira variante, ambas as mãos estão com uma configuração de segurar, enquanto que, na segunda variante, há um classificador de entidade (do amendoim) representado pela mão esquerda. Vejamos agora a análise da variação no sinal GOIABA.

Quadro 11 - Sinal GOIABA em Libras com duas variantes alagoanas

VARIANTE	SINAL	ESPAÇO	MOVIMENTO	CLASSIFICADOR MÃO ESQUERDA	CLASSIFICADOR MÃO DIREITA
VARIANTE 1		Espaço do espectador	Movimento de modo	-	 Manipulação: segurar

VARIANTE 2		Espaço esquemático	Movimento de modo	 Entidade inteira: goiaba	 Entidade inteira: larva
-------------------	---	--------------------	-------------------	---	--

Fonte: Adaptação de Batista (2020, p. 61).

Aqui, vemos que a diferença entre as variantes é ainda maior, pois já começa na diferença entre o uso do espaço, o que orienta a construção da representação para caminhos diferentes. Batista (2020) explica que na primeira variante, construída no espaço do espectador, há apenas um classificador de segurar com um movimento de modo indicando como o referente come a goiaba. Já na segunda variante, o espaço esquemático em que a representação é construída orienta a configuração das mãos para duas entidades, sendo o classificador para a goiaba na mão esquerda e o classificador para a larva na mão direita, a qual recebe ainda um movimento interno do modo de movimentação da larva. O autor ainda explica que a primeira variante está presente nos dicionários, enquanto que a segunda é inovadora e está associada ao conhecimento comum que associa a fruta ao ser conhecido na língua portuguesa como “*bicho de goiaba*”. Por fim, apresentamos o terceiro sinal, PONTO-DE ÔNIBUS.

Quadro 12 - Sinal PONTO-DE-ÔNIBUS em Libras com duas variantes alagoanas

VARIANTE	SINAL	ESPAÇO	MOVIMENTO	CLASSIFICADOR MÃO ESQUERDA	CLASSIFICADOR MÃO DIREITA
VARIANTE 1		Espaço esquemático	—	 Entidade inteira: haste da placa do ponto de ônibus	 Entidade inteira: a placa
VARIANTE 2		Espaço esquemático	Movimento de formato	 Forma da superfície	 Forma da superfície

Fonte: Adaptação de Batista (2020, p. 67).

Neste último exemplo, Batista (2020) vê uma diferença entre tipos de classificadores, já que na primeira variante o sinal é construído com duas entidades, uma em relação a outra no espaço esquemático, e na segunda variante, os classificadores da representação indicam a forma da superfície do teto do ponto de ônibus juntamente com um movimento que indica o formato do teto. Ambas as variantes são construídas no espaço esquemático, mas, segundo Batista (2020), na segunda variante teto do ponto de ônibus está em relação ao sinalizante.

Outra pesquisa sobre o núcleo do léxico da Libras é o estudo sobre os aspectos morfológicos da Libras desenvolvido por Xavier e Neves (2016). Os autores iniciam o estudo explicação que há uma diferença entre os processos de flexão e os processos de formação de novos sinais, uma vez que a flexão não apresenta uma mudança semântica de base no sinal, mas somente acrescenta alguma informação a semântica já estabelecida, como é o caso do sinal abaixo.

Figura 31 - Flexão de intensidade do sinal EXPERIÊNCIA na Libras



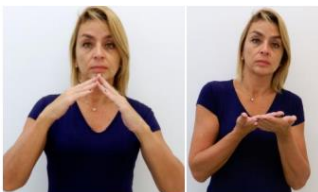
Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 140).

Em relação aos processos que geram novos sinais, os autores apontam

três processos através dos quais a Libras amplia o seu léxico, ou seja, cria novos sinais para designar novos conceitos. Um deles consiste na alteração da forma de um sinal já existente para designar um novo conceito (relacionado, mas) diferente do expresso pelo sinal original. Esse caso difere dos tratados na seção anterior, porque, com esse processo, se cria um novo sinal e, por isso, o tratamos como derivação por alteração de pelo menos um dos parâmetros do sinal primitivo. O segundo processo consiste na criação de novos sinais a partir da derivação por composição de dois outros sinais já existentes na língua. O terceiro processo consiste da junção de partes de sinais existentes para a formação de outro. Chamamos esse último caso de *fusão* (Xavier; Neves, 2016, p. 141).

Os autores se apoiam na semântica para diferenciar estes processos dos processos de flexão, mas quando contrastam os tipos de processo de formação, o fazem com um olhar morfofonológico. Criamos um quadro com exemplos dos autores para cada processo abordado no estudo.

Quadro 13 - Processos de formação de sinal da Libras

DERIVAÇÃO (Alteração de pelo menos um dos parâmetros do sinal primitivo)	 PERGUNTAR	 PESQUISAR	
COMPOSIÇÃO (Criação de novos sinais a partir da derivação por composição de dois outros sinais já existentes na língua)	 CASA	 ESTUDAR	 ESCOLA
FUSÃO (Junção de partes de sinais existentes para a formação de outro)	 NOME	 SUBSTITUIR	 PRONOME

Fonte: Adaptação dos resultados de Xavier e Neves (2016) feita por Albuquerque (2022, p. 37).

No primeiro processo, a diferença entre o sinal base PERGUNTAR e o sinal derivado PESQUISAR consiste no movimento do sinal, que no sinal base é único e unidirecional, enquanto que, no segundo sinal é repetido e bidirecional. A diferença estabelecida pelos autores entre o processo de derivação e composição se dá pela quantidade de sinais envolvidos na base a ser derivada, uma vez que na composição, dois sinais estão na base e se tornam um.

Na composição do sinal ESCOLA, não só a junção dos sinais primitivos acontece, segundo Xavier e Neves (2016, p. 147), “observa-se nesse caso um movimento de transição entre as partes mais suavizado, bem como a perda da repetição dos movimentos dos sinais que o formam”. Os autores comparam este processo com o processo de aglutinação no português em que há mudanças nas palavras primitivas, como na composição *pernilongo*, que surge de *perna* e *longa*, mas que a composição muda as últimas vogais das duas palavras. Por fim, o processo de fusão apresentado pelos autores se diferencia da composição, pois aglutina partes de sinais, e não sinais inteiros.

Nesta seção, vimos como o léxico se organiza tanto nas línguas de sinais de forma geral, como especificamente na Libras. Os trabalhos aqui apresentados nos ajudaram a entender a riqueza presente no léxico do ponto de vista da sua produtividade, já que há diversos caminhos através dos quais novos itens lexicais são formados. Na seção seguinte, abordamos a riqueza da organização do léxico, com um olhar aprofundado sobre as categorizações de hiperonímia e hiponímia. Procuramos entender também como são desenvolvidos os hiperônimos e hipônimos na Libras.

2.4 ICONICIDADE

Nesta seção, apresentamos o fenômeno da Iconicidade, que tem sido cada vez mais abordado nos estudos das línguas de sinais. Iniciamos o primeiro subtópico apresentando o conceito de iconicidade de Meir (2013), relacionando-o com o conceito de arbitrariedade de Saussure (1916). Em seguida, conceituamos iconicidade imagética nas línguas de sinais.

No tópico subsequente falamos sobre a iconicidade nas línguas de sinais, tendo Quadros (2019) como principal referência. Apresentamos alguns exemplos de como a iconicidade pode afetar a formação dos sinais. Traremos Groce (2012) para falar da iconicidade e como ela pode influenciar na produção de hiperônimos e hipônimos, objeto da nossa pesquisa. Por fim, apresentamos o modelo de Taub (2004) para explicar como se desenvolve o processo cognitivo de criação de sinais icônicos; e o trabalho de Xavier e Santos (2016), que utiliza o modelo de Taub (2004) para analisar a criação de sinais na Libras.

2.4.1 O conceito de iconicidade lexical

Iniciamos esta seção apresentando o conceito de iconicidade proposto por Meir (2013). A autora afirma que

Iconicidade é uma relação de semelhança ou similaridade entre dois domínios: forma (fonologia) e significado (semântica). ‘Forma’ pode se referir a segmentos fonológicos que compreendem o sinal (iconicidade imagética), mas também ao modo em que elementos linguísticos são organizados com respeito um ao outro (iconicidade diagramática). ‘Significado’ se refere tanto ao significado lexical quanto a funções mais abstratas e gramaticais, tais como pluralidade, anterioridade e outras⁶⁵ (Meir *et al.*, 2013, p. 312-313, tradução nossa).

⁶⁵ “Iconicity is a relationship of resemblance or similarity between two domains: form (phonology) and meaning (semantics). ‘Form’ can refer to phonological segments that comprise the sign (imagic iconicity), but also to the way linguistic elements are organized with respect to each other (diagrammatic iconicity).³ ‘Meaning’ refers to lexical meaning as well as to more abstract and gramatical functions, such as plurality, anteriority and others” (Meir *et al.*, 2013, p. 312-313).

Este conceito é muito rico para os estudos nas línguas de sinais, pois posiciona a iconicidade na relação entre “forma” e “significado”, e estabelece duas naturezas para o fenômeno, a saber, a diagramática e a imagética, sobre as quais é possível se refletir a relação forma/conteúdo. Iniciamos falando da relação forma/conteúdo e finalizamos focando na iconicidade imagética, que é o foco desta pesquisa.

Ao falar de forma/conteúdo, é importante partir basicamente das contribuições de Saussure (1916). O autor estabelece o signo como sendo a unidade da língua, de forma que a língua seria um sistema de signos. O signo, por sua vez, é composto por duas partes inseparáveis, como duas partes de uma mesma moeda, o significante e o significado. Para o autor, a união entre significante e significado é arbitrária, ou seja, não há motivos para um determinado significante ser atrelado a um significado específico.

Para um ouvinte, as palavras possuem imagens acústicas, ou seja, a maneira como elas são ditas (a sua fonologia) estão armazenadas na língua. A exemplo disso, a imagem acústica de *árvore* está na cabeça de todos os falantes do português, mesmo que, quando algum falante pronuncie “arvre” ou “arvere”. Estas diferenças sonoras são, para o autor, secundárias ao sistema linguístico. O significante, portanto, não é a palavra falada, mas a imagem acústica que está na cabeça de todos os falantes.

A imagem acústica *árvore*, por sua vez, em nada se assemelha com o seu significado, ou seja, não existe uma relação transparente entre os sons da palavra que façam referência a um ser vivo de madeira com um tronco e galhos com folhas e frutos. Esta associação foi convencionada pelos falantes, não de maneira controlada, mas a partir da própria língua, de maneira que, não é possível recuperar como e quando, mas depois de um período, todos os falantes de uma língua passaram a associar esta palavra a este significado.

O conceito de arbitrariedade saussuriano pode vir de encontro ao conceito proposto por Meir et al. (2013) para Iconicidade. Quanto à iconicidade, de forma superficial, Saussure (1916) cita os casos de onomatopeias, que são sons que se assemelham ao referente representado. Trazemos aqui um exemplo do português “zig-zig”, inseto que realiza um som zumbido parecido com o seu nome. No entanto, a semelhança que vemos entre o nome e o som do inseto nas palavras formadas por onomatopeia, como “zig-zig”, para Saussure (1916) é uma ilusão, uma vez que em outras línguas, um mesmo referente irá receber significantes diferentes. Desta forma, em português, o latido do cachorro é representado como “Au-au”, o que, para falantes do português, a relação parece óbvia, mas falantes do inglês o representam como “roof roof”. O mesmo acontece nas línguas de sinais. Ainda que muitos sinais apresentem uma forte

conicidade, eles continuam sendo arbitrários, uma vez que há sinais diferentes em diferentes línguas para um mesmo referente, como banana, por exemplo.

Apesar desta interessante abordagem saussuriana sobre a relação entre significante e significado, o autor não se debruçou sobre as línguas de sinais e sobre como processos como gramaticalização e lexicalização podem estar intimamente relacionados às relações de semelhança entre significante e significado. É importante salientar que Saussure (1916), em seu curso, estava preocupado com questões epistemológicas do início da linguística enquanto ciência e que, para aquele período, era mister apontar, não as relações de semelhança entre significante e significado, mas exatamente o caráter arbitrário da relação, para se pensar em movimentos como a mudança linguística.

Reconhecendo que não há uma transparência total entre significante e significado, de forma que a estrutura linguística irá sempre estabelecer critérios arbitrários para os arranjos fonológicos e articulatório da língua, podemos partir para o que de fato Meir *et al.* (2013) está chamando de iconicidade enquanto semelhança entre forma (que pode ser comparada com o significante) e significado, como vemos na figura abaixo. Jeremias (2020) aponta estudos sobre a iconicidade imagética, citando como exemplo Cuxac (1996), Cuxac e Sallandre (2007), Taub (2004), Wilcox (2004). A iconicidade imagética pode ser vista na Figura abaixo.

Figura 32 - Sinal de ÁRVORE em Libras

Forma	Significado
 Fonte: Bing (2024)⁶⁶	 Fonte: Youtube (2024)⁶⁷.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Vemos que a forma do sinal ÁRVORE é motivada pelo seu significado, pois o braço está em posição vertical para representar o tronco, e a mão aberta para representar os galhos, ainda que não haja uma relação de transparência total entre forma e significado. Vale salientar

⁶⁶ Disponível em: <https://www.bing.com/images/feed?form=HDRSC2>. Acesso em: 29 fev. 2024.

⁶⁷ Disponível em: <https://youtu.be/SbHzrRV4BXQ>. Acesso em: 20 fev. 2024.

que a forma aqui diz respeito a toda parte estrutural da língua, seja ela fonológica, mais associada aos itens lexicais, ou morfossintática, no que diz respeito aos arranjos entre os itens nas sentenças e nos textos. Basicamente, o estudo sobre a iconicidade no nível fonológico é centrado na iconicidade imagética. Em nosso estudo, observamos como a iconicidade pode estar afetando a maneira como os sinalizantes utilizam os sinais de representação para produzir hipônimos na Libras.

2.4.2 O papel da iconicidade nas línguas de sinais

Ainda nesta discussão sobre a iconicidade e motivação, Quadros (2019) apresenta reflexões sobre como a iconicidade é um fenômeno que está relacionado diretamente às línguas de sinais. A autora afirma inicialmente que

Na verdade, parece mais apropriado reconhecer que as formas dos sinais possam 'lembrar algo, incluindo informações de ordem mais conceituais e culturais. Por exemplo, a configuração de mãos em v virada para baixo lembra as pernas de uma pessoa; portanto, há uma espécie de mapeamento da forma para o sinal que remete ao sentido do sinal (Quadros, 2019, p. 113).

Como já mencionamos no exemplo de ÁRVORE, é possível, em outras palavras, mapear a estrutura fonológica de um sinal a partir do fenômeno da iconicidade. Ela cita Taub (2012) pra dizer que durante muito tempo, pesquisadores não se atentaram para a iconicidade nos estudos das línguas de sinais, mas que, “nos últimos anos, alguns desses mesmos linguistas começaram a admitir a presença marcante da iconicidade e seu papel (Quadros, 2019, p. 114). Este posicionamento científico tem feito com que o estudo do fenômeno da iconicidade seja cada vez mais aprofundado e que equívocos sejam desfeitos. Ela cita Taub (2012) para dizer que gestos e sinais, apesar de serem icônicos (e muitas vezes confundidos por isso) possuem naturezas diferentes, uma vez que os “gestos não estarem vinculados a restrições na forma de ordem linguística, enquanto os sinais estão. Os sinais observam restrições fonológicas listadas em cada língua de sinais” (Quadros, 2019, p.114), ou seja, a iconicidade nos sinais está entrelaçada a outras forças linguísticas, como as restrições fonológicas de cada língua.

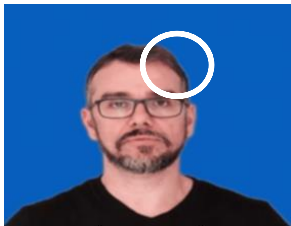
A iconicidade é um fenômeno complexo quando a observamos nas línguas de sinais, pois ela está atrelada a significação visual e gestual. Há, portanto, inúmeras maneiras de se enxergar um evento ou entidade, mas as possibilidades de usar as mãos para representá-los são, a primeiro modo, limitadas. Ainda assim, o sistema linguístico se encarrega de convencionar formas de maneira que a iconicidade opere nos diversos níveis, apesar das limitações do corpo.

Como exemplo disto, Quadros (2019) afirma como a iconicidade pode ser percebida de diversas maneiras em diferentes sinais, quando diz que

Sinais representam membros prototípicos de uma categoria (por exemplo, CASA para vários tipos de casa). Se alguma característica física de um objeto está associada ao conceito, a imagem do objeto pode ser usada para representar o conceito. Por exemplo, o sinal de OLIMPÍADAS (ver o sinal em <https://www.lifeprint.com/asl101/pages-signs/o/olympics.htm>), círculos que se entrecruzam, é uma representação do logotipo das Olimpíadas, mas passa a representar o conceito a elas associado (Quadros, 2019, p. 115).

Desta forma, não é esperado que haja sempre uma mesma estratégia linguística para representar os referentes de forma icônica e, por esta razão, se faz necessária uma descrição de quais estratégias foram utilizadas nas produções do nosso experimento. Quadros afirma que Hulst e Kooij (no prelo) “analisam essas formas como puras, pertencentes ao arsenal fonológico, potencialmente contrastivo. Os autores chamam iconicidade ‘discreta’ tais unidades mínimas de significado” (Quadros, 2019, p. 115). Ou seja, tais unidades sem significado possuem uma raiz etimológica motivada. Como exemplo disso, Quadros (2019) cita alguns exemplos, conforme o quadro a seguir

Quadro 14 - Exemplos de unidades discretas motivadas

IMAGEM	ELEMENTO FONOLÓGICO	UNIDADE MÍNIMA MOTIVADA
	Sinais como ENTENDER e SONHAR produzidos na testa	Indicam processos mentais
	A configuração de mão que indica 'pinçar'	Vários sinais que apresentam uma relação motivada pela forma do objeto (BOTÃO, CABELO, YOGA etc.)

Fonte: Adaptação de Quadros (2019, p. 115).

Quadros (2019) chama atenção, no entanto, para a maneira como uma mesma unidade mínima pode representar elementos diferentes. Ela cita Costa (2014) para dizer que em BOTÃO existe “uma motivação relacionada à forma do objeto. Em CABELO, a motivação identificada está relacionada a 'segurar o cabelo' [...] YOGA apresenta a motivação na ação de meditar”

(Quadros, 2019, p. 117). Ou seja, em alguns casos, há uma raiz icônica como ENTENDER e SONHAR, mas em outras, um mesmo elemento pode partir de raiz icônicas diferentes.

Wilcox (2004), em sua investigação sobre a iconicidade cognitiva nas línguas de sinais, dedica parte do seu trabalho para refletir sobre como os parâmetros fonológicos das línguas de sinais podem ser observados a partir da linguística cognitiva. De uma forma geral, o autor aponta que somente o parâmetro Configuração de Mão é uma informação autônoma, enquanto Movimento, Locação e Orientação são parâmetros dependentes, uma vez que estes últimos estão associados aos domínios de espaço e tempo. O autor utiliza uma noção básica de elementos básicos na descrição de eventos dentro da perspectiva cognitivista: coisas e processos.

Prototipicamente, as CMs representam coisas, que são informações independentes, enquanto os movimentos indicam o processo. Os espaços podem indicar uma mudança de espaço, ou uma mudança de tempo. No sinal ANO, a mão em movimento representa a terra girando em torno do sol, e o movimento representa tanto o movimento da terra, quanto o tempo de um ano. As orientações estão na mesma relação espacial que o movimento, podem ser percebidas em verbos indicadores, nas quais a orientação da mão pode indicar quem sujeito e objeto. Na seção seguinte falaremos brevemente sobre a iconicidade nas relações hiponímicas e hiperonímicas e como os modificadores que são adicionados aos hiperônimos podem ter motivações icônicas.

2.4.3 Iconicidade em hiperônimos e hipônimos

Nas línguas de sinais, os modificadores podem aparecer com o acréscimo de um novo sinal. Estes sinais podem ser sinais especificados no núcleo do léxico, ou não, caso sejam empréstimos ou sinais de representação (Johnston; Schembri, 2007). Estes *sinais de representação*, expressão cunhada pelos autores, é também chamada de *classificadores*. Estes tipos de sinais carregam uma relação icônica com os seus referentes ainda mais estreita do que os sinais especificados no núcleo do léxico. No entanto, esta relação não é direta, nem aleatória.

Para explicar que este fenômeno, a iconicidade, não é aleatória (Grose, 2012) utiliza alguns exemplos:

O sinal de ASL ‘veado’, que representa chifres, o sinal ‘macaco’, que representa o comportamento estereotipado de gorilas que batem no peito, e o sinal de ovelha, que representa o corte de lã, são icônicos, mas são icônicos de diferentes maneiras. Sinais

com significados semelhantes em diferentes idiomas podem ter formas muito diferentes e ainda serem igualmente icônicos⁶⁸ (idem, p. 442, tradução nossa).

A iconicidade, sendo um fenômeno inerente às línguas de sinais, por serem línguas de modalidade visual-espacial, compromete todo o sistema lexical, uma vez que muitos arranjos hiponímicos são estabelecidos através da junção de sinais do núcleo do léxico com sinais de representação, como BABUÍNO-ANÚBIS (macaco + maneira de andar) e PASTOR-ALEMÃO (cão + formato de orelha), que aparecem no trabalho de Santos (2018), são hipônimos com uma influência icônica.

Esta iconicidade está longe de ser um elemento que descaracteriza as línguas de sinais como naturais, pois, segundo Grose (2012 p. 442, tradução nossa), “Essa iconicidade lexical também mostra a natureza agregada e adaptativa dos léxicos de uma língua natural⁶⁹”. Dessa forma, uma discussão aprofundada sobre a organização lexical das línguas de sinais, no que diz respeito aos hipônimos e hiperônimos, passa necessariamente por um olhar sobre o aspecto a iconicidade, além do que já é discutido sobre estes fenômenos na linguística. Esta discussão mais aprofundada é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, pois os dados que foram coletados podem nos ajudar a entender um pouco mais sobre o papel da iconicidade, não só nos hipônimos e hiperônimos, mas na estrutura linguística da Libras como um todo. Para aprofundar a análise sobre a iconicidade na produção de hipônimos na Libras, utilizamos o modelo de Taub (2004). Com o modelo, buscamos investigar os processos cognitivos que desencadeiam a produção de sinais icônicos na Libras.

2.4.4 Iconicidade e cognição

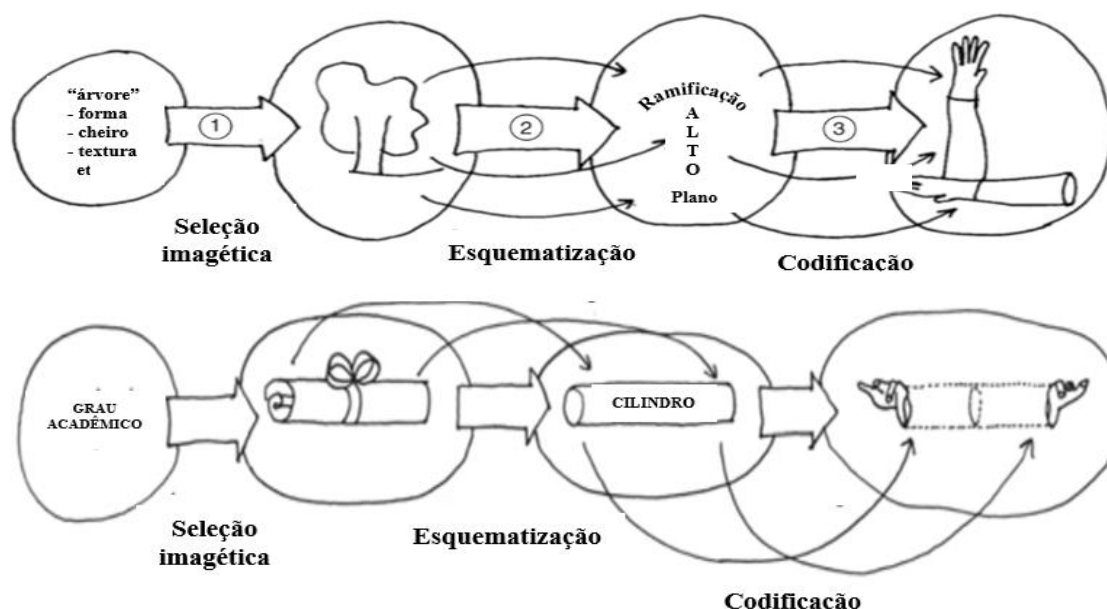
O modelo de Taub (2004) busca explicar como os sinais icônicos são criados do ponto de vista dos processos cognitivos que envolvem este processo. Desta forma, a autora não prevê uma explicação para processos que envolvam produção e compreensão dos sinais em conversações, ou seja, para a linguagem em uso. Ainda que um dado sinal, como ÁRVORE já tenha sido criado, é possível ver pistas, a partir da sua estrutura morfofonológica, dos processos cognitivos que desencadearam a criação deste sinal. A autora dividiu este processo de criação em três estágios, que podem acontecer simultaneamente, mas que foi organizado para fins

⁶⁸ *The ASL sign deer, which represents antlers, the sign ape, which represents the stereotyped chest-beating gorilla behavior, and the sign sheep, which represents the shearing of wool, are each iconic, but they are iconic in different ways. Signs with similar meanings in different languages may have very different forms and yet be equally iconic* (Grose, 2012, p. 442).

⁶⁹ *“This lexical iconicity also shows the aggregate and adaptive nature of natural language lexicons”* (Grose, 2012, p. 442).

explicativos, em sequência. O primeiro estágio é a seleção imagética, o segundo estágio, a esquematização, e o terceiro, a codificação, conforme a Figura a seguir.

Figura 33 - Representação do modelo de construção analógica da iconicidade linguística desenvolvido por Taub, utilizando um sinal da Língua Americana de Sinais (ASL)



Fonte: Versão adaptada de Taub (2004, p. 53).

A partir destes estágios, que podem ser revisitados, os sinais são criados e lexicalizados, segundo a autora. Apresentamos, a seguir, algumas considerações a respeito de cada estágio.

2.4.4.1 Primeiro estágio: Seleção da imagem

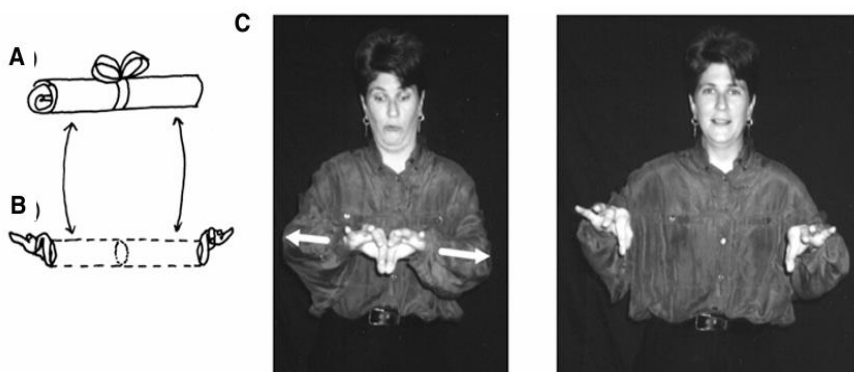
A imagem que se tem de um dado referente, como uma árvore, pode ser diversa e envolver vários sentidos. É importante deixar claro que a seleção da imagem não se resume ao canal visual, mas pode ser também auditiva. O barulho que um sino faz pode ter sido um elemento crucial para a criação desta palavra no português. Cheiros, texturas e gostos também podem compor a imagem mental que criamos dos referentes. Além disso, a autora afirma que o conhecimento enciclopédico que temos do referente também influencia na criação desta imagem.

No entanto, ela também adverte que “esta imagem deve estar numa modalidade que a língua seja diretamente representativa – por exemplo, auditivamente para línguas faladas, visualmente para línguas de sinais, temporal para qualquer uma delas”⁷⁰ (Taub, 2004, p. 45, tradução nossa). Sendo assim, as experiências e o nosso conhecimento sobre o referente podem

⁷⁰ “This image must be in a modality that the language can directly represent – for example, auditory for spoken languages, visual for signed languages, temporal for either one” (Taub, 2004, p. 45).

ser capturados a partir de elementos visuais envolvidos com eles. Ao trazer o exemplo de GRADUAÇÃO em ASL (ver Figura abaixo), a autora explica que o sinal está relacionado ao referente DIPLOMA, que por sua vez é um item visualizável, diferente do primeiro, que é um conceito abstrato. Aqui já percebemos que a seleção da imagem pode acontecer de forma direta, como em ÁRVORE, ou indireta, como em GRADUAÇÃO.

Figura 34 - Sinal GRADUAÇÃO em ASL



Fonte: Versão adaptada de Taub (2004, p. 31).

As correspondências de preservação de estrutura entre (A) uma imagem prototípica de um diploma e (B) o cilindro reificado traçado em (C) Língua de Sinais Americana (sinal GRADUAÇÃO) evidenciam a manutenção da forma física e espacial entre esses elementos.

Por haver muitas imagens possíveis, tanto diretamente relacionadas ao referente, quanto a partir de relações indiretas, é preciso que uma seleção seja feita. Aqui é onde a autora relaciona este processo com a metonímia. Uma vez que uma imagem pode ser escolhida como sendo uma parte que representa todo o referente. A partir deste ponto, já inicial, vemos como a transparência linguística não pode ser total, pois não há referentes de imagem única, de modo que esta imagem não seja uma metonímia, mas o todo do referente. No entanto, é possível pensar que algumas imagens podem ser mais transparentes que outras. Imagens diretas como o tronco no sinal ÁRVORE podem ser compreendidas como sendo mais transparentes do que imagens indiretas como o cilindro formado pelo diploma enrolado para representar a GRADUAÇÃO.

A autora ainda adiciona a escolha da imagem para o sinal ÁRVORE em ASL como sendo feita a partir de um exemplar prototípico. Desta forma, entendemos que, em referentes visualizáveis, elementos protótipos de uma dada categoria são melhores candidatos para serem uma metonímia do que elementos não protótipos. Há árvores baixas, tortas, com galhos para diversas direções, mas a imagem mental escolhida para a criação do sinal é de uma árvore com um tronco retilíneo horizontal com galhos e folhas na parte superior da árvore. Vemos, portanto,

que o processo semântico da prototipicidade interfere consideravelmente neste estágio em referentes diretamente imagéticos.

Já para imagens indiretas, como GRADUAÇÃO/DIPLOMA, a autora diz que é feita uma associação do conceito abstrato com um item concreto. Esta associação também é semântica, independentemente de ter sido extraída de uma experiência ou de um conhecimento enciclopédico. Vemos, então, que o campo semântico de um dado referente abstrato é fundamental para se estabelecer relações com itens imagéticos, de modo que podemos afirmar que neste primeiro estágio, representações imagéticas são atravessadas por relações semânticas. Ou seja, as escolhas são feitas motivadas pela percepção e pela compreensão.

Ainda assim, Taub (2004) não descarta o caráter arbitrário do processo. Como dito, diferentes imagens são possíveis, pois nem todo referente imagético possui um claro protótipo, e muitos elementos concretos podem ser associados a um conceito abstrato. Assim, a seleção da imagem, mesmo sendo motivada pela percepção e pela compreensão, é arbitrária, no sentido de que outras imagens possíveis com mesma saliência imagética poderiam ter sido escolhidas. Muito embora, assim como foi dito em relação à transparência, é possível perceber níveis menores ou maiores de motivação/arbitrariedade a partir das imagens disponíveis para um dado referente.

2.4.4.2 Segundo estágio: Esquematização

A esquematização é a forma como uma imagem pode ser utilizada pela língua. Isto acontece por conta da limitação no sistema fonológico de cada língua. Assim como não é possível reproduzir todos os sons possíveis numa língua oral, não é possível reproduzir todas as imagens possíveis numa língua de sinais. Adaptar a complexidade da imagem escolhida ao sistema fonológico é tarefa deste estágio. Para este estágio, os elementos observados no primeiro estágio como sendo metonímicos do referente devem ser preservados.

Além disso, é preciso também prever o que poderá ser o que poderá ser realizável e produtivo na língua. A autora utiliza o exemplo da preposição *in* no inglês do trabalho de Choi & Bowerman (1991), que é uma palavra associada a contextos em que um referente está ou pode ser contido em outro. Assim, a palavra estabelece relações de espaço produtivas na língua, que diferenciam esta preposição das demais. Certos elementos como o movimento da mão e o ponto de articulação podem ser decisivos para estabelecer relações semânticas de transitividade nas línguas de sinais, por exemplo. Desta forma, neste estágio, é possível que imagens de verbos sejam adaptadas para atender certos padrões morfofonológicos.

2.4.4.3 Terceiro estágio: Codificação

Depois de selecionar e esquematizar a imagem a ser representada, chegou a hora da representação. Neste estágio, nas palavras de Taub (2004) “escolhemos uma forma física para representar cada parte e garantimos que este processo de substituição preserva a estrutura geral da imagem original. O resultado deste processo é um emparelhamento linguístico icônico forma-significado⁷¹” (Taub, 2004, p. 47, tradução nossa). Há novamente aqui um processo de escolha, desta vez dos elementos linguísticos que foram utilizados para representar os elementos esquematizados pela imagem escolhida. Desta forma, há novamente, segundo Taub (2004) um processo arbitrário, já que há diferentes elementos linguísticos disponíveis, nos diferentes parâmetros fonológicos.

Vale salientar, no entanto, que, como vemos em Johnston e Schembri (2007), as línguas de sinais já possuem uma gama de sinais de representação com estruturas mais ou menos estáveis. Taub (2004) utiliza o exemplo da configuração  como sendo um elemento fonológico comumente associado a estruturas ramificados, que contém referentes como pernas. Ou seja, no momento da escolha neste terceiro estágio, o sinalizante não vai escolher uma configuração de mão ou um movimento entre todos os disponíveis na língua, mas a escolha poderá ser restrita semanticamente e/ou perceptualmente a configurações de mão que se relacionem com a imagem que esquematizada que se pretende representar. A configuração  dificilmente é escolhida para representar formas de objetos finos, por exemplo. Além disso, a composição dos parâmetros para a criação do sinal também pode ser influenciada, segundo a autora, por uma questão físico-motora, como a facilidade para sinalizar o sinal.

Mudanças podem ocorrer neste processo, de forma que, uma dificuldade no terceiro estágio possa acarretar uma mudança de imagem, ou que, já no momento da seleção da imagem, estes fatores linguísticos já sejam levados em conta. É importante lembrar que os estágios podem acontecer simultaneamente e de forma circular. Além disso, a autora menciona Brennan (1990) e Klima & Bellugi (1979) para explicar que o uso dos sinais pode acarretar mudanças que tornem os itens menos *transparently iconic*, ou seja, que os elementos selecionados na esquematização da imagem desapareçam, ou diminuam sua carga icônica, mas utiliza Hock (1986) para dizer que elementos mais icônicos são mais resistentes a mudanças (Taub, 2004).

⁷¹ “We choose a physical form to represent each piece, and we make sure that this substitution process preserves the overall structure of the original image. The result of this process is an iconic linguistic form–meaning pairing” (Taub, 2004, p. 47).

Por fim, Taub (2004) utiliza este estudo para mostrar como a iconicidade nas línguas de sinais não pode ser confundida com a mímica. Assim como em conversações com línguas orais, em que a mímica pode acontecer através do corpo e da imitação de sons, nas línguas de sinais, a mímica pode fazer parte da conversação entre surdos. No entanto, não se pode confundir o processo de criação de sinais aqui apresentado com a realização da mímica. Nas palavras de Taub (2004) “a diferença crucial é que os itens linguísticos são limitados para se ajustarem às categorias semânticas e fonéticas da língua, enquanto a mímica é limitada apenas pelo poder de conceituação e pelas habilidades físicas do imitador”⁷² (Taub, 2004, p. 56, tradução nossa). Ou seja, as restrições fonológicas estão em constante interferência nos diferentes estágios da criação dos sinais, enquanto, na mímica, o mímico só se limita pelo aspecto físico-motor.

O modelo de Taub (2004) foi utilizado por Xavier e Santos (2016) para analisar a criação de sinais em Libras. A pesquisa contou com a participação de nove surdos e um ouvinte, e a coleta de dados foi realizada a partir de conversas num grupo do software *Telegram* que tinha por objetivo criar sinais para o mosquito *Aedes aegypti*, e para os vírus zika, chikungunya e dengue. Os participantes mandaram diferentes sugestões para cada referente e os pesquisadores analisaram não só os sinais realizados como as discussões sobre as motivações para as sugestões dos sinais. As imagens e figuras abaixo representam a análise realizada pelos autores sobre o processo de criação icônica para cada sinal criado.

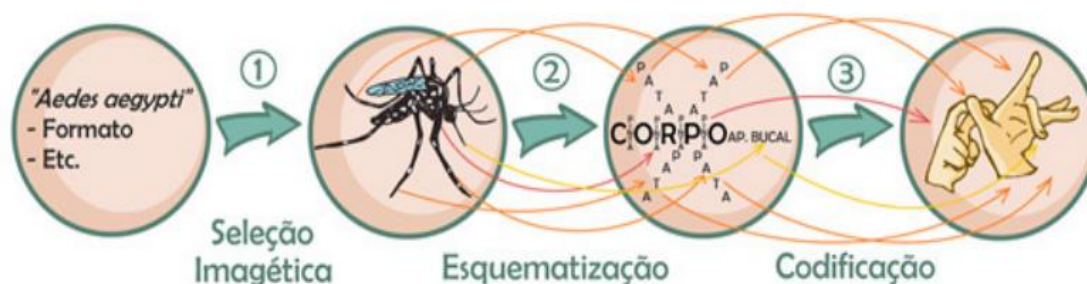
Figura 35 - Sinais selecionados por Xavier e Santos (2016)



Fonte: Xavier e Santos (2016, p. 80).

⁷² “The crucial difference is that linguistic items are constrained to fit the semantic and phonetic categories of the language, whereas mime is constrained only by the imitator’s conceptualizing power and physical skills” (Taub, 2004, p. 56).

Figura 36 - Modelo de construção analógica da iconicidade linguística aplicado ao sinal AEDES-AEGYPTI criado por Xavier e Santos (2016)



Fonte: Xavier e Santos (2016, p. 80).

Figura 37 - Modelo de construção analógica da iconicidade linguística aplicado ao sinal para o vírus da zika criado por Xavier e Santos (2016)



Fonte: Xavier e Santos (2016, p. 81).

A respeito do modelo de Taub (2004), embora os autores pontuem a diferença metodológica entre os trabalhos, já que eles trabalham na criação do sinal e a autora utilizou exemplos de sinais já criados, Xavier e Santos (2016) discordam da afirmação de Taub (2004) de que a associação da imagem a um conceito seja arbitrária. Os autores observam que, no processo de criação dos sinais por eles analisados, fatores de natureza articulatória e perceptual interferiram na escolha da imagem escolhida. Além disso, os autores afirmam que, ao utilizar palavras com conceitos mais simples, como “árvore” em relação aos conceitos trabalhados pelos autores, como “vírus”, “a autora não levou em conta o processo de formação de conceitos que, como se viu, tem consequências diretas na criação de itens linguísticos icônicos” (Xavier; Santos, 2016, p. 89).

Estas afirmações evidenciam a complexidade do processo de criação de sinais icônicos. Como a própria Taub (2004) apontou, os estágios podem acontecer simultaneamente, de forma que os diversos fatores linguísticos, articulatórios, semânticos perceptuais estejam a todo momento interferindo nos três estágios do processo. Ainda assim, não podemos descartar a arbitrariedade, uma vez que há sempre maneiras diferentes de se expressar um sinal, de modo

que comunidades linguísticas diferentes no Brasil apresentem sinais icônicos diferentes. Não só isso, constatamos neste estudo como numa mesma comunidade, sinais podem ser criados ou reproduzidos de formas diferentes, a partir de processos icônicos diversos.

A apresentação do modelo de Taub (2004) foi necessária para aprofundar o entendimento sobre como o fenômeno da iconicidade interfere na criação de sinais em Libras. A partir disso, podemos também analisar como os hipônimos são criados, uma vez que não só estes estágios estão ligados aos sinais hipônimos, como os processos de composição morfológica e dos processos semânticos de subordinação. No próximo capítulo, mostramos como nosso estudo se relaciona com os diversos trabalhos apresentados neste capítulo de modo a contribuir com a análise dos dados coletados.

3 O PRESENTE ESTUDO

Neste capítulo, discordamos sobre os conceitos que foram utilizados na análise desta pesquisa. Dedicamos uma seção para apresentar o trabalho de Santos (2018) que inicia esta investigação sobre hiperônimos e hipônimos na Libras. Esta apresentação foi importante, pois parte da nossa metodologia e análise seguiu o modelo desta pesquisa. Em seguida, apresentamos as diferenças metodológicas da nossa pesquisa e como os conceitos e abordagens trazidas até aqui se organizaram na nossa investigação.

3.1 SANTOS (2018): HIPERÔNIMOS E HIPÔNIMOS NA LIBRAS

A pesquisa de Santos (2018) teve por objetivo investigar como crianças surdas produzem hiperônimos e hipônimos na Libras, em oposição a como crianças ouvintes produzem em português. A presente tese não se trata somente de uma continuação da pesquisa de Santos (2018), uma vez que comparamos este mesmo par linguístico quanto à produção destes mesmos tipos de categorização, mas agora com adultos. Mais do que isto, na presente pesquisa, pretendemos aprofundar a análise linguística sobre o fenômeno, a partir de um aporte teórico mais robusto.

Santos (2018) parte da hipótese de que crianças surdas tendem a produzir mais hiperônimos do que hipônimos quando precisam sinalizar agrupamentos genéticos de Gatos (como siamês e persa), Pássaros (como beija-flor e pardal), Macacos (como macaco-prego e gorila) e Cães (como poodle e pastor-alemão). Além disso, o autor também lança a hipótese de que crianças ouvintes produzem proporcionalmente mais hipônimos do que crianças surdas. Para verificar estas hipóteses, o autor realiza uma tarefa de elicitación através do uso de imagens dos agrupamentos genéticos de animais impressas em cartões. Estes cartões foram apresentados um a um para crianças surdas (uma a uma), e depois para crianças ouvintes. A tarefa dos participantes consistia somente em sinalizar o que via na Figura.

Figura 38 - Exemplos de figuras apresentadas



Fonte: Santos (2018, p. 153-156).

Santos (2018) selecionou animais de cada agrupamento genético e alguns outros animais que serviram como distratores, totalizando assim, 96 cartões, que foram apresentados um a um para cada criança. As crianças tinham entre 8 e 14 anos de idade e todas eram alunos da rede pública de ensino de Alagoas. Após a coleta de dados, o pesquisador codificou as respostas de modo que elas pudessem ser quantificadas na análise quantitativa. As respostas que apareceram nessa pesquisa foram:

Quadro 15 - Tipos de códigos criados para as diferentes respostas das crianças

HIPE	Este código foi utilizado quando a criança produziu somente o <i>hiperônimo</i> da figura apresentada – e.g. quando apresentada a figura de um pastor-alemão e a criança falou <i>cão</i> .
HIPO	Este código foi utilizado somente para as análises descritivas e estatísticas e diz respeito às produções em que as crianças identificaram o animal com um <i>hipônimo</i> , independente da estratégia utilizada, seja com ILP (e.g. <i>beija-flor</i>), seja com uma composição (e.g. GATO CINZA).
REP	Utilizamos este código quando a criança produziu <i>sinais de representação</i> trazendo características físicas do animal, como ORELHA ou PELO, ou incorporando seus trejeitos em ações como ANDAR ou ARRANHAR. Em alguns casos, as crianças produziram um REP junto de um HIPE; nesses casos, codificamos como HIPE + REP. Vale ressaltar que somente crianças surdas podem apresentar produções desse tipo nesta pesquisa, uma vez que este recurso não está presente no português.
MOD	Este código faz referência aos <i>modificadores</i> . Apesar de entendermos que os sinais de representação também agem como modificadores, o código MOD foi atribuído somente aos casos em que a criança produziu sinais do léxico nativo da Libras (no caso das crianças surdas) ou itens do léxico nativo do português (no caso das crianças ouvintes). Esses modificadores foram combinados pelas crianças com os hiperônimos na tentativa de atribuir ao animal algum adjetivo, como PELADO ou FORTE, ou atividade como BABAR; nesse sentido, codificamos como HIPE + MOD.
EXP	Este código foi utilizado quando a criança comentou ou <i>explicou</i> algo sobre o animal; elas faziam o sinal e explicavam (HIPE + EXP), como em “JÁ VER MACACO BANANA EU-DAR” (Eu já vi esse macaco e dei banana pra ele).

CH	Esta sigla significa <i>co-hipônimo</i> . Conforme discutido na seção sobre hiperônimos e hipônimos desta dissertação, são co-hipônimos os hipônimos que fazem parte de uma mesma categoria. Assim, quando uma criança, vendo um <i>bem-te-vi</i> na imagem, disse <i>sibite</i> , marcamos como co-hipônimo, porque a criança utilizou o co-hipônimo <i>sibite</i> para designar <i>bem-te-vi</i> .
ILP	A sigla significa <i>Item Lexical Padrão</i> . Utilizamos a sigla quando as crianças produziam o sinal ou a palavra que é tida como padrão para designar um animal, como o sinal de GORILA (batendo alternadamente com as duas mãos fechadas – configuração em “a” – contra o peito) ou, no caso de ouvintes, dizendo <i>gorila</i> .
COMP	Este código também foi utilizado somente nas análises e caracteriza as <i>composições</i> , sejam elas de HIPE + MOD (e.g. <i>gato laranja</i>) ou HIPE + REP (CÃO PELO-GRANDE-CABEÇA), ou HIPE + EXP (CÃO BOM NÃO MORDE – cachorro bom, ele não morde).
NS	Este código foi utilizado para informar que a criança disse <i>não saber</i> identificar aquele animal, ou que o desconhecia.

Fonte: Adaptação de Santos (2018, p. 105).

Para a análise estatística, o pesquisador separou os tipos de produção em 3 grupos: HIPERÔNIMOS (quando a criança produziu somente o hiperônimo do agrupamento genético), HIPÔNIMO (quando a criança produziu ILP's, HIPE+MOD e HIPE+REP), e OUTRAS (quanto a criança produziu CH, somente REP, ou quando ela não sabia ou desconhecia). Após o tratamento das respostas das crianças surdas e ouvintes, o pesquisador realizou uma análise estatística para identificar se as diferenças, tanto entre a produção de hiperônimos e hipônimos eram estatisticamente relevantes em ambas as línguas, quanto entre a produção línguas, para saber se um ou outro grupo produziu hipônimos com uma diferença significativa. Quanto à produção das crianças surdas, Santos (2018) afirma

Pela análise estatística, descobrimos que a diferença entre a categoria de respostas hiperônimo foi muito superior às demais e que a diferença entre os resultados foi significante estatisticamente. Na comparação entre hiperônimos e hipônimos, a significância foi atestada pelo p-Value <0.0050*. Na comparação entre hiperônimos e outras respostas, a significância foi atestada novamente pelo p-Value <0.0001*. Já a diferença entre hipônimos e outras respostas não foi estatisticamente relevante, pois o p-Value foi superior a 0.05. Esses resultados indicam, inicialmente, que crianças surdas, quando lhes são apresentadas figuras de diversas espécies de um mesmo animal, tendem a generalizar a resposta, identificando o animal pelo seu hiperônimo (Santos, 2018, p. 120).

A produção dos ouvintes também apresenta resultados muito parecidos, pois “na comparação entre hiperônimos e hipônimos, o p-Value foi <.0001*, assim como

na relação entre hiperônimos e outras respostas em que o p-Value também foi $< .0001^*$.” (Santos, 2018, p. 125) e não houve diferença entre a produção de hipônimos e de outras, uma vez que as produções também foram muito baixas. Ou seja, Santos (2018) mostrou que, tanto surdos quanto ouvintes produzem significativamente mais hiperônimos do que hipônimos, mesmo diante de agrupamentos genéticos diferentes. Esta descoberta confirma que a hipótese de que a produção de hiperônimos é superior à produção de hipônimos na Libras, salientando que o mesmo resultado foi encontrado no português. Por outro lado,

a análise estatística mostrou que não há diferença estatisticamente relevante entre surdos e ouvintes. Para a categoria HIPERÔNIMO, o valor de Prob $> F$ foi de 0.3864; para a categoria HIPÔNIMO, o valor de Prob $> F$ foi de 0.3364 e para a categoria OUTRAS o valor foi quase idêntico, sendo Prob $> F = 0.9275$ (Santos, 2018, p. 127).

Aqui, vemos que a segunda hipótese do autor foi refutada pela análise dos dados, uma vez que tanto a comparação entre a produção de hiperônimos nas duas línguas, quanto a produção de hipônimos foi bastante semelhante com uma diferença importante no que diz respeito a natureza dos hipônimos produzidos, sendo a produção dos surdos majoritariamente de composições (87,9%), enquanto que a produção de hipônimos dos ouvintes foi majoritariamente de ILP's (85,4%).

Quanto a análise linguística das produções dos surdos em Libras, o autor pontuou que o caráter visual da língua fez com que os surdos utilizassem modificadores mais relacionados à descrição do animal, “como a sua cor, ou o formato de suas orelhas, quanto a uma designação de ação própria daquele animal” (Santos, 2018, p. 122), conforme vemos na Figura abaixo.

Figura 39 - CÃO + ATACAR (Pitbull)



Fonte: Santos (2018, p. 123).

O sinal acima foi caracterizado pelo autor como sendo um modificador, e não um sinal de representação, pois este sinal já está no núcleo do léxico, segundo o autor, ainda que tenha sido produzido como uma ação construída no corpo. Ainda assim, propondo

uma análise mais aprofundada, podemos dizer que a produção do sinal acontece no espaço do espectador, com um movimento de modo e com um classificador de entidade parcial, pois as mãos representam as patas do animal. É possível dizer também que se trata de uma composição convencional de um item subordinado com dois sinais do núcleo do léxico. Podemos dizer também que o PITBULL pode ser, dentro do imaginário da participante, o cão que se distingue dos demais por ser o mais feroz. O modificador abaixo é um modificador que qualifica o gato.

Figura 40 - GATO + GORDO (Persa)



Fonte: Santos (2018, p. 123).

Mais uma vez, o autor não apresentou uma análise linguística sobre esta produção, se limitando apenas à identificação da composição como sendo de um hiperônimo com um modificador. Entretanto, podemos inferir mais uma vez que a participante está sinalizando uma composição convencional de um item subordinado, com uma característica que o distingue dos demais gatos apresentados na figura, ou até mesmo em relação aos gatos que a participante já tenha visto.

Outros tipos de composição convencional apareceram como CÃO + FORTE e CÃO + VELHO, mas o tipo de composição mais produtiva “era composta por um item do léxico nativo e um item do léxico não-nativo, como CÃO + ORELHA [...] ou MACACO + ANDAR” (Santos, 2018, p. 123), mais especificamente, uma composição de um hiperônimo com um sinal de representação.

Figura 41 - CÃO + ORELHA (Pastor-alemão)



Fonte: Santos (2018, p. 124).

Neste sinal, além do fato de ser uma composição entre item básico e SASS, se levarmos em conta Klima e Bellugi (1979), podemos também dizer que o segundo sinal é realizado no espaço esquemático, que coloca a orelha do animal em relação à sua cabeça, que é representada pela própria cabeça do participante. O movimento é de formato e o classificador é de forma (que é o mesmo que SASS). Mais uma vez é possível dizer que a característica da orelha desse agrupamento genético de cão se destaca em relação aos demais cães, mesmo que isto acontece somente no imaginário do participante, com base nas suas referências. Não é possível dizer, no entanto, que ele se baseou nos demais animais, pois as imagens dos cães não foram apresentadas simultaneamente. Abaixo temos outro exemplo de um hiperônimo com um sinal de representação.

Figura 42 - MACACO + ANDAR (Babuíno-anúbis)



Fonte: Santos (2018, p. 124).

Como no sinal atacar, há mais uma vez uma composição com um sinal que representa uma ação como modificador. Diferente do sinal ATACAR, que foi sinalizado em sua forma de citação, aqui, o sinal de representação está mimetizando a maneira de andar do animal em questão. Podemos dizer que o sinal de ANDAR aqui é realizado no espaço do observador, com um movimento de modo e um classificador de entidade parcial. Trata-se também, se formos observá-lo como um item subordinado, de uma composição de um item básico com uma representação mimética. Por fim, o autor conclui reforçando a ideia de que a Libras é uma língua tão complexa quanto a língua portuguesa, quando diz que

o léxico da Libras atua não só como um armazenador de sinais, mas como principal mecanismo de categorização e de composição de novos sinais, de modo a servir ao falante quando ele necessita falar sobre qualquer tema. Não há, portanto, lacunas na Libras no que diz respeito ao léxico, ainda que haja a necessidade de que as crianças conheçam melhor os animais ao seu redor e que conheçam também outros itens lexicais padrão da Libras para que a comunicação se torne mais fluida. Entretanto, não há como dizer que a língua portuguesa é sobressalente à Libras, uma vez que os resultados foram bastante semelhantes em ambos os grupos (Santos, 2018, p. 132).

O trabalho do autor deu um passo importante em direção a descrição e análise linguística dos hiperônimos e hipônimos na Libras. Além disso, o olhar para aquisição lexical trouxe uma significativa reflexão sobre a necessidade de um ambiente linguístico estimulante para crianças surdas, mas que o funcionamento da Libras entre as crianças surdas não pode ser observado de forma simplista, independente do contexto em que elas estão inseridas.

Há uma necessidade, no entanto, de, a partir de um aporte teórico mais aprofundado, observar como o léxico da Libras funciona, agora observando adultos surdos. Esta nova pesquisa poderá servir como parâmetro para entender se as respostas crianças foram afetadas pela idade e contexto de aquisição lexical, ou se há um padrão de resposta em qualquer idade e língua.

Além disso, com uma análise mais aprofundada, poderemos caminhar em direção a um mapeamento mais sistemático e geral sobre o funcionamento do léxico da Libras no sentido vertical de categorização, ou seja, sobre como os itens se organizam numa relação de superordenação e subordinação. Em seguida, apresentamos uma breve reflexão sobre o fenômeno da iconicidade nas línguas de sinais.

3.2 MODELO DE ANÁLISE DA PESQUISA ATUAL

O que fizemos até agora foi tentar apresentar o processo de criação e produção de itens lexicais na Libras, a partir de contribuições e ideias de estudos sobre outras línguas de sinais, e sobre pesquisas sobre a Libras. Apesar de apresentarmos alguns estudos sobre a Libras, não é claro na literatura como são processados cognitivamente e produzidos linguisticamente itens lexicais de categorias subordinadas e superordinadas. Por isso, é comum que se pense que há poucos itens subordinados na Libras, ou que não há um caráter sistemático na sinalização de itens subordinados, e forma mais ainda mais ampla, de que o léxico da Libras é somente um conjunto de itens discretos.

As perguntas que nos surgiram, portanto, foram: de que forma adultos surdos estabelecem as relações hponímicas e hiperonímicas na Libras? Quais são as diferenças linguísticas na produção de itens básicos e subordinados do ponto de vista da iconicidade? Com isto, nosso objetivo central é: investigar como adultos surdos estabelecem as relações hponímicas e hiperonímicas na Libras. Os objetos específicos são:

I – Identificar as estratégias utilizadas por adultos surdos para a produção de hipônimos;

II – Analisar as etapas do processo cognitivo de criação e produção de sinais icônicos;

III – Comparar os processos icônicos em itens básicos e subordinados.

Esta recapitulação dos objetos neste capítulo é importante, pois relacionamos abaixo os objetos específicos do trabalho com os instrumentos e as análises realizadas. Por este trabalho ser uma continuação do estudo de Santos (2018), utilizamos sua metodologia e análise aqui como base para explicar qual a contribuição desta nova pesquisa.

A pesquisa de Santos (2018) teve três etapas: (i) pesquisar a utilização dos hiperônimos e dos hipônimos por crianças surdas; (ii) identificar estratégias metalinguísticas que crianças surdas utilizam para categorizar conceitos em Libras e (iii) estabelecer relações entre as produções de hiperônimos e hipônimos por crianças surdas e ouvintes. Para isso, o autor apresentou as relações semânticas entre hipônimos e hiperônimos, utilizando Lyons 1977; e, em seguida, utilizou Johnston e Schembri (2007) para classificar tipos de hiponimização. Com esta classificação, o autor comparou quantitativamente a produção de sinais hipônimos de crianças surdas e ouvintes, para dizer que não havia limitação quanto a identificação de hipônimos, mas que havia algumas diferenças entre estratégias linguísticas de produção. Por fim, o trabalho apresenta, de forma breve, uma descrição linguística de algumas produções, e aponta fatores sociais que se relacionam com os resultados.



Agora, adicionamos a análise dos sinais básicos, não presente no primeiro trabalho. Os itens aplicados como distratores por Santos (2018) foram analisados neste trabalho como sendo itens potencialmente básicos. Fizemos duas análises, uma com sinais básicos e a outra com sinais subordinados/hipônimos. Mantivemos a classificação dos tipos de hipônimos, mas adicionamos uma classificação dos processos cognitivos para, em seguida, estabelecer relações entre elas. Além disso, fizemos uma descrição linguística mais aprofundada, para entender melhor as estratégias linguísticas utilizadas pelos participantes. Por fim, apresentamos uma discussão mais voltada para o fenômeno linguístico e sua interação com processos cognitivos.



Apresentamos abaixo um resumo de quais estudos foram aplicados na análise, assim como os objetivos que foram contemplados com cada um deles.

I – Identificar as estratégias utilizadas por adultos surdos para a produção de hipônimos

Para criar uma classificação que contemple o primeiro objetivo, unimos conceitos e classificações de três trabalhos. Inicialmente, a partir de Lyons (1977), vimos que um item hiperônimo é, semanticamente a junção entre os traços semânticos do seu hiperônimo, com novos traços especificadores. Estes traços podem estar unidos num único item (i.e., “Escrivaninha” como sendo uma junção entre os traços de “mesa” e “estudar”) ou divididos em dois itens, formando assim um composto (i.e., “Mesa de jantar”).

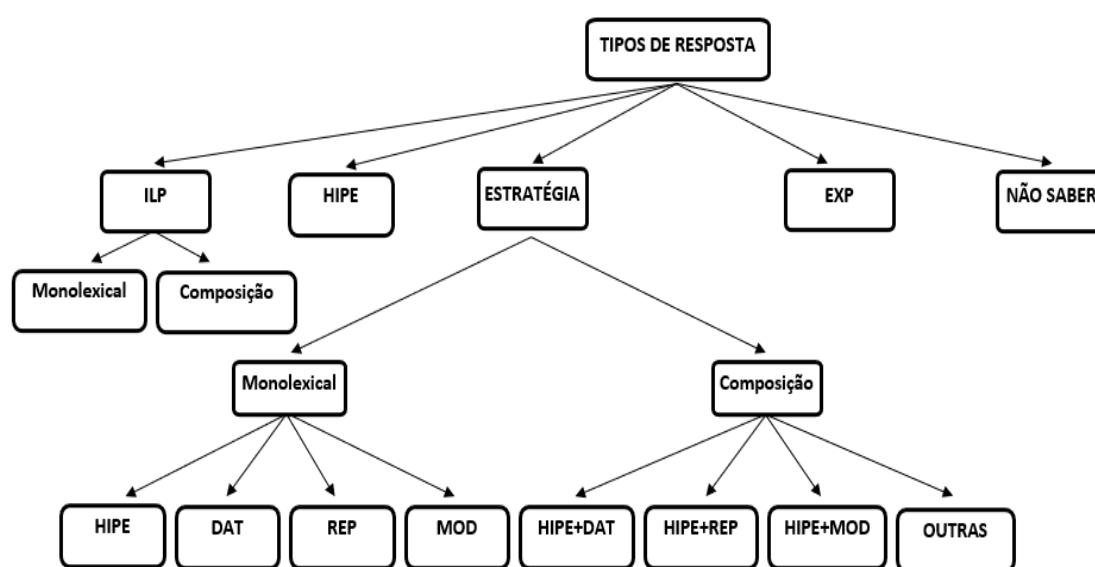
Além disso, utilizamos a classificação feita por Klima e Bellugi (1979) para itens subordinados. Os autores dizem que, na ASL, os itens subordinados são composições de um item básico com outros elementos. Estes elementos podem ser: um item básico (MESA^JANTAR), um item SASS (BANCO^SASS (LONGO)) ou uma pantomima (PIANO^FORMATO DO PIANO).

Por fim, utilizamos a descrição do léxico do AUSLAN feita por Johnston e Schembri (2007) para apresentar uma gama maior de combinações para criação de hipônimos, uma vez que entendemos que os especificadores os quais Lyons menciona, podem ir além da classificação de Klima e Bellugi (1979). Sendo assim, a partir de Johnston e Schembri (2007), classificamos os itens hiperônimos monolexicais ou compostos. Nos itens compostos, classificamos o especificador como sendo lexicalizados ou não-lexicalizados, nativos ou não nativos.

Unindo as três categorizações, consideramos as categorias “item básico SASS” e “item básico + pantomima” como sendo a junção de um hiperônimo (HIPE) com um sinal de representação (REP). Ainda que não vemos composições lexicalizadas de combinações de sinais hiperônimos com datilologia (DAT), iremos adicionar esta categoria, pois é possível que os participantes realizem esta combinação. A primeira categoria de Klima e Bellugi (1979) pode ser interpretada como a junção do hiperônimo com um item do núcleo do léxico, que podem ser, como na pesquisa de Santos (2018),

itens lexicais padrão (ILP) ou modificadores (MOD), ambos fazendo parte do núcleo do léxico. O esquema apresentado na Figura 43 ilustra os tipos de respostas fornecidas pelos participantes, categorizadas em três grandes grupos: HIPE, ESTRATÉGIA, EXP, e NÃO SABER. O grupo ILP (Item Lexical Padrão), dentro de HIPE, subdivide-se em Monolexical e Composição. A categoria Monolexical inclui as respostas que contêm HIPE (hiperônimo), DAT (datilologia), REP (sinal de representação) e MOD (modificador). A categoria Composição subdivide-se em combinações entre HIPE e outras respostas, como DAT, REP, MOD, além de uma categoria para OUTRAS respostas.

Figura 43 - Esquema de anotação: Tipos de códigos criados para as diferentes respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Vale salientar que, ocorrências em que o participante realizar mais de dois itens foram analisadas separadamente, a partir do que os dados nos apresentam.

II – Analisar as etapas do processo cognitivo de criação e produção de sinais icônicos

Para esta análise, utilizamos o modelo desenvolvido por Taub (2004). Além disso, levamos em conta o conceito de prototipicidade por ela utilizado para aplicar a escolhas lexicais, além dos sinais de representação. Realizamos esta análise com os sinais básicos e com os sinais de representação utilizados na produção dos itens subordinados. A análise foi feita de acordo com cada etapa, conforme Quadro abaixo.

Quadro 16 - Classificação da Seleção de imagem, Esquematização e Codificação

Seleção da imagem		
1. Cartão – quando o participante descrever a figura apresentada pelo pesquisador; 2. Memória – quando o participante seleciona uma imagem de sua memória, e não do cartão a ele apresentado; 3. Ação – quando o participante representar o animal em ação; 4. Estático – quando o participante descrever o animal, mas sem relação com a figura apresentada pelo pesquisador; 5. Direta – quando o sinaliza te seleciona uma imagem do referente, e não outra associada a ele; 6. Indireta – quando o participante utilizar outro referente para descrever o animal.		
Esquematização		
1. Geral – quando o participante sinalizar informações gerais sobre o animal: cor, tamanho, peso, altura etc.; 2. Parte do corpo – quando o participante sinalizar uma parte do corpo do animal: pelugem, asas, cabeça, pescoço, bigode, bico, orelhas, patas etc.; 3. Outro referente – quando o participante sinalizar outro referente como parte do esquema de representação do animal: o pescoço de alguém sendo mordido por um morcego, alguém ordenhando uma vaca etc.; 4. Interna – quando o participante sinalizar uma característica interna do animal: mau, perigoso etc.; 5. Mista – quando o sinalizante apresentar duas outras formas de esquematização numa mesma composição. Obs: anotaremos também, além da classificação, qual o elemento específico esquematizado pelo participante (boca, mau, cor etc.).		
Codificação		
Na codificação, para cada parâmetro, utilizaremos a classificação feita por Johnston e Schembri (2007). Criamos uma coluna de anotação para cada parâmetro. Desta forma as opções de anotação são:		
Espaço: Topográfico: Esquemático Topográfico: Espectador Real Abstrato	Movimento: Localção Distribuição Trajetória Modo Formato	Configuração de mão: Entidade: Inteiro Entidade: Coletivo Entidade: Parcial Entidade: Volume Manipulação: Segurar Manipulação: Tocar Manipulação: Manuseio Forma (SASS): Superfície Forma (SASS): Dimensão Forma (SASS): Perímetro

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

III – Comparar os processos icônicos em itens básicos e subordinados

Para este objetivo, comparamos quantitativamente e qualitativamente os resultados do processo cognitivo nos itens básicos e nos itens subordinado. Observamos quais as semelhanças e diferenças quanto à seleção da imagem, da esquematização e da codificação, a partir das anotações propostas. No capítulo seguinte, apresentamos como foram coletados os dados para esta pesquisa e o perfil dos participantes deste trabalho.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, foi apresentada uma descrição da metodologia utilizada nesta tese. A pesquisa está dividida em quatro etapas. A primeira etapa se caracteriza como a seleção dos sujeitos, que define os critérios para a seleção, justificando os critérios de inclusão e exclusão com base no objeto a ser estudado. A segunda é a etapa da coleta de dados, que trata do registro dos experimentos feitos com os participantes, para que seja feita uma análise mais consistente do fenômeno abordado. Essa fase começa no momento em que nós vamos ao local da pesquisa e conhecemos tanto o ambiente quanto os participantes da pesquisa e vai até a última seção do experimento.

Tendo finalizado todos os experimentos, vamos para a terceira fase, a qual denominamos armazenamento de dados. Essa fase diz respeito a como os dados devem ser codificados e armazenados, para que a análise seja feita de maneira produtiva, eficiente e ética. Enquanto os experimentos estiverem sendo feitos, é imprescindível que os dados já coletados sejam armazenados com segurança, para que imprevistos não prejudiquem o bom andamento da pesquisa. A última etapa é a análise dos resultados, que foi feita observando-se os dados coletados a partir dos instrumentos teóricos voltados para o estudo do léxico.

4.1 SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Os critérios de inclusão e de exclusão para os participantes foram estabelecidos desta maneira.

Quadro 17 - Critérios de inclusão e de exclusão dos participantes da pesquisa

Nº	Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
1	Ser usuário da Libras.	Não saber Libras.
2	Ter idade superior a 18 anos.	Ter idade inferior a 18 anos.
3	Ter surdez bilateral profunda, com comprovação por meio de laudo médico.	Não ter surdez bilateral profunda.
4	Aceitar participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).	Recusar-se a assinar o TCLE.
5	Ter desenvolvimento psicomotor normal.	Não ter desenvolvimento psicomotor comprometido.

Fonte: Elaboração pelo autor (2024).

Foram selecionados 10 (dez) surdos (5 homens e 5 mulheres⁷³) com faixa de idade entre 23 e 37 anos, todos alunos do curso Letras Libras⁷⁴, conforme o Quadro a seguir:

Quadro 18 - Perfil dos participantes da pesquisa

Nº Participante	Idade	Sexo	Escolaridade
1	23	Feminino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
2	26	Feminino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
3	28	Feminino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
4	32	Feminino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
5	34	Feminino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
6	24	Masculino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
7	25	Masculino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
8	28	Masculino	Formado no curso Letras Libras - UFAL
9	29	Masculino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL
10	37	Masculino	Graduando no curso Letras Libras - UFAL

Fonte: Elaboração pelo autor (2024).

Eles se submeteram ao mesmo procedimento de coleta de dados, ou seja, fizeram os experimentos, uma de cada vez numa da sala azul no prédio de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas. Os participantes responderam em Libras.

⁷³ Nós decidimos dividir o número de participantes igualmente entre homens e mulheres, a partir do sexo biológico. Esta divisão buscou evitar interferências que um dos sexos poderia causar nos resultados, caso houvesse mais homens do que mulheres ou vice-versa.

⁷⁴ Controlamos a escolaridade, por entender que estes alunos do curso superior já apresentariam uma maior fluência na Libras. Ainda assim, realizamos uma seleção interna entre os alunos, a partir de conversas informais, para avaliar a fluência na Libras.

4.2 COLETA DE DADOS

Optamos por uma pesquisa de caráter experimental. Com esta abordagem experimental, podemos direcionar a coleta para que as produções sejam diretamente relacionadas ao que buscamos investigar, gerando assim mais dados de pesquisa. Nesse caso, com adultos surdos, foram apresentadas fichas com imagens dos animais diversos e os participantes produziram sinais que façam referência a esses animais.

A coleta foi realizada da seguinte maneira. O pesquisador foi até o participante e o registro foi feito por uma sala azul de gravação do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas possui estrutura de iluminação, tripé (Sunpak ultra 7500 tm), câmeras digitais de altíssima qualidade (Sony HDR – XR100), e plano de fundo adequado. O participante assinou o TCLE⁷⁵ (Termo de consentimento livre e esclarecido) e o pesquisador explicou como foi o procedimento e, em seguida, iniciou o experimento, que durou de 20 a 30 minutos.

Inicialmente, realizamos entrevistas por webconferência para que os participantes respondessem ao questionário sociodemográfico⁷⁶. Após a etapa das entrevistas individuais, os participantes se deslocaram ao prédio do curso Letras Libras da UFAL para participar do experimento. Lá, solicitamos que eles assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi reproduzido em Libras para os surdos, mas também foi disponibilizado em português escrito, de forma que os participantes tivessem total acesso ao documento a ser assinado. Cada participante entrou sozinho na sala azul do prédio do curso Letras Libras da UFAL, e foi recebido pelo pesquisador para realizar o teste. Após a sua saída, outro participante pôde entrar na sala para realizar o experimento, de modo que as respostas de um participante não fossem vistas por outros, evitando assim que um participante influenciasse nas respostas dos demais.

Foram selecionados 4 (quatro) animais hiperônimos, quais sejam, GATO, PÁSSARO, MACACO e CÃO, seguindo o modelo de Santos (2018) com 8 (oito) hipônimos para cada um. Nós escolhemos estes 4 (quatro) animais como sendo os hiperônimos, por entendermos que estes são os animais mais comuns e conhecidos pelas pessoas surdas. Além dos animais hipônimos, utilizamos sinais potencialmente básicos. Adaptamos o modelo de Santos (2018) em relação aos distratores. Selecionamos metade

⁷⁵ Ver anexo.

⁷⁶ Ver anexo.

dos itens distratores do seu modelo (ver Quadro abaixo) para serem classificados como sendo itens potencialmente básicos, pois acreditamos que eles são os itens mais conhecidos entre os participantes. Dentro da categoria de itens potencialmente básicos, avaliamos, a partir da produção dos participantes, quais destes animais são produzidos com um mesmo sinal básico em mais de 50% das respostas. Os animais com maior proporção de sinais lexicalizados foram analisados como sendo itens básicos e fizeram parte da nossa segunda análise. Organizamos as 96 (noventa e seis) fichas⁷⁷, divididas em quatro blocos, de acordo com os 4 (quatro) hipônimos: Gatos, Pássaros, Macacos e Cães. Em cada bloco há 8 (oito) itens potencialmente básicos, 8 (oito) itens hipônimos e 8 (oito) itens distratores, conforme o Quadro abaixo.

Quadro 19 - Itens utilizados no experimento

Blocos	Itens Potencialmente Básicos	Itens Hipônimos	Itens Distratores
Bloco 1 GATO	1- Jabuti 2- Girafa 3- Rato 4- Raposa 5- Pantera-Negra 6- Leão 7- Onça 8- Tigre	Hipônimos de gatos 1- Abíssimo 2- Azul Russo 3- Siamês 4- Vira-Lata 5- Persa 6- Peterbald 7- Gato-de-Bengala 8- Maine Coon	1- Capivara, 2- Geneta 3- Guepardo 4- Hiena 5- Puma 6- Urso-Polar 7- Tigre-de-Bengala 8- Ema
Bloco 2 PÁSSARO	1- Morcego 2- Galinha 3- Pinguim 4- Pato 5- Pavão 6- Peru 7- Lagarto 8- Zebra	Hipônimos de pássaros 1- Beija-Flor 2- Pardal 3- Curió 4- Bem-Te-Vi 5- Rola 6- Pica-Pau 7- Rolinha-Fogo-Pagou 8- Pombo	1- Cegonha 2- Guiné 3- Faisão 4- Flamingo 5- Grou 6- Coroadas 7- Marreco 8- Kiwi
Bloco 3 MACACO	1- Canguru 2- Gambá 3- Coelho 4- Lêmure de Madagascar 5- Rinoceronte 6- Urso 7- Bicho-Preguiça 8- Camelo	Hipônimos de macacos 1- Macaco-Prego 2- Macaco-de-Cheiro 3- Mico-Leão 4- Babuíno-Anúbis 5- Gorila 6- Orangotango 7- Chimpanzé 8- Sagui	1- Gambá 2- Guaxinim 3- Ariranha 4- Diabo-da-Tasmânia 5- Coala 6- Suricate 7- Tamanduá 8- Panda
	1- Ovelha 2- Veado 3- Cavalo	Hipônimos de cães 1- Yorkshire Terrier 2- Poodle	1- Hipopótamo 2- Lobo 3- Guará

⁷⁷ Ver anexo.

Bloco 4 CÃO	4- Vaca	3- Pastor-Alemão	4- Camelo
	5- Burro	4- Pitbull	5- Javali
	6- Porco	5- Dachshund	6- Anta
	7- Boi	6- Golden Retriever	7- Avestruz
	8- Elefante	7- Chow-Chow	8- Esquilo
		8- Beagle	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os participantes puderam responder como quiseram, ou seja, eles poderiam expor julgamentos sobre o animal, comentar algo sobre a imagem, dizer não conhecer o animal, ou qualquer outra resposta que não fosse relevante para o experimento. O pesquisador não induziu em momento algum os participantes a obter uma resposta relevante.

Em razão da pandemia do COVID-19⁷⁸ continuar fazendo vítimas, temos todos de continuar tomando as medidas sanitárias para evitar a propagação do vírus. O prédio do curso Letras-Libras da UFAL esteve fechado para aulas, mas ainda assim, fomos autorizados pelo curso a realizar a pesquisa no local, uma vez que medidas fossem tomadas para manter o distanciamento e evitar uma possível contaminação. Sendo assim, o pesquisador e os participantes passaram por um teste de aferição de temperatura e higienizaram as mãos com álcool antes de entrar no prédio, evitando também a aglomeração, mantendo distância mínima de dois metros. O experimento só foi realizado com os participantes que já tenham tomado as duas doses da vacina contra a COVID-19. Além disso, o pesquisador utilizou máscara durante todo o experimento, enquanto os participantes somente puderam retirar a máscara durante o experimento, para que as respostas fossem devidamente gravadas. Ainda assim, se algum participante não se sentisse à vontade para retirar a máscara, ele poderia realizar o teste sem nenhum constrangimento.

4.3 ARMAZENAMENTOS DOS DADOS

Sabemos que há riscos de vazamentos dos dados por foram arquivados em nuvem, no entanto, medidas internacionais têm sido tomadas para se evitar perda de dados, como o cadastro em bancos internacionais, os quais armazenam dados em diferentes servidores e em diferentes países, a exemplo do *The Language Archive*⁷⁹, onde os dados foram guardados.

⁷⁸ A coleta de dados foi realizada no ano de 2021, durante o período da pandemia.

⁷⁹ Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/>.

Nós salvamos os arquivos com nomes fictícios que também foram utilizados na análise dos dados, para salvaguardar a identidade dos participantes. Sendo assim, os participantes tiveram nomes de países africanos. Junto ao nome, colocamos idade e sexo. Desta forma, um participante teve o código Egito26SF, em que 26 foi sua idade, S grupo de surdos e F (sexo feminino).

4.3 ASPECTOS ÉTICOS

Atendemos às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde). O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas – AL (CEP-UFAL) e aprovado com CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética), número 45020821.8.0000.5013⁸⁰. Antes de convidar os surdos graduandos do curso de Letras-Libras a participar da pesquisa, foi realizado contato com o coordenador do curso de Libras/Libras da Universidade Federal de Alagoas, com o objetivo de solicitar a autorização da instituição para a realização da coleta de dados. O coordenador assinou a Termo de Autorização Institucional - UFAL⁸¹.

Antes de iniciar o experimento, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que esclarece aos participantes os riscos envolvendo a participação na pesquisa, e que a qualquer momento o participante pode decidir desistir da pesquisa, entre outras informações. Além disso, o pesquisador esteve à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas sobre o documento e sobre a participação do participante na pesquisa. Após o consentimento, todos os documentos comprobatórios dos consentimentos foram encaminhados a CEP/UFAL e inseridos na plataforma Brasil.

4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise foi feita em duas etapas. Inicialmente, foi feita a análise dos sinais básicos, utilizando o instrumento de análise proposto no capítulo 3 desta tese. Cada sinal básico sinalizado foi analisado em termos morfológicos, se a morfologia é simples (monolexical) ou composta, e na sua iconicidade, a partir do modelo de Taub (2004). Analisamos a seleção da imagem, a esquematização e a codificação, para tentar entender como a iconicidade está presente na produção de sinais básicos. Em seguida, fizemos o

⁸⁰ Ver anexo

⁸¹ Ver anexo.

mesmo com os sinais hipônimos/subordinados, para entender a iconicidade nos sinais, mas também para estabelecer parâmetros de comparação entre a criação/produção de sinais básicos e subordinados, conforme a Figura abaixo.

Figura 44 - Tabela de anotação de dados no Excel

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	Participante	Animal Hiperônimo	Animal Hipônimo	Estratégia	Seleção de imagem: REFERENC	Seleção de imagem: TIP	Seleção de imagem: RELAC	Esquematisação: TIP	Esquematisação: QUAL
2	EGITO26SF	GATO	Gato abissínio	HIPE	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
3	EGITO26SF	GATO	Azul russo	HIPE	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
4	EGITO26SF	GATO	Siamês	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR
5	EGITO26SF	GATO	Vira-lata	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR
6	EGITO26SF	GATO	Persa	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	PESO
7	EGITO26SF	GATO	Pterbald	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	PESO
8	EGITO26SF	GATO	Gato-de-bengala	HIPE + REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	PELUGEM
9	EGITO26SF	GATO	Maine	HIPE + MOD + REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR + PELUGEM
10	EGITO26SF	PÁSSARO	Beija-flor	ILP	MEMÓRIA	ESTÁTICO	INDIRETA	Externa	CHEIRO
11	EGITO26SF	PÁSSARO	Pardal	HIPE	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
12	EGITO26SF	PÁSSARO	Curio	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR
13	EGITO26SF	PÁSSARO	Bem-te-vi	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR
14	EGITO26SF	PÁSSARO	Rola	HIPE + REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	ASAS + DESENHO DAS PENAS
15	EGITO26SF	PÁSSARO	Pica-pau	REP + MOD + HIPE + MO	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	PENAS + COR
16	EGITO26SF	PÁSSARO	Rolinha-fogo-pagi	HIPE + REP + MOD + MO	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	TAMANHO + COR + ASAS
17	EGITO26SF	PÁSSARO	Pombo	REP + HIPE + MOD + MO	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	ASAS + COR
18	EGITO26SF	MACACO	Macaco-prego	NÃO SABER	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
19	EGITO26SF	MACACO	Macaco-de-cheiro	HIPE	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
20	EGITO26SF	MACACO	Mico-leão	HIPE + REP + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	PELUGEM + COR
21	EGITO26SF	MACACO	Babuíno-anúbis	HIPE + MOD + REP	MEMÓRIA	AÇÃO	DIRETA	Externa	COR + ANDAR
22	EGITO26SF	MACACO	Gorila	HIPE + REP + MOD	MEMÓRIA	AÇÃO	DIRETA	Externa	ANDAR + COR
23	EGITO26SF	MACACO	Orangotango	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR
24	EGITO26SF	MACACO	Chimpanzé	EXP	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
25	EGITO26SF	MACACO	Sagui	REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	PELUGEM
26	EGITO26SF	CÃO	Yorkshire Terrier	HIPE + REP	CARTÃO	AÇÃO	DIRETA	Externa	PELUGEM
27	EGITO26SF	CÃO	Poodle	HIPE + MOD + REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR + ORELHA
28	EGITO26SF	CÃO	Pastor-alemão	HIPE	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
29	EGITO26SF	CÃO	Pitbull	HIPE + MOD	MEMÓRIA	ESTÁTICO	DIRETA	Interna	MAL
30	EGITO26SF	CÃO	Dachshund	HIPE + REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	CORPO
31	EGITO26SF	CÃO	Golden retriever	HIPE + MOD	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	COR
32	EGITO26SF	CÃO	Chow-chow	HIPE + REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	ORELHA
33	EGITO26SF	CÃO	Beagle	HIPE + REP	CARTÃO	ESTÁTICO	DIRETA	Externa	TAMANHO

	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
1	Esquematisação: QUAL	Codificação: ESPAÇO1	Codificação: MOVIMENT	Codificação: CM1	Codificação: ESPAÇO2	Codificação: MOVIMENT	Codificação: CM2	Codificação: ESPAÇO	Codificação: MOVIMENT	Codificação: CM3
2	N/A	N/A	N/A	N/A						
3	N/A	N/A	N/A	N/A						
4	COR	N/A	N/A	N/A						
5	COR	N/A	N/A	N/A						
6	PESO	N/A	N/A	N/A						
7	PESO	N/A	N/A	N/A						
8	PELUGEM	TOPOGRÁFICO: ESQUEMÁTIC DISTRIBUIÇÃO	ENTIDADE: INTEIRA		TOPOGRÁFICO: ESQUEMÁTIC DISTRIBUIÇÃO	ENTIDADE: INTEIRA				
9	COR + PELUGEM	N/A	N/A	N/A						
10	CHEIRO	ABSTRATO	LOCAÇÃO	LETRA						
11	N/A	N/A	N/A	N/A						
12	COR	N/A	N/A	N/A						
13	COR	N/A	N/A	N/A						
14	ASAS + DESENHO DAS PENAS	TOPOGRÁFICO: ESPECTADO MODO	ENTIDADE: PARCIAL	TOPOGRÁFICO ESQUEMÁTIC DISTRIBUIÇÃO	ENTIDADE: INTEIRA	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
15	PENAS + COR	TOPOGRÁFICO ESQUEMÁTIC DISTRIBUIÇÃO	ENTIDADE: COLETIVO	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
16	TAMANHO + COR + ASAS	TOPOGRÁFICO ESQUEMÁTIC FORMATO	FORMA (SASS) DIMENS	TOPOGRÁFICO: ESPECTADOF MODO	ENTIDADE: PARCIAL	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
17	ASAS + COR	TOPOGRÁFICO: ESPECTADO MODO	ENTIDADE: PARCIAL	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
18	N/A	N/A	N/A	N/A						
19	N/A	N/A	N/A	N/A						
20	PELUGEM + COR	TOPOGRÁFICO ESQUEMÁTIC DISTRIBUIÇÃO	ENTIDADE: COLETIVO	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
21	COR + ANDAR	N/A	N/A	N/A	TOPOGRÁFICO: ESPECTADOF MODO	ENTIDADE: PARCIAL	N/A	N/A	N/A	N/A
22	ANDAR + COR	TOPOGRÁFICO: ESPECTADO MODO	ENTIDADE: PARCIAL	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
23	COR	N/A	N/A	N/A						
24	N/A	N/A	N/A	N/A						
25	PELUGEM	TOPOGRÁFICO: ESQUEMÁTIC DISTRIBUIÇÃO	ENTIDADE: INTEIRA							
26	PELUGEM	TOPOGRÁFICO: ESQUEMÁTIC MODO	ENTIDADE: INTEIRA							
27	COR + ORELHA	N/A	N/A	N/A	TOPOGRÁFICO ESQUEMÁTIC FORMATO	FORMA (SASS) DIMENSÃO				
28	N/A	N/A	N/A	N/A						
29	MAL	N/A	N/A	N/A						
30	CORPO	TOPOGRÁFICO ESQUEMÁTIC FORMATO	FORMA (SASS) DIMENSÃO							
31	COR	N/A	N/A	N/A						
32	ORELHA	TOPOGRÁFICO: ESQUEMÁTIC FORMATO	FORMA(SASS) DIMENSÃO							
33	TAMANHO	TOPOGRÁFICO ESQUEMÁTIC FORMATO	FORMA(SASS) DIMENSÃO							

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Fizemos uma análise quantitativa descritiva, apresentando porcentagem de realização de cada tipo de resposta classificado no capítulo 3 e fizemos cruzamentos entre os parâmetros para entender como os fatores podem ter interferidos nos resultados entre si. Por fim, fizemos uma discussão para atender as hipóteses levantadas, e aprofundar a discussão sobre a iconicidade no lexical, mais especificamente nas categorias verticais.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Este capítulo está dividido em duas partes, uma análise dos itens básicos e uma análise dos itens subordinados. Na análise dos itens básicos, apresentamos inicialmente os resultados das respostas dos participantes, e como selecionamos os itens básicos que fizeram parte da análise linguística. Em seguida, fizemos a análise linguística de cada item básico. Na segunda análise, apresentamos inicialmente os resultados quantitativos dos itens subordinados e, em seguida, uma análise linguística do uso dos sinais de representação.

5.1 RESULTADOS PARA OS ITENS BÁSICOS

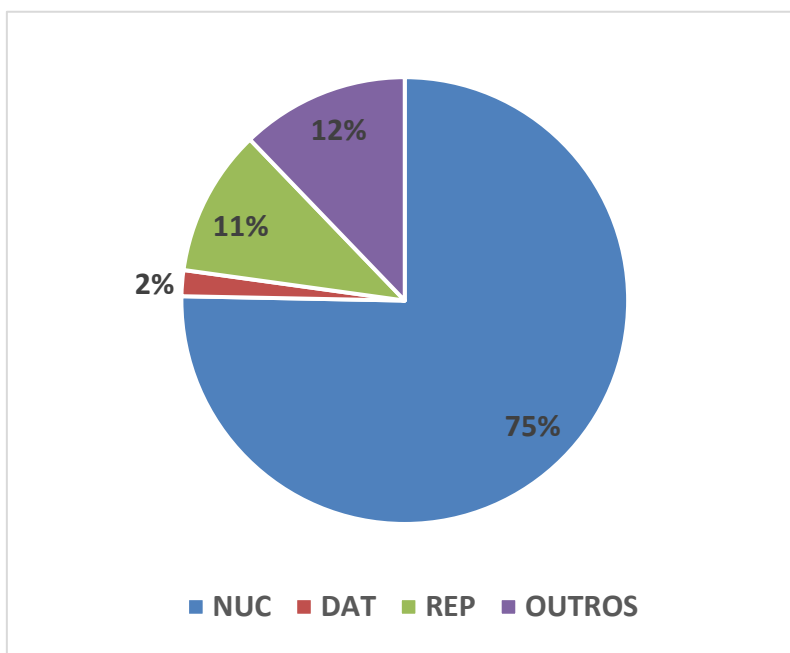
Como exposto no capítulo de metodologia, 96 (noventa e seis) figuras de diferentes animais foram expostas aos participantes. 32 (trinta e duas) delas foram destinadas à análise dos hipônimos/subordinados e 64 (sessenta e quatro) à esta análise de itens básicos. As respostas para estes itens foram as mais diversas, desde a escolha de outras variantes lexicalizadas, ao uso de sinais de representação ou de sinais de co-hipônimos. Dentre estes 64 (sessenta e quatro) animais potenciais, nós selecionamos 32 (trinta e dois) animais para a análise quantitativa, com base na observação inicial dos dados, para comparar com os 32 (trinta e duas) animais hipônimos. Com 10 (dez) respostas (10 participantes) para cada animal, temos um total de 320 (trezentas e vinte) tokens para a primeira análise e 320 (trezentas e vinte) tokens para a segunda análise, totalizando 640 (seiscentos e quarenta) tokens no total.

Total de animais coletados	96
Animais potencialmente básicos selecionados para a primeira análise	32
Animais potencialmente básicos excluídos	32
Animais hipônimos/subordinados	32

De forma geral, 75,3% (N=241) das respostas para estes animais foram um item do núcleo do léxico (NUC), com itens padrão, com variações para um mesmo referente entre os participantes, e com o uso de co-hipônimos. Apenas 1,9% (N= 6) foram uma datilografia do nome do animal em português (DAT), 11% (N = 34) utilizaram sinais de

representação para descrever o animal (REP), e 12% (N= 39) apresentaram explicações, ou desconheciam o animal (OUTROS), conforme o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 - Tipos de respostas para itens potencialmente básicos



NUC: Núcleo do léxico; DAT: Datilologia; REP: Sinais de representação; OUTROS: Explicação ou desconhecer

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Para estabelecer o item básico, nós observamos se um sinal foi utilizado para um mesmo animal por mais da metade dos participantes (6 vezes). O resultado apontou que 59,1% (N=189) das respostas para os itens potencialmente básico foi de sinais do núcleo com pelo menos 6 repetições entre os participantes. O Quadro abaixo apresenta os animais quais foram os animais sinalizados com sinal básico.

Quadro 20 - Itens identificados como padrão e não como padrão

Itens identificados como padrão		
Animal		Número de repetições de um mesmo sinal
1	GIRAFA	10
2	RATO	9
3	JABUTI	9
4	LEÃO	6
5	GALINHA	10
6	PINGUIM	7
7	PATO	8
8	MORCEGO	8
9	CANGURU	7
10	URSO	8
11	COELHO	8
12	CAVALO	10
13	ZEBRA	10

14	PORCO	9
15	BOI	6
16	VACA	6
17	ELEFANTE	7
Itens identificados não como padrão		
Animal		Número de repetições de um mesmo sinal
1	BURRO	4
2	ONÇA	5
3	OVELHA	5
4	PERU	1
5	TIGRE	4
6	LOBO	5
7	PANTERA-NEGRA	4
8	RAPOSA	2
9	CAMELO	3
10	HIPOPÔTAMO	3
11	LAGARTO	3
12	PREGUIÇA	4
13	VEADO	4
14	PAVÃO	2
15	RINOCERONTE	2
Total		189

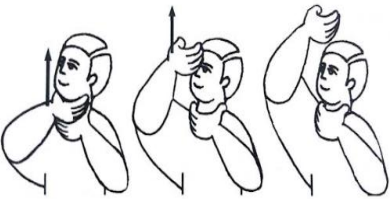
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Na seção seguinte, apresentamos uma descrição sobre cada animal identificado como sendo um item básico. Vimos os quadros abaixo.

5.2 DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DOS ITENS BÁSICOS

Nesta seção, apresentamos cada item básico e uma análise da iconicidade, seguindo o modelo de Taub (2004). O primeiro item é GIRAFa.

Quadro 21 - Sinal GIRAFa em Libras

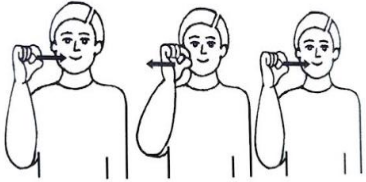
Animal	1 – GIRAFa	
 Sinal		 Fonte: Capovilla et al. (2013, v. 1, p. 1341)
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=j9IaZKBz9iM&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Estática e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Pescoço e cabeça	
Codificação: CM	Forma (SASS): Dimensão	

Codificação: M	Formato
Codificação: L	Topográfico: Esquemático

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Quanto à seleção da imagem, trata-se de uma descrição estática do animal e não de uma ação. Além disso, a seleção da imagem é diretamente o objeto representado, e não outro referente. Na esquematização, somente uma parte do corpo foi representada manualmente, o pescoço, que está em relação à cabeça. O pescoço foi representado no espaço esquemático, pois apresenta uma relação entre o pescoço, representado com a mão, e a cabeça do sinalizante. Além disso, há uma configuração de mão que indica a dimensão do pescoço, juntamente com um movimento que aponta o formato do pescoço, apoiando a função de forma da CM. O segundo sinal é RATO.

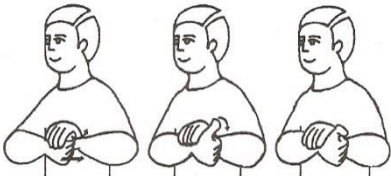
Quadro 22 - Sinal RATO em Libras

Animal	2 – RATO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 2, p. 2113).
Fonte: O autor. imagem disponível em: https://youtube.com/watch?v=GWhTOWmbljE&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Estático e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Bigode e focinho	
Codificação: CM	Forma (SASS): Dimensão	
Codificação: M	Formato	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Este sinal foi criado também com uma seleção de imagem estática e direta. A parte do corpo representada foi o bigode do rato, o que pode indicar que esta é também uma parte do corpo saliente e distintiva no rato. O bigode está no espaço esquemático relacionado ao ponto de articulação da boca, que representa o focinho do rato. A configuração de mão e o movimento também indicam o formato e a dimensão do bigode. O próximo animal é o JABUTI.

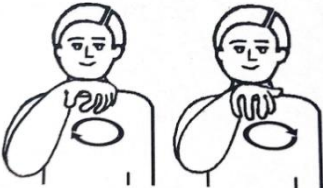
Quadro 23 - Sinal JABUTI em Libras

Animal	3 – JABUTI	
 Sinal		 Fonte: Capovilla et al. (2013, v. 1, p. 1493).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtu.be/q69bjdF8s5s?si=R3NXCq-LdvPrgrZ . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Casco e cabeça – mexer a cabeça	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Aqui, vemos o participante incorporando o animal com o corpo. Classificamos a seleção da imagem como sendo uma ação direta, pois, apesar de nem todos os participantes utilizaram o corpo para encenar o animal, o movimento do polegar, indicando o balançar de cabeça do animal caracteriza a seleção da ação. Ainda sobre a incorporação, o participante encena o animal andando e utiliza também o rosto para representar o rosto do animal. Com as mãos, o participante realiza o sinal que tem em sua esquematização, a seleção da cabeça e do casco, sendo a ação selecionada o mover da cabeça. Neste sentido, não só o casco é característico do JABUTI, mas também a forma como o animal se movimenta. O sinal é realizado no espaço esquemático, pois apresenta a relação entre casco e cabeça com as duas mãos, muito embora o restante do corpo esteja num espaço de espectador na sinalização específica deste participante. As mãos, quando analisadas isoladamente, são classificadas como sendo uma entidade parcial, já que uma mão representa o casco e a outra mão o corpo com a cabeça. No entanto, podemos dizer que o conjunto das duas mãos representam toda a entidade. O movimento realizado pelo polegar é um movimento de modo, já que representa o modo como o animal move a cabeça. O animal analisado a seguir é o LEÃO.

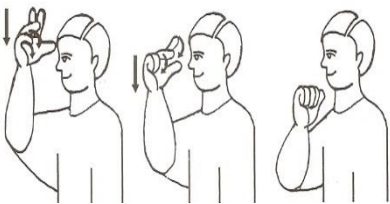
Quadro 24 - Sinal LEÃO em Libras

Animal	4 – LEÃO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 2, p.1552).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=MPDSwLf33_g&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Boca e cabeça – rugir	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Na seleção da imagem da criação icônica do sinal LEÃO, a imagem de uma ação direta foi escolhida. Vale salientar que houve uma variação desse sinal com a seleção da juba do leão, no entanto, a ação de rugir balançando a cabeça parece ser mais prototípica para este recorte de participantes. Na esquematização, a ação de rugir foi organizada a partir da representação do abrir e fechar da boca e do movimento da cabeça. Neste exemplo, a participante também está encenando o leão com a expressão facial, mas este não foi um padrão nas respostas. Na codificação, o espaço utilizado mais uma vez foi o esquemático, pois a mão representa a boca em relação a cabeça do leão, representada pela cabeça do participante. O movimento representa o modo como o rugido acontece, e a configuração de mão representa a boca, enquanto parte do leão, sendo, portanto, anotada como entidade parcial.

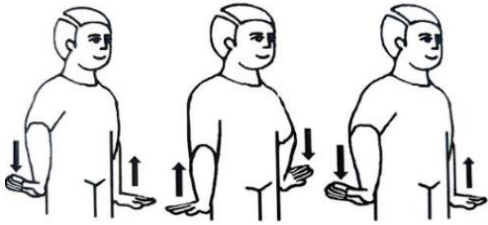
Quadro 25 - Sinal GALINHA em Libras

Animal	5 – GALINHA	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 1, p. 1322).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=utUxz0YAFM&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Estática e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Crista e cabeça	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Locação	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O próximo animal analisado é a galinha. Este sinal foi representado com uma seleção de imagem estática e direta. Na esquematização, temos a crista da galinha (o mesmo aconteceu com GALO) como sendo a parte do animal escolhida para ser sinalizada em relação a cabeça. O espaço de codificação é esquemático, pois o ponto de articulação da crista está em relação à cabeça da galinha, representada pela cabeça da participante. A configuração de mão representa a entidade parcial crista, e o movimento não representa um movimento real da crista, mas somente indica como a crista está posicionada na cabeça.

Quadro 26 - Sinal PINGUIM em Libras

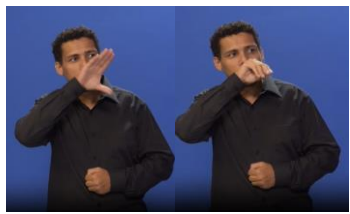
Animal	6 – PINGUIM	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 2, p. 1970).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=q9ULGNnb-PY&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		

Seleção da Imagem	Ação e direta
Esquematização	Parte do corpo: Patas e corpo – andar
Codificação: CM	Entidade: parcial
Codificação: M	Modo
Codificação: L	Topográfico: Esquemático

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O próximo item básico a ser analisado é o PINGUIM. Este sinal apresenta a sua iconicidade desde a seleção da imagem. A seleção é direta e representa a forma de andar do animal. A ação de andar é esquematizada juntamente com a parte do corpo pata em relação ao corpo do animal. Apesar de haver uma incorporação do animal na maior parte do corpo do participante, as mãos colocam a codificação no espaço esquemático, pois elas representam a entidade parcial patas, se relacionando com o tronco na representação do andar do animal. O movimento, portanto, indica o modo de andar, e a CM são entidades parciais. Agora, analisamos o sinal PATO.

Quadro 27 - Sinal PATO em Libras

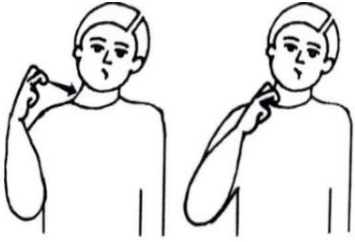
Animal	7 – PATO	
 Sinal		 Fonte: Signbank - UFSC, 2020. ⁸²
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=mml06_4-gaY&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Cabeça e Bico – abrir o bico	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

⁸² Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt/signs/view/2170>. Acesso em: 19 fev. 2024.

O animal pato também é uma ação direta. A seleção da imagem foi um pato abrindo e fechando o bico. A esquematização é a ação de abrir e fechar a boca com a representação do bico em relação a cabeça do pato. Dessa forma, a codificação está no espaço esquemático, já que o ponto de articulação é a posição do bico feito com a mão em relação a cabeça do pato, representada pela cabeça do sinalizante. A CM é uma entidade parcial, o bico do pato, e o movimento é o modo como ele abre e fecha o bico. A seguir, apresentamos a análise do sinal MORCEGO.

Quadro 28 - Sinal MORCEGO em Libras

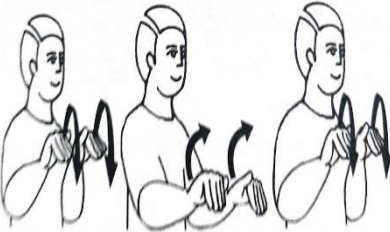
Animal	8 – MORCEGO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla et al. (2013, v. 2, p. 1742).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=FW8A3vfMgkE&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e indireta	
Esquematização	Outro referente: Pescoço (outro referente) e parte do corpo: Dentes – morder o pescoço	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O sinal MORCEGO é um sinal icônico e o processo de criação do sinal começa com a seleção da imagem. Neste sinal, a imagem selecionada é um morcego mordendo alguém no pescoço, fazendo uma referência ao personagem Drácula, que é um morcego que se alimenta de sangue humano, e que sempre suga o sangue das pessoas pelo pescoço. Desta forma, apesar de haver uma representação do morcego, a seleção da imagem é indireta, pois está associada ao Drácula. Na esquematização, há dois referentes, um é o morcego, e o outro é a pessoa que está sendo mordida pelo morcego. A pessoa mordida é representada pelo corpo do sinalizante, enquanto que o morcego é representado pelos dentes de forma metonímica. Na codificação, o uso do espaço é esquemático, pois mostra a relação entre os dois referentes, o movimento é de modo, e a CM é parcial,

representando os dentes do morcego, ainda que seja uma metonímia de todo o morcego. Neste caso, entendemos que os dentes são a parte mais prototípica do morcego.

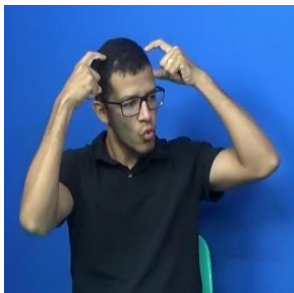
Quadro 29 - Sinal CANGURU em Libras

Animal	9 – CANGURU	
 Sinal	 Fonte: O autor.	 Fonte: Capovilla et al. (2013, v. 1, p. 636)
Disponível em: https://youtube.com/watch?v=CnGWVQx4euA&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Patas dianteiras e corpo – Andar pulando	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Espectador	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise do sinal CANGURU mostrou que a seleção da imagem para criar o sinal icônico foi direta, mas de uma ação. A ação de andar é representada a partir da esquematização das patas dianteiras com o corpo do animal representados pelo corpo do sinalizante e suas mãos. A CM é parcial, já que representa as patas do animal, o movimento representa o modo de andar pulando do canguru, e o espaço é espectador, já que todo o corpo do sinalizante está incorporando o animal. Diferente de PINGUIM, em que as mãos do participante representavam os pés do pinguim, aqui as mãos da participante representam as patas dianteiras, como se fossem as mãos do canguru. Todas as partes do corpo estão neste espaço sub-rogado pela encenação do canguru.

Quadro 30 - Sinal URSO em Libras

Animal	10 – URSO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 2, p. 2449).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=j3EACQij8cg&feature=shared . Acesso em: 8 abr .2024.		
Seleção da Imagem	Estático e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Orelhas e cabeça	
Codificação: CM	SASS (Forma): Dimensão	
Codificação: M	Sem movimento	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em URSO, a imagem selecionada é estática e direta. A esquematização da imagem é feita pelas orelhas e a cabeça do urso. As orelhas, sinalizadas com as mãos, estão em relação a cabeça do urso, representada pela cabeça do participante. A CM é de dimensão da forma, e está no espaço esquemático na relação espacial entre orelha e cabeça. A seguir, apresentamos a análise do sinal COELHO.

Quadro 31 - Sinal COELHO em Libras

Animal	11 – COELHO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 1, p. 755).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=sfY0a_d2wa0&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Orelhas e cabeça	
Codificação: CM	Entidade: parcial	

Codificação: M	Modo
Codificação: L	Topográfico: Esquemático

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O sinal COELHO é um item básico icônico. A construção do sinal foi feita a partir da seleção de uma imagem direta de um coelho realizando uma ação. Esta ação é mover as orelhas para trás. Na figura acima, a participante também utiliza expressões faciais para representar o animal, mesmo não sendo um padrão de realização do sinal. Na esquematização, a ação de colocar as orelhas para trás é realizada com a relação entre orelha e cabeça. Na codificação, as orelhas são representadas pela mão, enquanto entidade parcial com um movimento de modo no espaço esquemático, já que a posição da mão representa o lugar das orelhas na cabeça do animal, representada pela cabeça da participante.

Quadro 32 - Sinal CAVALO em Libras

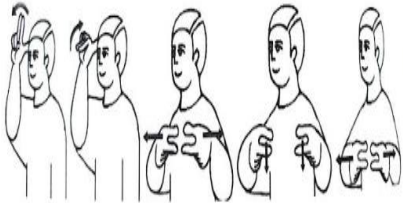
Animal	12 – CAVALO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla et al. (2013, v. 1, p. 686).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v= iV8XFP-2U4&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Orelhas e cabeça	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Um processo muito semelhante ao que aconteceu com COELHO aconteceu com CAVALO. Também na seleção de uma ação direta, as orelhas fazem parte da esquematização, juntamente com a cabeça do animal. A codificação, no entanto, é diferente nos dois sinais. Enquanto em COELHO, a orientação da mão é para trás, fazendo com que os dedos se movimentem para trás, sendo um movimento mais icônico das orelhas do coelho, em CAVALO, a orientação da palma está para frente, o que faz com

que os dedos se movam para frente, mesmo que não seja esta uma ação típica de cavalos. É possível que, na verdade, o movimento dos dedos seja uma representação do andar do cavalo com o movimento das orelhas sendo metonímico de todo o corpo que se mexe. A codificação mostra a CM das orelhas, com um movimento de modo no espaço esquemático. É possível que, conforme previsto por Taub (2004), a codificação tenha imposto restrições ou uma combinação na esquematização, de forma que, a mão que representa as orelhas, também representa a ação de andar do cavalo.

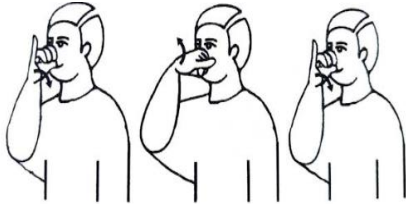
Quadro 33 - Sinal ZEBRA em Libras

Animal	13 – ZEBRA	
 Sinal		 Fonte: Capovilla et al. (2013 , v. 2, p. 2534).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=PDfoAC9zPWI&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Estática e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Orelhas e cabeça; e listras do corpo	
Codificação: CM	Entidade: coletiva	
Codificação: M	Locação	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

No sinal ZEBRA, vemos que ele é uma composição do sinal CAVALO, que faz uma referência aos equinos, e um especificador realizado com um sinal de representação que representa as listras do corpo. O sinal CAVALO, como vimos, é uma ação direta que esquematiza as orelhas e a cabeça, sendo as orelhas uma CM de entidade parcial com um movimento de modo. O segundo sinal é uma descrição direta com a esquematização da pele listrada do cavalo com seu corpo. A mão do sinalizante representa as listras do corpo, sendo cada dedo uma listra, caracterizando a CM como coletiva. A mão está no espaço esquemático com o corpo do sinalizante que representa o corpo do animal, e realiza um movimento de locação, indicando onde as listras estão.

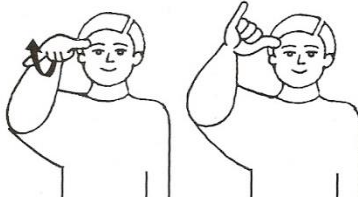
Quadro 34 - Sinal PORCO em Libras

Animal	14 – PORCO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 2, p. 2007).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=fAem_NVrTwk&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Focinho e cabeça	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

No sinal PORCO, o processo de criação do sinal icônico começa com a seleção de uma imagem de ação direta. A esquematização seleciona o focinho do porco como sendo uma parte prototípica. O focinho do porco é codificado no espaço esquemático na relação com a cabeça do porco, de forma que a CM representa a entidade parcial do porco, que é o focinho, com movimento de modo, representando o movimento do nariz farejando, e a CM está na locação em relação a cabeça do porco, representada pela cabeça do sinalizante.

Quadro 35 - Sinal BOI em Libras

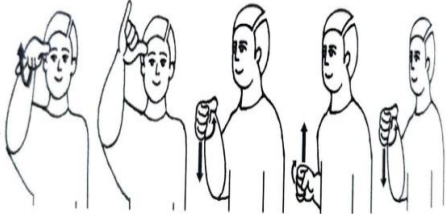
Animal	15 – BOI	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 1, p. 545).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=IMOtqyheaDw&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Estático e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Chifre e cabeça	
Codificação: CM	Entidade: parcial	

Codificação: M	Locação
Codificação: L	Topográfico: Esquemático

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Agora, analisamos o sinal BOI. Este sinal foi criado com a representação de uma imagem estática e direta. A esquematização traz a relação chifre e cabeça do boi, sendo o chifre o elemento mais prototípico do animal. A codificação realiza o chifre com CM como entidade parcial representando o chifre no espaço esquemático no ponto de articulação do chifre em relação a cabeça do boi, que é representada pela cabeça do participante. Não há movimento.

Quadro 36 - Sinal VACA em Libras

Animal	16 – VACA	
 Sinal		 Fonte: Capovilla et al., (2013, v. 2, p. 2454).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=A-SJg1in_hk&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e indireta	
Esquematização	Outro referente: Mãos – Ordenhar a vaca	
Codificação: CM	Manipulação: Segurar	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Espectador	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em VACA, vemos um sinal composto. Há duas possibilidades para interpretar a composição. Podemos interpretar o primeiro sinal como sendo um co-hipônimo (CH), já que, como vimos, ele é o sinal para BOI, ou podemos interpretar este primeiro sinal como sendo um hiperônimo para animais com chifre, tendo BOI como item mais prototípico da categoria. Não há, no entanto, como chegar à segunda conclusão, já que não há nos dados outros animais (e.g. Touro, cabra etc.) com chifre para fazer uma análise mais precisa. O segundo sinal é LEITE, mas nesta combinação funciona como um especificador. Este sinal também é icônico, portanto, analisamos seu processo de criação. Assim como em

MORCEGO, há aqui outro referente sendo selecionado como imagem. A imagem é de uma pessoa ordenhando uma vaca. Trata-se, portanto, de uma imagem de ação indireta. A esquematização é o referente realizando a ação de ordenhar a vaca. Na codificação, o sinal é produzido no espaço do espectador, já que todo o corpo do sinalizante está encenando o referente que ordenha. A CM é de manipulação, mais especificamente, de segurar, e o movimento representa o modo como o referente ordenha a vaca.

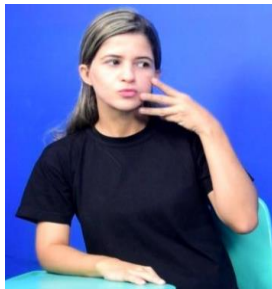
Quadro 37 - Sinal ELEFANTE em Libras

Animal	17 – ELEFANTE	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 1, p. 1040).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=9rCCXEiUAGU&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Estático e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Focinho e cabeça	
Codificação: CM	SASS (Forma): Dimensão	
Codificação: M	Formato	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

No sinal ELEFANTE, vemos um processo de criação similar a GIRAFÁ. A seleção de imagem não é de uma ação, mas estática e diretamente relacionada ao animal. Na esquematização, temos a parte do corpo que é o focinho, muito representativo do animal, em relação a cabeça do animal. A cabeça é representada pela cabeça do participante, e o focinho é codificado com uma CM de dimensão de forma, com um movimento de formato no espaço esquemático, mostrando a relação entre cabeça e focinho. Os próximos 4 sinais a serem analisados são os hiperônimos escolhidos para a segunda análise. Como os sinais foram analisados como hiperônimos e repetidos diversas vezes, decidimos analisá-los na primeira análise como itens básicos, para facilitar a segunda análise. Desta forma, sempre que HIPE (hiperônimo) aparecer na segunda análise, o sinal realizado foi um destes 4 sinais, a depender do animal. O primeiro sinal analisado é GATO.

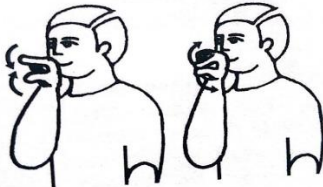
Quadro 38 - Sinal GATO em Libras

Animal	18 – GATO	
 Sinal		 Fonte: Hand Talk, 2020 ⁸³
Disponível em: https://youtube.com/watch?v=hd5AYV_NShk&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Estático e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Focinho e bigode	
Codificação: CM	Entidade: coletivo	
Codificação: M	Locação	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O sinal é icônico e sua produção começa com a seleção de uma imagem estática e direta de um gato. Na esquematização, assim como em RATO, o bigode do felino é esquematizado como sendo uma parte prototípica do seu corpo. No entanto, a codificação do bigode é realizada com uma CM de entidade coletiva, já que representa 3 fios do bigode. O movimento apenas indica a locação dos fios e o espaço utilizado é esquemático, pois sinaliza a relação entre o bigode e a cabeça do animal, representada pela cabeça da participante.

Quadro 39 - Sinal PÁSSARO em Libras

Animal	19 – PÁSSARO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2015, v. 2, p. 1909).
Disponível em: https://youtube.com/watch?v=xNiJw65JrL4&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024		

⁸³ Disponível em: <https://htapp.page.link/mQCNFH1rdhhlSgg8>. Acesso em: 21 fev. 2024.

Seleção da Imagem	Ação e direta
Esquematização	Parte do corpo: Bico e cabeça
Codificação: CM	Entidade: parcial
Codificação: M	Modo
Codificação: L	Topográfico: Esquemático

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em PÁSSARO, também vemos uma imagem ação e direta de um pássaro sendo selecionada. A parte da imagem esquematizada é o bico do animal, que é codificado com uma CM de entidade parcial, o bico do pássaro, e o movimento é o modo como ele abre e fecha o bico e também no espaço esquemático, assim como em GATO, já que o ponto de articulação representa a relação entre a cabeça do animal e o bico do pássaro.

Quadro 40 - Sinal MACACO em Libras

Animal	20 – MACACO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2013, v. 2, p. 1611).
Fonte: O autor. Disponível em: https://youtube.com/watch?v=uA7mBLGdba4&feature=shared . Acesso em: 8 abr. 2024.		
Seleção da Imagem	Ação e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Mãos e corpo – coçar cabeça e corpo	
Codificação: CM	Manipulação: tocar	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Espectador	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Já em MACACO, a imagem selecionada para a criação deste sinal icônico é de uma ação do animal. A esquematização é feita pela seleção da ação de coçar a cabeça e o corpo feita pelo animal, como sendo uma ação representativa do animal. Ainda, é possível que este sinal venha de um gesto muito comum também entre os ouvintes para representar o animal, de forma que a entrada do sinal na Libras tenha sido a partir do gesto já utilizado por surdos e ouvintes indistintamente. De qualquer forma, a análise do sinal enquanto

sinal icônico não sofre alterações. A codificação desta ação é feita no espaço do espectador, já que todo o corpo do sinalizante representa o animal em ação. A CM é parcial, já que representa as mãos do animal, e o movimento é o modo como o animal se coça.

Quadro 41 - Sinal CÃO em Libras

Animal	21 – CÃO	
 Sinal		 Fonte: Capovilla et al. (2015, v. 1, p. 597).
Disponível em: https://youtube.com/watch?v=GI56NCVvk5A&feature=shared. Acesso em: 8 abr. 2024		
Seleção da Imagem	Estático e direta	
Esquematização	Parte do corpo: Focinho e cabeça	
Codificação: CM	Entidade: parcial	
Codificação: M	Modo	
Codificação: L	Topográfico: Esquemático	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Por fim, temos o sinal CÃO. A seleção da imagem para a criação deste sinal é de uma imagem estática e direta. A parte da imagem do animal selecionada para a esquematização é o focinho, em relação à cabeça. A codificação conta com uma CM de entidade parcial que representa o focinho do animal. Esta CM tem um movimento de modo e está no espaço esquemático no ponto de articulação da cabeça do sinalizante, que representa a cabeça do cão. A seguir, apresentamos uma seção breve com um resumo desta descrição.

5.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ANÁLISE DOS ITENS BÁSICOS

Nós analisamos os processos cognitivos de criação de sinais icônicos dos 4 (quatro) animais hiperônimos desta pesquisa, e de mais 17 (dezessete) sinais de animais identificados como itens básicos na Libras, totalizando 21 (vinte e um) sinais. A análise apontou que, pelo menos para itens básicos de animais, composições não são comuns. Apenas 2 (dois) composições foram identificadas como sendo um sinal padrão, VACA e

ZEBRA, sendo VACA uma derivação de BOI, com o acréscimo do modificador, e ZEBRA uma derivação de CAVALO, com o acréscimo do sinal de representação.

Quanto à seleção de imagem, dos 21 (vinte e um) sinais, 13 (treze) são a representação de uma ação do animal, independente da incorporação contextual do animal feita pelo participante. Observamos principalmente a maneira como o movimento das mãos representou um movimento do animal. Somente MORCEGO e VACA tiveram uma seleção indireta da imagem. Levamos em conta principalmente se a esquematização estava diretamente relacionada ao animal, e não a outro referente. Portanto, 19 (dezenove) sinais (90,5%) foram criados a partir de uma imagem direta do animal.

Na esquematização, tivemos dois tipos de resultado: parte do corpo e outro referente. Não vimos características internas do animal sendo expressas entre os 21 (vinte e um) animais analisados, nem características gerais, como cor, tamanho, peso etc. Como a seleção indireta esteve relacionada diretamente a outro referente nos resultados, somente MORCEGO e VACA apresentaram uma esquematização diferente. Os demais sinais foram todos com uma esquematização a partir de partes do corpo do animal.

Quanto ao uso do espaço, não houve uso do espaço real, nem abstrato nas sinalizações dos sinais analisados. Somente 3 (três) sinais foram realizados no espaço topográfico do espectador: CANGURU, MACACO e VACA. Vale salientar que somente a segunda parte do sinal VACA estava neste tipo de espaço. Os demais sinais foram realizados no espaço esquemático. Não houve movimento de trajetória, sendo o movimento de modo o único a representar as ações dos animais. Sendo assim, foram 13 (treze) sinais realizados com um movimento de modo. Entre os demais, que representam imagem estáticas, 1 (um) não tinha movimento, 4 (quatro) com movimento de locação e 3 (três) de formato.

As configurações de mão foram em sua maioria de entidade parcial ($n= 13$). Houve uma configuração de mão de manipular do tipo tocar (MACACO) e uma do tipo segurar (VACA). Além disso, 2 (dois) CM's de entidade do tipo coletivo (GATO e ZEBRA) e 4 (quatro) de forma: Dimensão. De modo geral, os resultados das etapas de seleção e esquematização influenciaram nos resultados da codificação. Vimos agora os resultados da segunda análise, dos animais hipônimos de GATO, CÃO, PÁSSARO e MACACO.

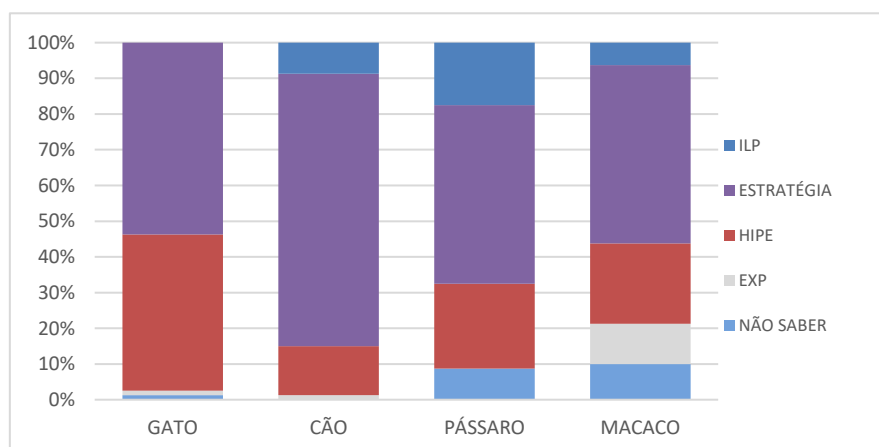
5.4 RESULTADOS DOS ITENS HIPÔNIMOS

Nesta seção, apresentamos os principais resultados das anotações do processo de criação de sinais icônicos de Taub (2004) para as respostas dos participantes aos itens hipônimos de GATO, CÃO, PÁSSARO e MACACO. A seguir, apresentamos quais foram os diferentes tipos de respostas e as estratégias de produção do hiperônimo. Em seguida, mostramos como foram as seleções de imagem para cada animal. Depois disso, apresentaremos também as diferentes esquematizações e codificações, com locação, movimento e configurações de mão para cada hiperônimo.

5.4.1 Tipos de respostas e estratégias

Analizamos as respostas de 10 (dez) participantes surdos para 32 (trinta e duas) figuras de animais hipônimos, sendo 8 (oito) gatos, 8 (oito) cães, 8 (oito) pássaros e 8 (oito) macacos, cada um de um agrupamento genético diferente. Não explicamos que eles deveriam especificar o agrupamento genético do animal, e os agrupamentos genéticos estavam espalhadas entre outros animais, conforme explicado na metodologia. As 320 (trezentas e vinte) respostas foram classificadas da seguinte forma: i) marcamos como ILP, quando o sinalizante sinalizou um item lexical padrão para o hipônimo; ii) marcamos como HIPE quando o participante respondeu ao estímulo dizendo o hiperônimo (i.e., CÃO em vez de PITBULL); iii) marcamos ESTRATÉGIA, quando o participante sinalizou uma combinação do hiperônimo com um modificador, ou quando somente realizou um modificador ou co-hipônimo; iv) marcamos como EXP, quando eles responderam uma explicação prolongada do item apresentado, e; v) marcamos como NÃO SABER quando eles disseram não conhecer o item. O Gráfico 2 abaixo apresenta os resultados para os tipos de respostas dadas a cada hipônimo.

Gráfico 2 - Tipos de respostas por animal



ILP: Item Lexical Padrão; HIPE: Hiperônimo; EXP: Explicação

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 1 - Resultados para os tipos de respostas por animal

Tipos de respostas	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
ILP	0	7	14	5	26
ESTRATÉGIA	43	61	40	40	184
HIPE	35	11	19	18	83
EXP	1	1	0	9	11
NÃO SABER	1	0	7	8	16
Total	80	80	80	80	320

Tipos de respostas	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
ILP	0,0%	8,8%	17,5%	6,3%	8,1%
ESTRATÉGIA	53,8%	76,3%	50,0%	50,0%	57,5%
HIPE	43,8%	13,8%	23,8%	22,5%	25,9%
EXP	1,3%	1,3%	0,0%	11,3%	3,4%
NÃO SABER	1,3%	0,0%	8,8%	10,0%	5,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

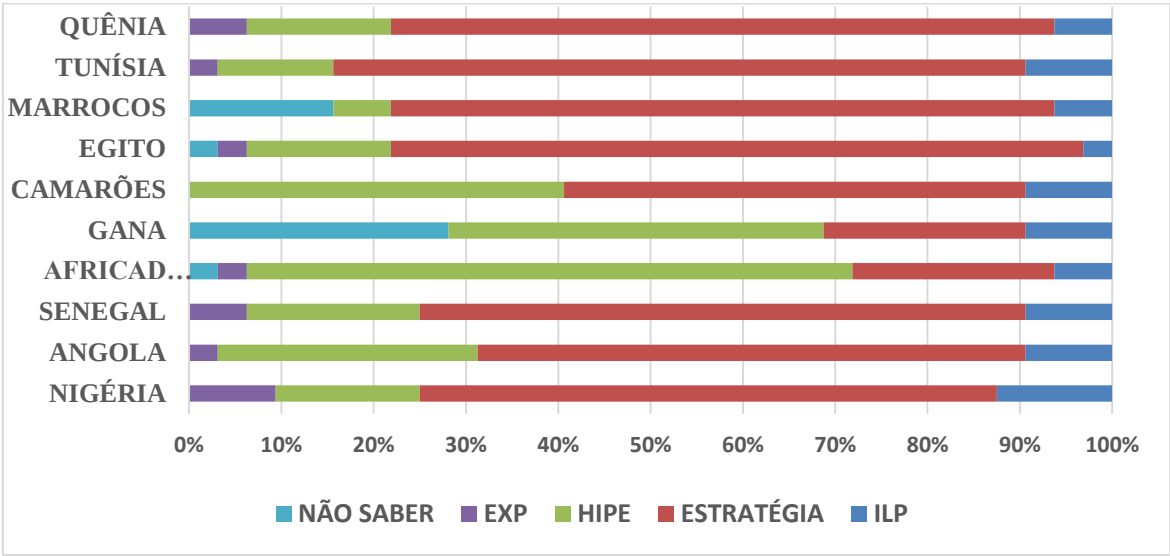
Como vemos, as maiores respostas foram de estratégia, totalizando 57,5% (N= 184) do total, contra HIPE com 25,9% (N= 83) do total, ILP 8,1% (N= 26) do total, NÃO SABER 5% (N= 16) e EXP 3,4% (N=11). Quando observamos os números por animal, os hipônimos de cães foram os mais sinalizados com estratégias 76,3% (N= 60), enquanto os demais tipos de respostas para CÃO foram 11 (13,8%) HIPE, 7 (8,8%) ILP, somente 1 (1,3%) EXP e nenhum NÃO SABER. As estratégias foram os maiores tipos de respostas, não só em CÃO, como nos demais.

Em GATO, as ESTRATÉGIAS somaram 53,8% (N= 43) dos casos, contra 43,8% (N= 35) de HIPE, 1,3 % (N=1) tanto para EXP quanto para NÃO SABER, e nenhum ILP. Em PÁSSAROS, tivemos o maior número de ILP, 17,5% (N= 14), mas não foi superior às ESTRATÉGIAS, que foram metade das respostas para este animal (N= 40), nem que HIPE, que foram 23,8% das respostas para PÁSSARO, mas foi maior que NÃO SABER teve 8,8% (N= 7) e do que EXP que não foi utilizado como resposta para este animal.

Em MACACOS, as ESTRATÉGIAS foram metade das respostas também (N= 40), seguidas de HIPE, que somou 22,5% (N= 18) das respostas para est animal. ILP foi o menor resultado para macacos com apenas 6,3% (N=5). EXP e NÃO SABER somaram 11,3% (N= 9) e 10% (N= 8), respectivamente.

Vimos inicialmente, se houve alguma interferência significativa de algum participante nos tipos de resposta e de estratégia.

Gráfico 3 - Tipos de respostas por participante



EXP: Explicação; HIPE: Hiperônimo; ILP: Item Lexical Padrão

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os resultados para os tipos de respostas foram distribuídos desta forma:

Tabela 2 - Resultados para os tipos de respostas por participante

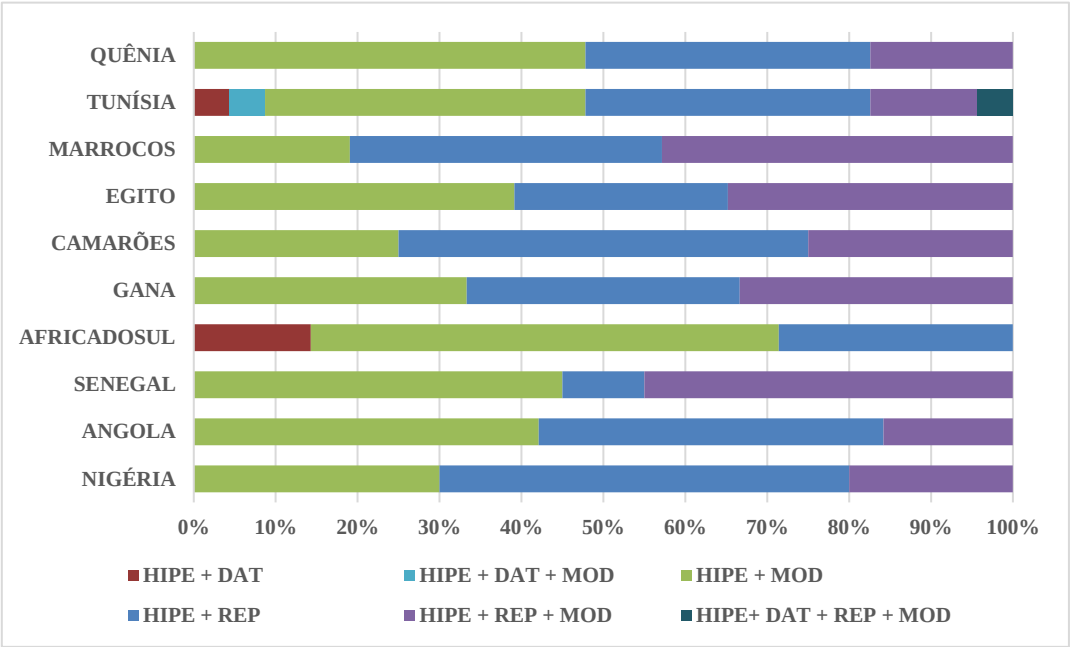
Participante	ILP	ESTRATÉGIA	HIPE	EXP	NÃO SABER	Total
NIGÉRIA32SF	4	20	5	3	0	32
ANGOLA24SM	3	19	9	1	0	32
SENEGAL29SM	3	21	6	2	0	32
AFRICADOSUL23SF	2	7	21	1	1	32
GANA25SM	3	7	13	0	9	32
CAMARÕES28SM	3	16	13	0	0	32
EGITO26SF	1	24	5	1	1	32
MARROCOS37SM	2	23	2	0	5	32
TUNÍSIA28SF	3	24	4	1	0	32
QUÊNIA34SF	2	23	5	2	0	32
Total	26	184	83	11	16	320

Participante	ILP	ESTRATÉGIA	HIPE	EXP	NÃO SABER	Total
NIGÉRIA32SF	12,5%	62,5%	15,6%	9,4%	0,0%	100,0%
ANGOLA24SM	9,4%	59,4%	28,1%	3,1%	0,0%	100,0%
SENEGAL29SM	9,4%	65,6%	18,8%	6,3%	0,0%	100,0%
AFRICADOSUL23SF	6,3%	21,9%	65,6%	3,1%	3,1%	100,0%
GANA25SM	9,4%	21,9%	40,6%	0,0%	28,1%	100,0%
CAMARÕES28SM	9,4%	50,0%	40,6%	0,0%	0,0%	100,0%
EGITO26SF	3,1%	75,0%	15,6%	3,1%	3,1%	100,0%
MARROCOS37SM	6,3%	71,9%	6,3%	0,0%	15,6%	100,0%
TUNÍSIA28SF	9,4%	75,0%	12,5%	3,1%	0,0%	100,0%
QUÊNIA34SF	6,3%	71,9%	15,6%	6,3%	0,0%	100,0%
Total	8,1%	57,5%	25,9%	3,4%	5,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As principais diferenças foram a baixa quantidade de Estratégias em Gana25SM e África do Sul23SF, e a alta quantidade de HIPE em África do Sul23SF. No entanto, não houve uma interferência determinante destes participantes de forma geral.

Gráfico 4 - Tipos de estratégias por participante



HIPE: Hiperônimo; DAT: Datilologia; MOD: Modificador; REP: Sinais de representação

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Para os tipos de estratégias, os resultados seguem:

Tabela 3 - Resultados para os tipos de estratégias por participante

Participante	HIPE + DAT	HIPE + DAT + MOD	HIPE + MOD	HIPE + REP	HIPE + REP + MOD	HIPE + DAT + REP + MOD	Total
NIGÉRIA32SF	0	0	6	10	4	0	20
ANGOLA24SM	0	0	8	8	3	0	19
SENEGAL29SM	0	0	9	2	9	0	20
AFRICADOSUL23SF	1	0	4	2	0	0	7
GANA25SM	0	0	2	2	2	0	6
CAMARÕES28SM	0	0	4	8	4	0	16
EGITO26SF	0	0	9	6	8	0	23
MARROCOS37SM	0	0	4	8	9	0	21
TUNÍSIA28SF	1	1	9	8	3	1	23
QUÊNIA34SF	0	0	11	8	4	0	23
Total	2	1	66	62	46	1	178

Participante	HIPE + DAT	HIPE + DAT + MOD	HIPE + MOD	HIPE + REP	HIPE + REP + MOD	HIPE + DAT + REP + MOD	Total
NIGÉRIA32SF	0,0%	0,0%	30,0%	50,0%	20,0%	0,0%	100,0%
ANGOLA24SM	0,0%	0,0%	42,1%	42,1%	15,8%	0,0%	100,0%

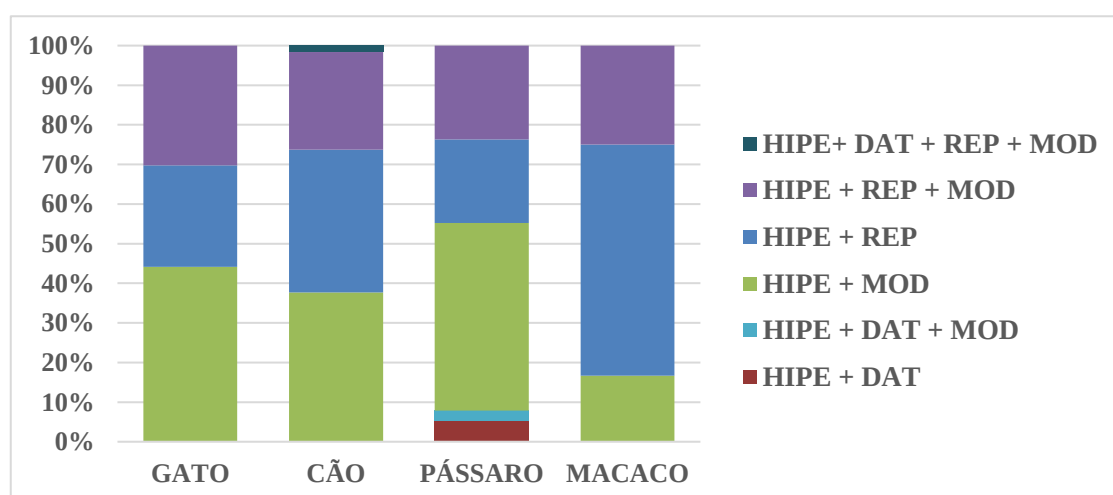
SENEGAL29SM	0,0%	0,0%	45,0%	10,0%	45,0%	0,0%	100,0%
AFRICADOSUL23SF	14,3%	0,0%	57,1%	28,6%	0,0%	0,0%	100,0%
GANAN25SM	0,0%	0,0%	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	100,0%
CAMARÕES28SM	0,0%	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	0,0%	100,0%
EGITO26SF	0,0%	0,0%	39,1%	26,1%	34,8%	0,0%	100,0%
MARROCOS37SM	0,0%	0,0%	19,0%	38,1%	42,9%	0,0%	100,0%
TUNÍSIA28SF	4,3%	4,3%	39,1%	34,8%	13,0%	4,3%	100,0%
QUÊNIA34SF	0,0%	0,0%	47,8%	34,8%	17,4%	0,0%	100,0%
Total	1,1%	0,6%	37,1%	34,8%	25,8%	0,6%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Apesar de haver algumas diferenças em relação aos tipos de respostas por participante, principalmente em relação aos resultados com menos ocorrências, envolvendo datilologia, não há uma diferença discrepante em relação aos demais resultados. Desta forma, podemos dizer que não houve interferência na variação individual de um participante em relação aos demais.

A seguir, apresentamos com mais detalhes os resultados para os tipos de estratégias utilizados pelos surdos na produção dos hipônimos. Das 184 (cento e oitenta e quatro) respostas com estratégias, apenas 6 (seis) não utilizaram o hiperônimo, 3 (três) delas apenas com um sinal de representação (REP), duas com uma combinação de REP e MOD (modificador) e uma com uma composição de um co-hipônimo (CH) com um REP. As demais 178 (cento e setenta e oito) estratégias foram composições com um HIPE. O gráfico 4 abaixo apresenta 6 (seis) tipos de composições, distribuídas em cada animal.

Gráfico 5 - Tipos de estratégias por animal



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 4 - Resultados para os tipos de estratégias por animal

Tipos de estratégias	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
HIPE + DAT	0	0	2	0	2
HIPE + DAT + MOD	0	0	1	0	1
HIPE + MOD	19	23	18	6	66
HIPE + REP	11	22	8	21	62
HIPE + REP + MOD	13	15	9	9	46
HIPE+ DAT + REP + MOD	0	1	0	0	1
Total	43	61	38	36	178

Tipos de estratégias	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
HIPE + DAT	0,0%	0,0%	5,3%	0,0%	1,1%
HIPE + DAT + MOD	0,0%	0,0%	2,6%	0,0%	0,6%
HIPE + MOD	44,2%	37,7%	47,4%	16,7%	37,1%
HIPE + REP	25,6%	36,1%	21,1%	58,3%	34,8%
HIPE + REP + MOD	30,2%	24,6%	23,7%	25,0%	25,8%
HIPE+ DAT + REP + MOD	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Como vemos, há uma quantidade maior de composições com REP e MOD. Observando os números gerais, foram 37,1% (N= 66) composições de HIPE+MOD, seguidos de 34,8% (N=62) de HIPE+REP, e 25,8% (N= 46) de uma composição de HIPE+REP+MOD. As demais composições tiveram resultados muito inferiores às primeiras, sendo 1,1% (N=2) de HIPE+DAT, 0,6% (N=1) HIPE+DAT+MOD e 0,6% (N=1) HIPE+DAT+MOD+REP. Observando os resultados por animal, em GATOS, não houve respostas com DAT. Das 43 ESTRATÉGIAS respondidas em GATO, 44,2% (N=19) delas foi a composição HIPE+MOD, seguida de 30,2% (N=13) HIPE+REP+MOD e 25,6% (N= 11). HIPE+REP. Está acúmulo de estratégias com MOD em GATOS pode estar relacionado ao MOD cor, que foi muito presente neste animal.

Em CÃES somaram 61 (sessenta e um) ESTRATÉGIAS, como já dito, e elas foram divididas da seguinte maneira: 37,7% (N=23) HIPE+MOD, 36,1% (N=22) HIPE+REP, 24,6% (N= 15) HIPE+REP+MOD. O único caso com DAT em CÃO foi HIPE+REP+MOD+DAT⁸⁴ (ver figura abaixo), representando 1,6% do total de estratégias para CÃO.

⁸⁴ Note que a ordem da sinalização não é a mesma representada pelo código. Nós não codificamos as ordens dos sinais, em vez disso, colocamos sempre no código o HIPE na primeira posição, o REP na segunda posição, MOD depois de REP e DAT depois de MOD e REP. Além disso, não anotamos a quantidade de REP ou MOD em cada sinal, mas apenas a presença da estratégia.

Figura 45 - Resposta com diferentes tipos de composição simultânea



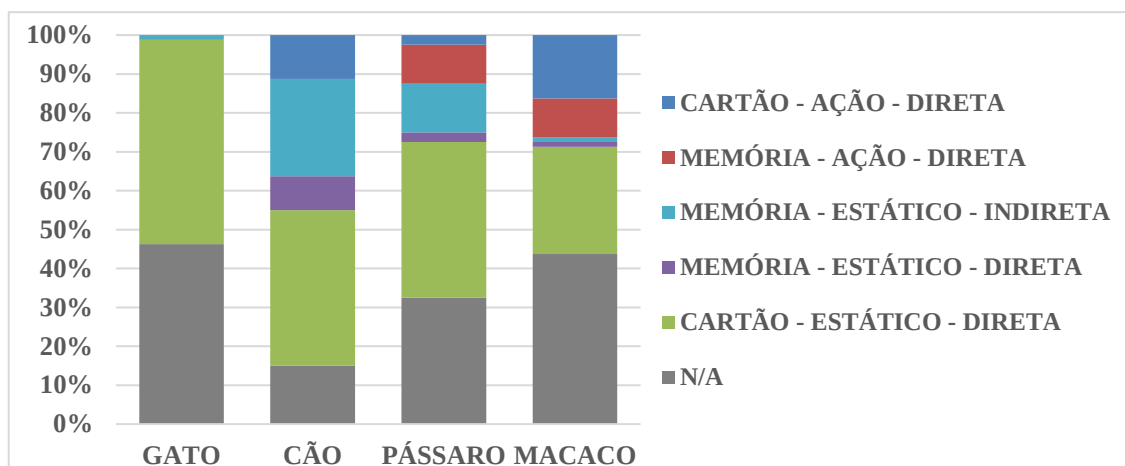
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em PÁSSAROS, das 38 (trinta e oito) estratégias, quase metade (47,4%, N= 18) foram HIPE+MOD, seguidos de 23,7% (N= 9) HIPE+REP+MOD e 21,1% (N=8) HIPE+REP. Os dois casos de HIPE+DAT foram em PÁSSARO, representando 5,3% das respostas para este hiperônimo. O único caso de HIPE+DAT+MOD também foi em neste animal, representando 2,6% dos resultados para este animal. Por fim, tivemos um resultado com proporções diferentes para MACACOS. Das 36 composições para este animal 58,3% (N= 21) foram HIPE+REP, seguidos de 25% (N=9) HIPE+REP+MOD, e 16,7% (N= 6) HIPE+MOD. Não houve casos com DAT para este animal também. A seguir, são apresentados os resultados para a seleção de imagem nos sinais produzidos para os hipônimos desta pesquisa.

5.5 SELEÇÃO DA IMAGEM

Apresentamos agora os resultados para a seleção de imagem por animal. Sintetizamos as respostas com as combinações do tipo de referência (CARTÃO, quando o participante estava olhando e representando a figura apresentada pelo pesquisador, ou MEMÓRIA, quando a seleção da imagem não tinha a ver com o cartão, mas com outra referência lembrada pelo participante), o tipo de imagem (AÇÃO ou ESTÁTICA), e o tipo de relação da imagem com o referente (DIRETA, quando era uma imagem do referente, ou INDIRETA, quando uma imagem relacionada ao referente, mas não o referente em si). Marcamos N/A, que significa não se aplica, quando não há uma resposta para a categoria num dado arranjo. Os resultados estão descritos no Gráfico abaixo.

Gráfico 6 - Seleção de imagem por animal



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 5 - Resultados para seleção de imagem por animal

Seleção de imagem	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
CARTÃO - AÇÃO - DIRETA	0	9	2	13	24
MEMÓRIA - AÇÃO - DIRETA	0	0	8	8	16
CARTÃO - ESTÁTICO - DIRETA	42	32	32	22	128
MEMÓRIA - ESTÁTICO - DIRETA	0	7	2	1	10
MEMÓRIA - ESTÁTICO - INDIRETA	1	20	10	1	32
N/A	37	12	26	35	110
Total	80	80	80	80	320

Seleção de imagem	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
CARTÃO - AÇÃO - DIRETA	0,0%	11,3%	2,5%	16,3%	7,5%
MEMÓRIA - AÇÃO - DIRETA	0,0%	0,0%	10,0%	10,0%	5,0%
CARTÃO - ESTÁTICO - DIRETA	52,5%	40,0%	40,0%	27,5%	40,0%
MEMÓRIA - ESTÁTICO - DIRETA	0,0%	8,8%	2,5%	1,3%	3,1%
MEMÓRIA - ESTÁTICO - INDIRETA	1,3%	25,0%	12,5%	1,3%	10,0%
N/A	46,3%	15,0%	32,5%	43,8%	34,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

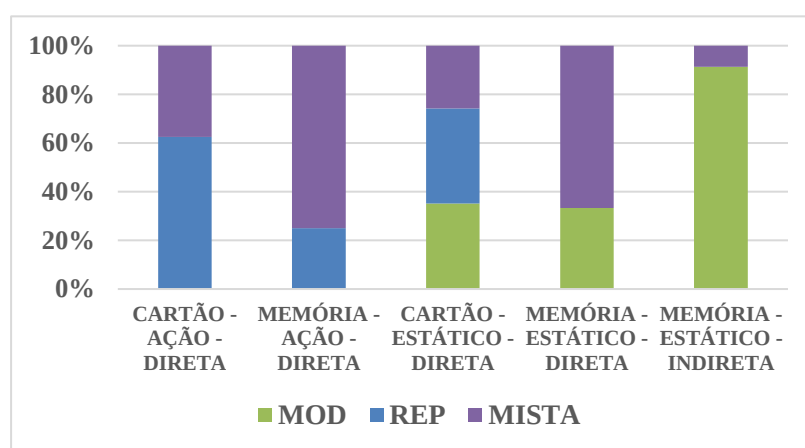
Em GATO, temos que não houve representações de ação. Além das 46,3% (N=37) N/A (quando a resposta foi HIPE, EXP ou NÃO SABER), houve 52,5% (N=42) casos de CARTÃO-ESTÁTICO-DIRETA: e um (1,3%) caso de MEMÓRIA-ESTÁTICO-INDIRETA, de um total de 80 (oitenta) respostas para GATO.

Já em CÃO, os resultados mostram apenas N/A: 15,0% (N=12). Não houve MEMÓRIA - AÇÃO – DIRETA. 40,0% (N=32) foram CARTÃO - ESTÁTICO – DIRETA, seguidos de 25,0% (N=20) MEMÓRIA - ESTÁTICO – INDIRETA, 11,3% (N=9) CARTÃO - AÇÃO – DIRETA e por fim 8,8% (N=7) MEMÓRIA - ESTÁTICO – DIRETA.

Em PÁSSARO, 32,5% (N=26) foram N/A. Também ocorreram 40,0% (N=32) respostas CARTÃO - ESTÁTICO – DIRETA, seguidas de 12,5% (N=10) MEMÓRIA - ESTÁTICO – INDIRETA e 10,0% (N=8) MEMÓRIA - AÇÃO – DIRETA. CARTÃO - AÇÃO – DIRETA e MEMÓRIA - ESTÁTICO – DIRETA obtiveram 2,5% (N=2) de ocorrências cada uma neste animal.

Por fim, MACACO obteve expressivos 43,8% (N=35) N/A. A maior percentagem de seleção de imagem neste animal foi CARTÃO - ESTÁTICO – DIRETA com 27,5% (N=22), mas sendo menor que os demais, seguidos de 16,3% (N=13) CARTÃO - AÇÃO – DIRETA e 10,0% (N=8) MEMÓRIA - AÇÃO – DIRETA. MEMÓRIA - ESTÁTICO - DIRETA e MEMÓRIA - ESTÁTICO – INDIRETA obtiveram 1,3% (N=1) cada uma.

Gráfico 7 - Seleção de imagem por estratégia



MOD: Modificador; **REP:** Sinais de representação; **MISTA:** Modificador e Sinais de representação

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 6 - Resultados para seleção de imagem por estratégia

Seleção de imagem	MOD	REP	MISTA	Total
CARTÃO - AÇÃO - DIRETA	0	15	9	24
MEMÓRIA - AÇÃO - DIRETA	0	1	3	4
CARTÃO - ESTÁTICO - DIRETA	45	50	33	128
MEMÓRIA - ESTÁTICO - DIRETA	1	0	2	3
MEMÓRIA - ESTÁTICO - INDIRETA	21	0	2	23
N/A	0	0	0	0
Total	67	66	49	182

Seleção de imagem	MOD	REP	MISTA	Total
CARTÃO - AÇÃO - DIRETA	0,0%	62,5%	37,5%	100,0%
MEMÓRIA - AÇÃO - DIRETA	0,0%	25,0%	75,0%	100,0%
CARTÃO - ESTÁTICO - DIRETA	35,2%	39,1%	25,8%	100,0%
MEMÓRIA - ESTÁTICO - DIRETA	33,3%	0,0%	66,7%	100,0%
MEMÓRIA - ESTÁTICO - INDIRETA	91,3%	0,0%	8,7%	100,0%
N/A	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	36,8%	36,3%	26,9%	100,0%

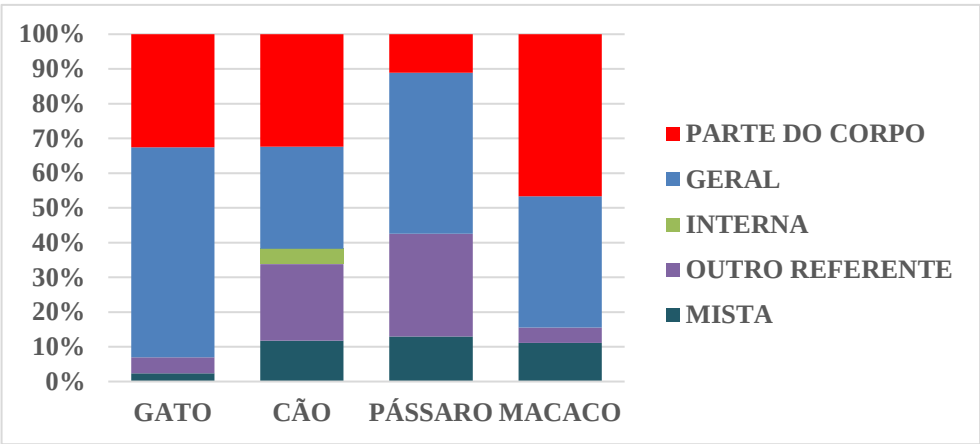
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A seguir, apresentamos os resultados da seleção de imagem separados por estratégias com MOD, REP ou com MOD e REP juntos (MISTA). O gráfico abaixo indica que, das 24 (vinte e quatro) ocorrências da seleção de imagem CARTÃO - AÇÃO - DIRETA com alguma estratégia 37,5% (N=9) foram MISTA, nenhuma MOD e 62,5% (N=15) foram REP. Dentre as 4 (quatro) de MEMÓRIA - AÇÃO - DIRETA com alguma estratégia, 75,0% (N=3) foram MISTA e 25,0% (N=1) REP. Das 128 (cento e vinte e oito) CARTÃO - ESTÁTICO - DIRETA, ocorreram 39,1% (N=50) REP, 35,2% (N=45) MOD e 25,8% (N=33) MISTA. Das 3 (três) MEMÓRIA - ESTÁTICO - DIRETA, 66,7% (N=2) foram MISTA e 33,3% (N=1) MOD. Por fim, das 23 (vinte e três) MEMÓRIA - ESTÁTICO - INDIRETA, 91,3% (N=21) foram MOD e 8,7% (N=2) MISTA. A seguir, podemos ver os resultados para a esquematização.

5.6 ESQUEMATIZAÇÃO

Apresentamos agora os resultados para a esquematização dos sinais hipônimos no processo de criação/produção de sinais icônicos. Os tipos de esquematização são: Parte do corpo, quando o participante sinalizou alguma parte do corpo do animal, Geral, quando o sinalizante expressou alguma característica geral do animal, como cor, tamanho, peso e idade (se velho ou jovem); Interna, quando o participante apresentou alguma característica não física do animal, como MAL ou PERIGO; e Outro referente, quando o sinalizante também representou outro referente, ou utilizou o sinal de algum outro referente, como modificador do hiperônimo. N/A foram ocorrências de respostas HIPE, EXP e NÃO SABER. Os resultados da esquematização por animal seguem abaixo.

Gráfico 8 - Tipos de esquematização por animal



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 7 - Resultados para tipos de esquematização por animal

Tipos de esquematização	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
PARTE DO CORPO	14	22	6	21	63
OUTRO REFERENTE	2	15	16	2	35
GERAL	26	20	25	17	88
MISTA	1	8	7	5	21
INTERNA	0	3	0	0	3
N/A	37	12	26	35	110
Total	80	80	80	80	320

Tipos de esquematização	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
PARTE DO CORPO	17,5%	27,5%	7,5%	26,3%	19,7%
OUTRO REFERENTE	2,5%	18,8%	20,0%	2,5%	10,9%
GERAL	32,5%	25,0%	31,3%	21,3%	27,5%
MISTA	1,3%	10,0%	8,8%	6,3%	6,6%
INTERNA	0,0%	3,8%	0,0%	0,0%	0,9%
N/A	46,3%	15,0%	32,5%	43,8%	34,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

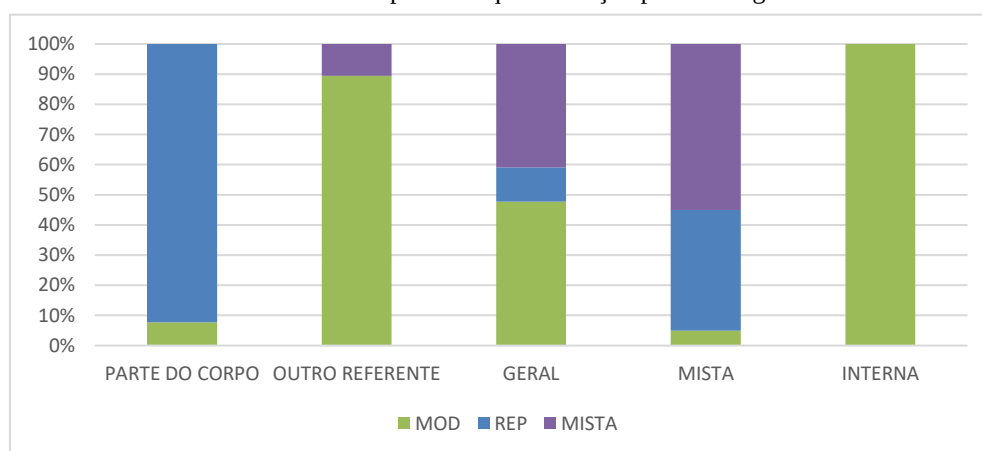
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As ocorrências que não se aplicaram (N/A) foram 34,4% (N= 110) das 320 (trezentos e vinte). Das ocorrências com esquematização, as mais frequentes foram com características gerais, que somaram 27,5% (N= 88) das ocorrências. Elas estavam presentes em 32,5% (N=26) das 80 (oitenta) ocorrências de GATO, em 31,3% (N=25) de das ocorrências de PÁSSARO, em 25,0% (N=20) das ocorrências de CÃO, e em 21,3% (N=17) de MACACO. Como vimos no Quadro abaixo, o alto número de ocorrências do tipo Geral se deve à característica COR que apareceu 76 (setenta e seis) vezes, estando presente na categoria Geral e Mista. Depois das características gerais, as características Partes do corpo foram as que mais apareceram, sendo 19,7% (N= 63) do total de ocorrências. O uso de Partes do corpo foi 17,5% (N=14) das esquematizações em GATO, 27,5% (N=22) nas ocorrências de CÃO, 26,3% (N=21) em MACACO e apenas 7,5% (N=6) das 80 (oitenta) ocorrências de PÁSSARO.

O uso de outro referente nas esquematizações foi de 10,9% (N= 35) do total. As ocorrências de outros referentes apareceram mais proporcionalmente nos animais PÁSSARO 20,0% (N=16) e CÃO com 18,8% (N=15). Em pássaro, a maior parte das ocorrências foi no hipônimo BEIJA-FLOR, em que eles utilizaram o sinal flor, seja com um sinal de representação da flor, seja com o sinal lexicalizado de flor, que tem em sua morfologia a configuração de F em referência à palavra flor do português; Além de BEIJA-FLOR, os participantes também utilizaram outro referente em PICA-PAU, através do uso do sinal de representação de árvore/pau. Já em CÃO, os itens com mais uso de outro referente foram PASTOR-ALEMÃO, que ora utilizado com o modificador POLÍCIA, ora com a referência ao nome em português PASTOR, através do uso do sinal de pastor, que é usado na igreja para se referir à função eclesiástica das igrejas evangélicas; e DACHSHUND, com uma referência ao sinal CACHORRO-QUENTE, assim como é comum no português chamarem este cachorro de SALSICHA. Em GATO e em MACACO vimos apenas 2,5% (N= 2) das 80 (oitenta) ocorrências de cada animal, sendo em GATO o uso da referência ao EGITO, e CASA, como sendo o mesmo que doméstico; e MACACO com a datilologia de GORILA e com o uso do sinal ÍNDIA para o BABUÍNO.

As esquematizações Mistas, que envolveram partes do corpo e características gerais, por exemplo, foram 6,6% (N= 21). Destas 21, 1,3% (N=1) estava em GATO, 6,3% (N=5) dos itens MACACO, 8,8% (N=7) dos 80 (oitenta) itens de PÁSSARO e 10,0% (N=8) dos hipônimos de CÃO. As características internas foram apenas 0,9% (N= 3), todas (2 MAL e 1 PERIGO) no hipônimo PITBULL. Houve ainda uma ocorrência interna caracterizada como MISTA, em que o participante sinalizou o item ORANGOTANGO incorporando sua maneira de andar e em seguida utilizou o sinal CALMA, como sendo uma característica da personalidade do animal. Vimos agora os tipos de esquematização cruzados com os tipos de estratégia MOD, REP e REP+MOD (MISTA).

Gráfico 9 - Tipos de esquematização por estratégia



MOD: Modificador; **REP:** Sinais de representação; **MISTA:** Modificador e Sinais de representação

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 8 - Resultados para tipos de esquematização por estratégia

Tipos de esquematização	MOD	REP	MISTA	Total
PARTE DO CORPO	4	48	0	52
OUTRO REFERENTE	17	0	2	19
GERAL	42	10	36	88
MISTA	1	8	11	20
INTERNA	3	0	0	3
Total	67	66	49	182
Tipos de esquematização	MOD	REP	MISTA	Total
PARTE DO CORPO	7,7%	92,3%	0,0%	100,0%
OUTRO REFERENTE	89,5%	0,0%	10,5%	100,0%
GERAL	47,7%	11,4%	40,9%	100,0%
MISTA	5,0%	40,0%	55,0%	100,0%
INTERNA	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Total	36,8%	36,3%	26,9%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O total para esta análise é 182 (cento e oitenta e dois), pois só leva em conta ocorrências com composições de HIPE com MOD e/ou REP. Das 88 (oitenta e oito) Geral, quase metade, 47,7% (N=42), foram com o uso de um modificador, e 40,9% (N=36) MISTA, que também envolve um modificador. Isto se deve, como já dito, ao grande uso de COR, que é um modificador. Ocorrências somente com REP foram 11,4% (N=10), sendo sempre relacionada ao tamanho do referente, conforme o quadro abaixo. O alto número de MOD também ocorreu no uso de outro referente, de tal forma que não houve casos só com REP, sem MOD. 89,5% (N=17) foram só com o uso de MOD, e 10,5% (N=2) do tipo MISTA. Já nas partes do corpo, o uso de REP sem MOD foi de 92,3% (N= 48), enquanto o uso de MOD sem REP foi de 7,7% (N=4). Não houve ocorrências mistas. Todas as ocorrências de características internas foram com o uso de MOD.

As esquematizações mistas envolvendo categorias diferentes apresentou somente 1 (um) MOD, sem REP, uma vez que foi utilizado uma composição de 2 (dois) modificadores de categorias diferentes. No entanto, o uso de composições de dois sinais de representação sem modificador foi de 40,0% (N=8) em esquematizações mistas. Isto se deve ao fato de que o tamanho do animal é uma característica geral e estava em quase todos estes casos combinas com alguma parte do corpo (e.g. BEAGLE: REP: TAMANHO (pequeno) + REP: ORELHA (balançando)). O quadro abaixo apresenta um resumo com todas as partes do corpo e das características gerais. Vale salientar que o quadro apresenta os itens isoladamente, ou seja, muitas ocorrências estavam combinadas

formando a categoria MISTA, ou dentro da mesma categoria, de forma que a composição de MÃOS + ORELHA na produção de um hipônimo está contada no quadro de forma separada, 1 (um) para MÃOS e 1 (um) para ORELHA, mas nos resultados gerais foi contada como uma única ocorrência, pois se tratava da produção de um único item.

Quadro 42 - Elementos esquematizados nos sinais icônicos

ESQUEMATIZAÇÃO	Nº	Tipo de esquemat.	Tipo de estratégia
ASAS	5	Parte do corpo	REP
BICO	1	Parte do corpo	REP
BOCA	8	Parte do corpo	REP
CABEÇA	2	Parte do corpo	REP
PENAS	19	Parte do corpo	REP
LÍNGUA	1	Parte do corpo	REP
MÃOS	17	Parte do corpo	REP
OLHOS	4	Parte do corpo	REP
ORELHA	29	Parte do corpo	REP
PATAS	3	Parte do corpo	REP
PELUGEM	44	Parte do corpo	MOD E REP
PERNAS	1	Parte do corpo	REP
PESCOÇO	1	Parte do corpo	REP
RABO	1	Parte do corpo	REP
SOBRANCELHAS	1	Parte do corpo	REP
UNHAS	1	Parte do corpo	REP
TRONCO	2	Parte do corpo	REP
COR	76	Geral	MOD
IDADE	3	Geral	MOD
INTERNA	4	Geral	MOD
PESO	4	Geral	MOD
TAMANHO	20	Geral	REP
ÁRVORE	8	Outro referente	MOD
CACHORRO-QUENTE	7	Outro referente	MOD
CASA	1	Outro referente	MOD
CEGO	1	Outro referente	MOD
EGITO	1	Outro referente	MOD
FLOR	2	Outro referente	REP e MOD
ÍNDIA	1	Outro referente	MOD
POLÍCIA	6	Outro referente	MOD
PORTUGUÊS	14	Outro referente	MOD
RUA	2	Outro referente	MOD
Interna: MAL	2	Interna	MOD
Interna: PERIGO	1	Interna	MOD
Interna: CALMA	1	Interna	MOD
TOTAL	294		

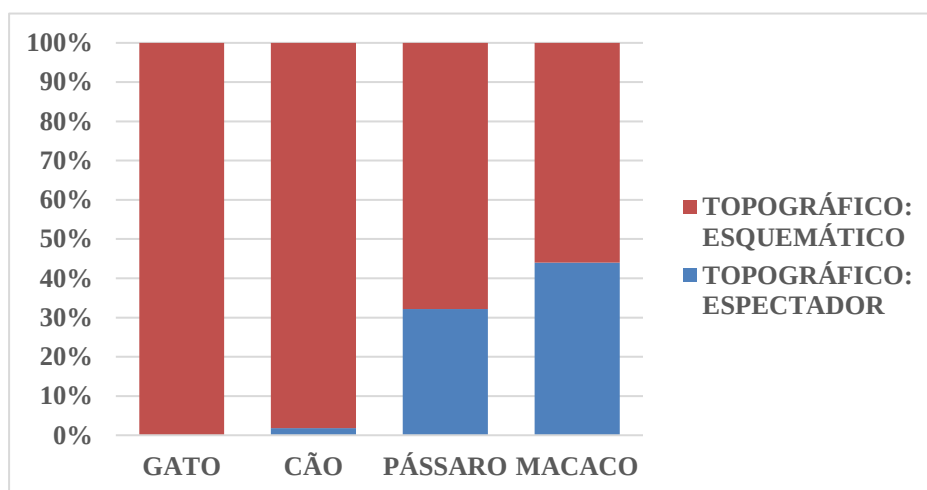
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Estes 294 (duzentos e noventa e quatro) Itens foram analisados a seguir a partir da forma como eles foram codificados de maneira isolada.

5.7 CODIFICAÇÃO

Vimos agora os resultados para a codificação dos itens esquematizados quanto ao uso do espaço nestes itens. Para estes resultados, todos os sinais do tipo MOD foram anotados como N/A, pois fazem parte do núcleo do léxico. Não levaremos em conta a composição dos itens, de forma que se houver dois sinais de representação para um mesmo item, eles foram contados separadamente nesta análise como duas ocorrências.

Gráfico 10 - Uso do espaço na codificação dos sinais hipônimos



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 9 - Resultados para uso do espaço na codificação dos sinais hipônimos

Tipos de espaço	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
TOPOGRÁFICO: ESPECTADOR	0	1	9	22	32
TOPOGRÁFICO: ESQUEMÁTICO	29	54	19	28	130
Total	29	55	28	50	162
Tipos de espaço	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
TOPOGRÁFICO: ESPECTADOR	0,0%	1,8%	32,1%	44,0%	19,8%
TOPOGRÁFICO: ESQUEMÁTICO	100,0%	98,2%	67,9%	56,0%	80,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

De modo geral, não houve casos de uso de espaço real. O uso do espaço abstrato estava sempre ligado a um sinal do núcleo do léxico e, portanto, não foi análise da codificação. Desta forma, a análise do espaço nos sinais de representação se ateve aos dois tipos de espaço topográfico: Esquemático e Espectador, conforme as Figuras abaixo.

Figura 46 - Sinal BEAGLE em Libras (Tipo de espaço topográfico: Esquemático)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 47 - Sinal BABUÍNO-ANÚBIS em Libras (Tipo de espaço topográfico: Espectador)

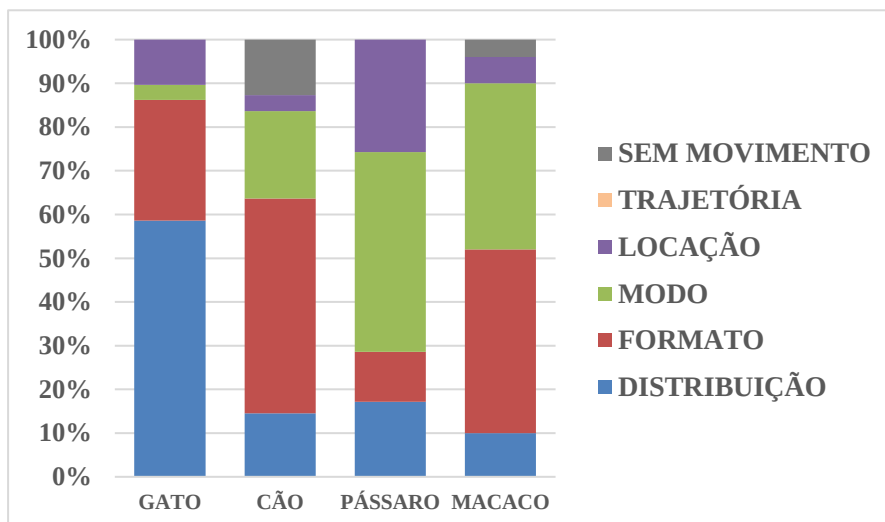


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Dos 162 (cento e sessenta e dois) sinais de representações anotados, 80,2% (N=130) estavam no espaço ESQUEMÁTICO e apenas 19,8% (N=32) no espaço ESPECTADOR. Entre os GATOS, todos os 29 (vinte e nove) foram do tipo ESQUEMÁTICO. Em CÃO, apenas 1,8% (N=1) e 98,2% (N=54) de um total de 55 (cinquenta e cinco) sinais de representação utilizados para este animal. Já em PÁSSARO, dos 28 (vinte e oito) sinais de representação, 32,1% (N=9) estavam em espectador, principalmente porque os participantes sinalizavam as asas do animal batendo. Mesmo assim, 67,9% (N=19) dos sinais de representação para este animal estavam no espaço ESQUEMÁTICO. Somente em MACACO tivemos um número mais semelhante dos dois tipos de espaço, 44,0% (N=22) para ESPECTADOR e 56,0% (N=28) para ESQUEMÁTICO, de 50 (cinquenta) no total. Isto se deve ao fato de que muitos

participantes sinalizaram os itens deste tipo de animal andando ou batendo no peito. A seguir, podemos ver o tipo de movimento por animal.

Gráfico 11 - Tipos de movimento por animal



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 10 - Resultados para tipos de movimento por animal

Tipos de movimento	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
DISTRIBUIÇÃO	17	8	6	5	36
FORMATO	8	27	4	21	60
MODO	1	11	16	19	47
LOCAÇÃO	3	2	2	3	10
TRAJETÓRIA	0	0	0	0	0
SEM MOVIMENTO	0	7	0	2	9
Total	29	55	28	50	162
Tipos de movimento	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
DISTRIBUIÇÃO	58,6%	14,5%	21,4%	10,0%	22,2%
FORMATO	27,6%	49,1%	14,3%	42,0%	37,0%
MODO	3,4%	20,0%	57,1%	38,0%	29,0%
LOCAÇÃO	10,3%	3,6%	7,1%	6,0%	6,2%
TRAJETÓRIA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
SEM MOVIMENTO	0,0%	12,7%	0,0%	4,0%	5,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Como visto, não há ocorrências de movimentos de trajetória. De modo geral, dos 162 (cento e sessenta e dois) sinais de representação, 37,0% (N=60) foram de FORMATO, seguido de 29,0% (N=47) de MODO, 22,2% (N=36) de DISTRIBUIÇÃO, 6,2% (N=10) de LOCAÇÃO, e 5,6% (N=9) sem movimento.

Em GATO, dos 29 (vinte e nove) sinais de representação, mais da metade, 58,6% (N=17), foi de DISTRIBUIÇÃO, sendo a maior parte deles para descrever listras na

pelugem do animal. Além destes, 27,6% (N=8) de FORMATO, apenas 10,3% (N=3) de LOCAÇÃO e 3,4% (N=1) de MODO. Não houve representação sem movimento para este animal.

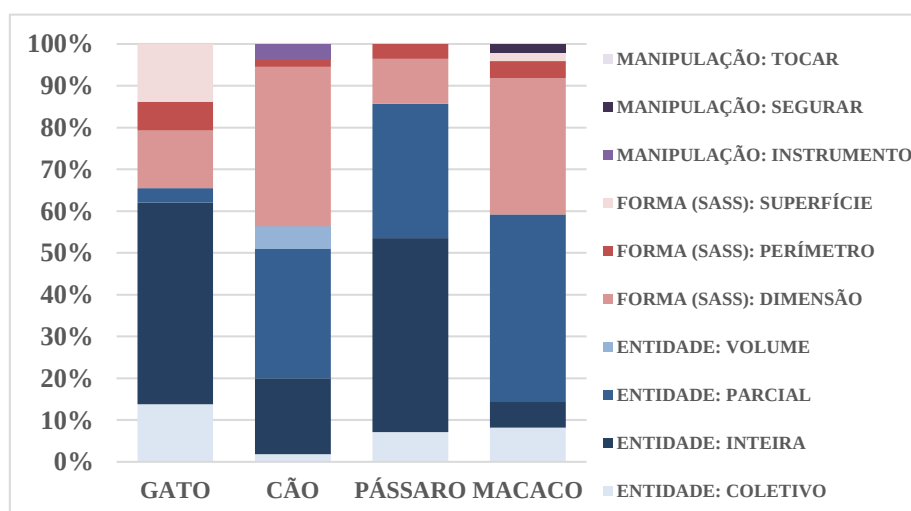
Já em CÃO, 12,7% (N=7) das representações foram sem movimento. As representações mais comuns fora de FORMATO com 49,1% (N=27), seguidas de MODO com 20,0% (N=11), DISTRIBUIÇÃO com 14,5% (N=8) e LOCAÇÃO com 3,6% (N=2).

Já em PÁSSARO, devido a grande quantidade de uso do espaço espectador, mais da metade das ocorrências de movimento deste animal foi MODO com 57,1% (N=16), para representar o movimento das asas e do bico. Além disso, 21,4% (N=6) foi de DISTRIBUIÇÃO das penas, 7,1% (N=2) de LOCAÇÃO e apenas 14,3% (N=4) de FORMATO.

O mesmo aconteceu com MACACO em relação ao MODO, que somou 38,0% (N=19) das 50 (cinquenta) ocorrências de sinais de representação para este animal. No entanto, o número de FORMATO foi superior, com 42,0% (N=21) de ocorrências. 6,0% (N=3) dos movimentos foi de LOCAÇÃO e 4,0% (N=2) sem movimento. A seguir, apresentamos os tipos de configuração de mão utilizados nas representações.

No Gráfico abaixo, há três cores principais com tonalidades diferentes. A cor azul representa os itens de entidade, e são a maior proporção de ocorrências, somando 64% (N= 100) das CM's utilizadas nos sinais de representação. A cor vermelha representa as CM's de FORMA, que juntas somam 34,2% (N= 55) do total. Por fim, a cor roxa, que representa as CM's de manipulação foram apenas somaram apenas 1,9% (N= 3) do total. A descrição detalhada dos resultados por tipo está logo abaixo do Gráfico.

Gráfico 12 - Tipos de configuração de mão por animal



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Tabela 11 - Resultados para tipos de configuração de mão por animal

Codificação: CM	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
ENTIDADE: COLETIVO	4	1	2	4	11
ENTIDADE: INTEIRA	14	10	13	3	40
ENTIDADE: PARCIAL	1	17	9	22	49
ENTIDADE: VOLUME	0	3	0	0	3
FORMA (SASS): DIMENSÃO	4	21	3	16	44
FORMA (SASS): PERÍMETRO	2	1	1	2	6
FORMA (SASS): SUPERFÍCIE	4	0	0	1	5
LETRA	0	0	7	0	7
MANIPULAÇÃO: INSTRUMENTO	0	2	0	0	2
MANIPULAÇÃO: SEGURAR	0	0	0	1	1
MANIPULAÇÃO: TOCAR	0	0	0	0	0
N/A	31	41	34	20	126
Total	60	96	69	69	294

Codificação: CM	GATO	CÃO	PÁSSARO	MACACO	Total
ENTIDADE: COLETIVO	6,7%	1,0%	2,9%	5,8%	3,7%
ENTIDADE: INTEIRA	23,3%	10,4%	18,8%	4,3%	13,6%
ENTIDADE: PARCIAL	1,7%	17,7%	13,0%	31,9%	16,7%
ENTIDADE: VOLUME	0,0%	3,1%	0,0%	0,0%	1,0%
FORMA (SASS): DIMENSÃO	6,7%	21,9%	4,3%	23,2%	15,0%
FORMA (SASS): PERÍMETRO	3,3%	1,0%	1,4%	2,9%	2,0%
FORMA (SASS): SUPERFÍCIE	6,7%	0,0%	0,0%	1,4%	1,7%
LETRA	0,0%	0,0%	10,1%	0,0%	2,4%
MANIPULAÇÃO: INSTRUMENTO	0,0%	2,1%	0,0%	0,0%	0,7%
MANIPULAÇÃO: SEGURAR	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,3%
MANIPULAÇÃO: TOCAR	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
N/A	51,7%	42,7%	49,3%	29,0%	42,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As configurações de mão utilizadas nas representações dos hipônimos foram diversas e bem distribuídas. Como vimos, no entanto, há um destaque para as entidades. Das 29 (vinte e nove) representações de GATO, as entidades foram 48,3% (N=14) INTEIRA, 13,8% (N=4) COLETIVO e 3,4% (N=1) PARCIAL, estando a maioria relacionada às listras nas pelugens dos animais. Quando à FORMA, SUPERFÍCIE e DIMENSÃO somaram 13,8% (N=4) do total para este animal cada uma, e PERÍMETRO teve 6,9% (N=2). Não houve manipulação para este animal. Das 55 (cinquenta e cinco) ocorrências de CÃO, as entidades tiveram maior concentração em PARCIAL com 30,9% (N=17), seguida de 18,2% (N=10) INTEIRA, 5,5% (N=3) de VOLUME e 1,8% (N=1) COLETIVO. Já em FORMA, DIMENSÃO somou 38,2% (N=21), enquanto PERÍMETRO só obteve 1,8% (N=1) e SUPERFÍCIE nenhuma. Anotamos 3,6% (N=2) de MANIPULAÇÃO: INSTRUMENTO para CÃO, por entendermos que o sinal de

PITBULL foi feito em dois casos como sendo uma tesoura cortando as orelhas. Não houve outros casos de manipulação para este animal.

Dos 28 (vinte e oito) casos de PÁSSARO, a maioria foi de entidade, se concentrando principalmente em INTEIRA com 46,4% (N=13), por conta dos itens BEIJA-FLOR e PICA-PAU, e PARCIAL com 32,1% (N=9) por conta das asas. Ainda houve 7,1% (N=2) para representar as penas. As formas foram poucas, sendo 10,7% (N=3) de DIMENSÃO e 3,6% (N=1) do PERÍMETRO do bico. Não houve manipulação para este animal. Por fim, dos 49 (quarenta e nove) casos de MACACO, a entidade PARCIAL foi a mais presente, somando 44,9% (N=22). Entidade COLETIVO somaram 8,2% (N=4) e INTEIRA 6,1% (N=3). Entre as FORMAS, 32,7% (N=16) do total de representações deste animal foram de DIMENSÃO, seguidas de 4,1% (N=2) de PERÍMETRO e 2,0% (N=1) de SUPERFÍCIE. Ainda houve 2,0% (N=1) MANIPULAÇÃO: SEGURAR do Animal segurando um galho.

No Capítulo seguinte, os resultados foram instrumentalizados, de forma que uma discussão seja feita sobre como a iconicidade está presente nas produções dos participantes, e sobre como as estratégias utilizadas pelos participantes pode nos ajudar a entender mais um pouco sobre como língua e cognição se relacionam na produção linguística da Libras, principalmente no que diz respeito ao funcionamento do léxico.

6 DISCUSSÃO

6.1 SINAIS BÁSICOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como adultos surdos estabelecem as relações hiponímicas e hiperonímicas na Libras. Para aprofundar a visão dos fenômenos hiperonímia e hiponímia, utilizamos o modelo de categorização de Rosch (1975). Ela propõe que há nas línguas itens lexicais básicos e itens superordenados e subordinados. Como escolhemos trabalhar apenas com itens lexicais e, especificamente com os agrupamentos genéticos GATO, CÃO, PÁSSARO e MACACO, estabelecemos uma relação entre os termos hiperônimo e hipônimo com os termos utilizados por Rosch (1975). Desta forma, em nosso recorte metodológico, os agrupamentos genéticos citados caracterizadas como hiperônimos por Santos (2018) em sua análise, foram observadas nesta pesquisa como sendo também itens básicos. Ou seja, estamos utilizando indistintamente “hiperônimo” e “item básico” como sendo este nível de categorização vertical. Assim sendo, o que Santos (2018) categorizou como hipônimo em sua metodologia, estamos agora observando como itens subordinados. Como nosso objetivo é observar as relações hiperonímicas e hiponímicas na Libras, dedicamos uma seção da análise para os itens básicos (hiperônimos) e uma seção para os itens subordinados (hipônimos).

Na análise dos itens básicos, observamos os 4 (quatro) agrupamentos genéticos descritas acima, com as quais também faremos a análise dos itens subordinados. Para além destas, também analisamos outros 17 (dezesete) itens de animais que foram classificados como itens básicos, quais sejam: GIRAFÁ, RATO, JABUTI, LEÃO, GALINHA, PINGUIM, PATO, MORCEGO, CANGURU, URSO, COELHO, CAVALO, ZEBRA, PORCO, BOI, VACA e ELEFANTE. Uma característica importante sobre os sinais utilizados para estes animais é que a maior parte deles não é uma composição, mas a realização de apenas um sinal. Como vimos, o oposto aconteceu com os itens subordinados, sendo a maior parte deles uma composição de pelo menos dois sinais. É importante notar também que não há uma relação morfológica destes sinais com seus itens superordenados, exceto em ZEBRA e VACA. Em ZEBRA, há uma composição CAVALO+LISTRAS, sendo o primeiro sinal uma referência à classe dos equinos. O sinal CAVALO não apresenta nenhuma adição, o que nos leva a entender que o CAVALO é o equino mais prototípico desta classe. A ZEBRA se diferencia do CAVALO pelas suas peles e o segundo sinal LISTRAS marca esta distinção. O mesmo ocorre em VACA, que

é uma composição de BOI+ORDENHAR. O sinal BOI é uma referência aos bovinos, sendo BOI o elemento mais prototípico. O segundo sinal também é o elemento que distingue o BOI da VACA.

Além de serem sinais únicos em sua maioria, os itens básicos analisados também têm uma seleção de imagem direta do sinal, sendo está uma ação ou uma descrição estática do animal. Isto pode estar relacionado ao fato de que as seleções de imagens indiretas estão mais associadas a itens abstratos. Sendo os animais itens com características físicas distinguíveis, como a tromba do elefante ou o pescoço da girafa, o uso de referentes indiretos tende a não acontecer. As referências indiretas nestes sinais básicos são humanos, tanto em MORCEGO como em VACA. Este fato pode apontar para o uso da experiência corporal do ser humano para a produção linguística. Não só as características visuais apareceram como sendo icônicas na seleção da imagem, mas a maneira como tiramos leite da vaca, ou como o morcego, com uma referência ao personagem drácula, mordida as pessoas.

Consequentemente, a esquematização foi feita sobretudo com partes do corpo dos animais, exceto para estes dois itens, que também selecionaram o referente ser humano. Para os demais, as partes do corpo dos animais foram escolhidas com base nas suas características distintivas, sendo a maior parte delas na região da cabeça (focinho, boca, orelhas etc.). Segundo Taub (2004) a esquematização é um processo que pode ser revisitado depois da codificação. É possível também que, além da influência do valor distintivo da característica esquematizada, a codificação também tenha exercido influência sobre a lexicalização dos sinais, uma vez que os espaço de sinalização utilizado sobremaneira na cabeça e no espaço neutro. Desta forma, grande parte dos sinais utilizavam a própria cabeça do sinalizante como parte da representação.

Desta forma, a maior parte dos sinais foi realizado no espaço esquemático. O espaço real e abstrato não foi utilizado, uma vez que eles estão mais ligados à sentença e ao discurso. Dentro do espaço topográfico, o espaço do espectador somente foi utilizado em CANGURU, MACACO e VACA, sendo este último uma incorporação não do animal, mas da pessoa ordenhando a vaca, ressaltando-se como a experiência cultural de um povo pode interferir na produção dos referentes, o que justifica a diversidade de línguas de sinais. Somente CANGURU e MACACO foram incorporados como tendo um movimento corporal total tão característico que não foi necessário o uso da mão para acrescentar outras informações descritivas. É possível que isto se deva ao fato de que estes dois animais apresentam ações corporais parecidas com os do ser humano. Quanto

aos demais, as mãos estavam sempre realizando uma parte do corpo do animal em relação ao corpo do sinalizante que também representava o corpo do animal. Ou seja, quando o sinal RATO era sinalizado com a mão representando o bigode do RATO, o bigode foi sinalizado num ponto de articulação específico, próximo à boca do sinalizante, de modo que a boca do sinalizante representava o focinho do rato. Podemos dizer, portanto, que em quase todas as produções, o corpo do sinalizante estava incorporando o animal, parcialmente ou totalmente.

Quanto ao parâmetro de movimento, 13 (treze) representaram movimentos feitos pelos animais, todos de modo (não de trajetória, já que ela é mais ligada à sintaxe). É importante pensar como este resultado pode ser significativo, já que estamos falando de seres vivos. Mesmo os seres inanimados que apresentam um movimento automático, como os eletrodomésticos, apresentam sua representação icônica relacionada ao seu movimento (por exemplo, VENTILADOR, LIQUIDIFICADOR). Desta forma, muitos sinais básicos também representaram movimentos ligados a um movimento prototípico de um animal. Dentre as diferentes características físicas do macaco, o seu movimento de coçar a cabeça e o corpo se sobressaiu ao ponto de ser visivelmente mais representativo. Já em GIRAFÁ, a característica física (o pescoço) foi visualmente mais proeminente do que a sua maneira de andar ou de comer, por exemplo. Os demais movimentos utilizados nos sinais estavam associados à locação ou ao formato da parte do corpo representada. Como dito, as características físicas dos animais também chamam bastante atenção, principalmente em comparação ao ser humano, o que gera esta competição entre os seus comportamentos e as suas características. De qualquer forma, o valor distintivo foi o elemento mais influente nas escolhas.

O comportamento das configurações de mão foi diverso, tendo uma CM de segurar, uma de tocar, duas para coletivo e 4 (quatro) para dimensão, no entanto, a maior parte das CM's foram de entidade parcial, já que os sinais representam partes do corpo em sua maioria. Há, aqui, uma forte relação entre as diferentes etapas do processo de produção, em que a escolha da configuração de mão aparece como sendo a última etapa do processo, exceto quando o movimento existe para auxiliar a locação ou a CM, e que, a depender das suas restrições físicas e fonológicas, as CM's podem forçar a revisão do processo.

Como vimos, os sinais básicos aqui tendem a ser monolexicais, o que é comum no núcleo do léxico, como vimos com Johnston e Schembri (2007). Sendo assim, há uma pressão do núcleo do léxico para representar o referente apenas com um sinal. Esta

pressão faz com que o sinal tende a ser o mais representativo possível, ou seja, que ele apresente o elemento mais prototípico e distinguível do animal, seja uma ação ou uma característica física. Em PINGUIM, foi possível realizar a maneira de andar do animal com as mãos realizando as nadadeiras/patas do animal e com o corpo realizando sua forma de andar, mas não foi possível realizar também o formato pontiagudo e extenso do seu bico. Em LEÃO foi possível sinalizar a boca do leão rugindo, mas não a sua juba, que também é bem prototípica do animal. Há, inclusive, uma variação do sinal que sinaliza somente a juba, mas não o rugir. A posição que o morcego dorme, de cabeça para baixo, é muito distintiva para este animal, no entanto, é possível que restrições fonológicas (não foi pensada uma configuração de mão representativa para isto) impediram que as mãos representassem o animal dormindo, sem a adição de mais um sinal. Neste processo, o personagem drácula trouxe uma ação típica para os morcegos, morder pescoços. As suas presas afiadas não são confundidas com as da cobra, já que o ponto de articulação é o pescoço. Veja abaixo um resumo das características principais do processo de criação/produção de sinais básicos de animais analisadas na nossa pesquisa.

Os sinais básicos/hiperônimos de animais foram em sua maioria:

- Monolexicais;
- Seleção de imagem: Direta;
- Seleção de imagem: Ações e descrições não apresentaram diferença;
- Esquematização: Partes do corpo na região da cabeça;
- Codificação: Espaço esquemático;
- Codificação: Movimento de modo em ações e de formato e locação em descrições;
- Codificação: Configuração de mão: Entidade parcial.

6.2 SINAIS SUBORDINADOS

6.2.1 Tipos de respostas e de estratégias

Nesta seção, foi possível observar se esse comportamento se repete ou se diferencia nos itens subordinados. Em primeiro lugar, a análise dos itens subordinados foi mais detalhada, pois além de apresentar mais itens, também apresentou uma diversidade de respostas. Ainda assim, tentaremos discutir as respostas mais frequentes. Tivemos 5 (cinco) tipos de respostas, NÃO SABER, EXP, HIPE, ESTRATÉGIA e ILP. Falamos sobre cada uma delas em relação aos tipos de animais. Não apresentamos uma análise detalhada sobre as diferentes respostas entre os participantes, pois não é o foco da

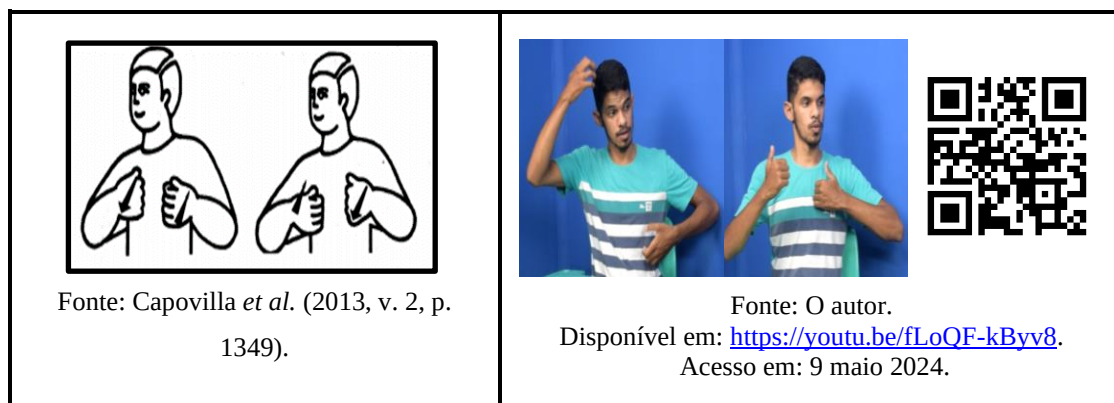
nossa análise e elas não apresentaram diferenças que poderiam interferir na análise como um todo.

NÃO SABER e EXP apresentaram resultados interessantes, que podem nos ajudar a refletir sobre a metodologia do trabalho. A ordem da apresentação dos animais para os participantes foi GATO, CÃO, PÁSSARO e MACACO. Não explicamos para os participantes que eles deveriam especificar os sinais subordinados e misturamos os sinais subordinados com os potenciais itens básicos e com distratores. Em GATO só houve uma explicação e um NÃO SABER. Em vez disso, mesmo não conhecendo sinais para os diferentes gatos, os participantes sinalizaram apenas o item básico GATO, ou alguma outra característica física atrelada a ele. Já em MACACO, a última categoria, vimos 9 (nove) explicações e 8 (oito) NÃO SABER. Na parte final do processo, os participantes já haviam percebido que certos animais se repetiam com agrupamentos genéticos diferentes. No início, ao ver um gato persa, muitos só viam um gato, porque estavam contrastando o animal com as demais figuras (PANTERA-NEGRA, LEÃO etc.). No entanto, ao ver um macaco-prego, dois participantes sabiam que aquele não era um macaco conhecido por eles, e provavelmente já tinha entendido que a pesquisa também era sobre o tipo de macaco, então, em vez de sinalizar MACACO, decidiu dizer que não sabia. O mesmo aconteceu com 5 (cinco) diferentes tipos de macacos, o que mostra que não foi o macaco em si que gerou este tipo de resposta, mas que talvez seja um efeito do experimento. Na mesma linha, as explicações tentaram trazer informações sobre os animais que, de alguma forma, lhes eram familiares. Como sabiam a essa altura que deveriam diferenciar os tipos de macaco, eles adicionaram mais informações.

Apesar disso, o uso de HIPE foi comum em todas as categorias. De alguma forma, podemos gatos de diferentes agrupamentos genéticos, ou pelo menos os seus sinais, não são tão conhecidas, mesmo sendo animais domésticos. Já entre os cães, mesmo realizando somente HIPE, os participantes pareciam tentar lembrar do sinal para o animal. É possível que, as diferenças físicas dos cães sejam mais marcantes do que as dos gatos, além de que, cães de raças mais raras são vistos em filmes e nas ruas, o que não é muito comum com gatos.

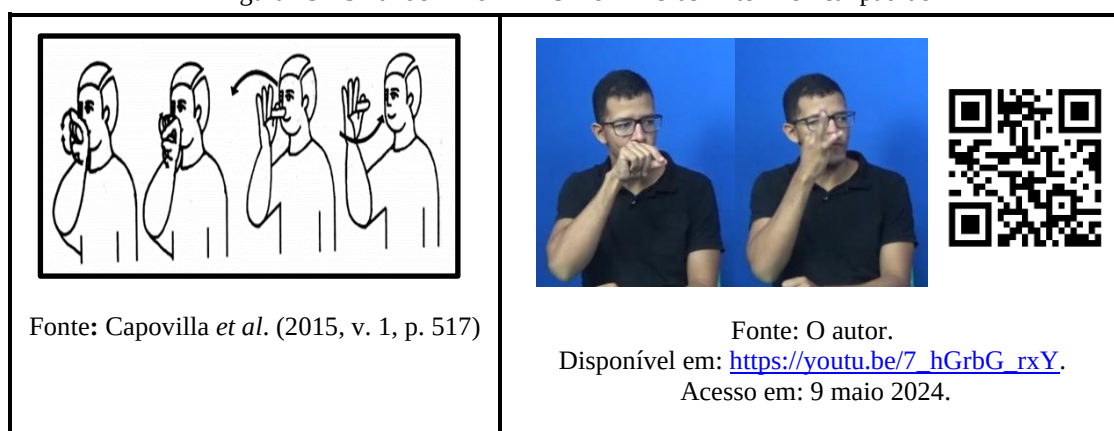
Os itens ILP foram apenas 4 (quatro): GORILA (5 ocorrências), BEIJA-FLOR (7 ocorrências), PICA-PAU (7 ocorrências) e PITBULL (7 ocorrências). Assim como nos itens básicos, os sinais foram monolexicais, com uma seleção direta, sendo 3 (três) ações e 1 (um) descrição estática (PITIBULL). A esquematização do cão e do macaco foi de parte do corpo, mas dos pássaros contou com um referente externo.

Figura 48 - Sinal de GORILA em Libras – Item lexical padrão



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 49 - Sinal de BEIJA-FLOR em Libras – Item lexical padrão



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

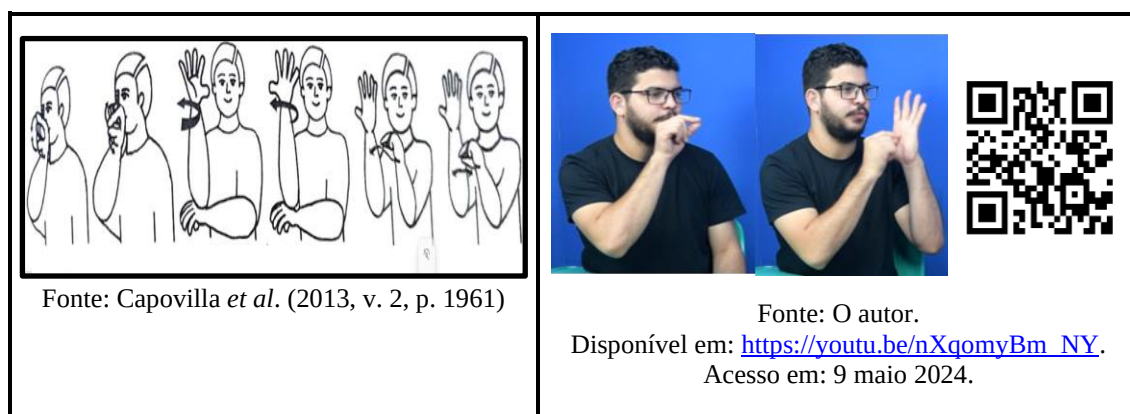


Figura 50 - Sinal de PICA-PAU em Libras – Item lexical padrão

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 51 - Sinal de PITBULL em Libras – Item lexical padrão



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Em PICA-PAU, uma mão representava a entidade do pássaro e a outra um tronco de árvore. Em BEIJA-FLOR, além do sinal básico PÁSSARO, os participantes realizaram o sinal FLOR que é um item do núcleo do léxico com a configuração de mão que representa a letra F (de flor em português) tocando o nariz. Desta forma, ambos os sinais apresentam a relação do pássaro com outro elemento da natureza, a mesma estratégia dos nomes compostos dos sinais em português. GORILA é a incorporação muito característica dos filmes em que o macaco bate no peito com as duas mãos, principalmente o personagem King-kong. Já o PITBULL é um animal bem prototípico dos cães, juntamente com o pastor-alemão. Não classificamos as respostas para pastor-alemão como ILP, pois elas variaram entre CÃO+POLÍCIA, PASTOR (de pastor evangélico), e PASTOR (evangélico)+ALEMANHA, e não achamos uma referência externa que confirmasse nenhuma das variações como sendo padrão.

Por fim, chegamos às respostas mais frequentes, as ESTRATÉGIAS, foco desta análise. Como dito, foram diversas as respostas para os itens subordinados e, portanto, tivemos dificuldade para categorizar as respostas, especialmente quando os participantes utilizaram o que chamamos de estratégias de subordinação. As possíveis estratégias, seguindo o modelo de Santos (2018) inclui combinações de HIPE, MOD, REP e DAT. Nós isolamos os 6 (seis) casos sem o uso do HIPE, para entender como o a combinação do sinal básico com outro elemento aconteceu nas diferentes categorias de animais, principalmente porque foram uma parcela pouco significativa dos sinais, sendo 5 (cinco) delas com macacos e uma com pássaro. Entendemos que um efeito também da pesquisa é que isto só aconteceu nos últimos casos em que os participantes estavam tentando especificar os sinais, se esquecendo até mesmo de utilizar o sinal básico da categoria hiperonímica.

As estratégias com hiperônimo mais alguma outra informação somou 178 (cento e setenta e oito) ocorrências. Das 6 (seis) categorias listadas nos resultados, 3 (três) envolvem datilologia, no entanto o número de ocorrências para cada uma delas foi muito baixo, o que indica que a interferência do português não foi comum na identificação dos hipônimos. Focaremos, portanto, na relação entre o uso de modificador e de sinal de representação.

É importante lembrar que estamos chamando de modificador os sinais que estão no núcleo do léxico nativo, e de sinal de representação os sinais que estão no léxico nativo não nuclear, conforme Johnston e Schembri (2007). É importante lembrar também que os sinais de representação são sinais mais icônicos do que os sinais no núcleo do léxico, no entanto, é muito comum que sinais no núcleo do léxico mantenham a iconicidade. A diferença é que, ao utilizar um modificador como VERMELHO, por mais que haja, na raiz do sinal da cor, indexicalidade na apontação para o lábio, sendo assim muito representativo, o uso do sinal agregado ao sinal de um pássaro não pode ser observado como sendo parte da construção icônica do sinal subordinado, mas como sendo uma composição linguística. Sendo assim, sinais com MOD foram observados como sendo menos icônicos do que sinais com REP. Ainda assim, muitas ocorrências foram mistas, ou seja, uma composição do tipo HIPE+REP+MOD, o que torna a análise da iconicidade mais complexa, mas não impossível. De todas as ocorrências com HIPE + REP e/ou MOD (N= 182), 36,8% (N= 67) foram HIPE+MOD, 36,3% (N= 66) HIPE+REP e 26,9% (N= 49) HIPE+REP+MOD. Observando estes resultados gerais, vemos que os resultados são praticamente idênticos para MOD e REP. Por conta disto, apresentamos os resultados do processo de criação/produção icônica (seleção de imagem, esquematização e codificação) com números gerais e com o cruzamento com estes três tipos de composição: MOD, REP e MISTA. Discutimos estes resultados na seção seguinte.

6.2.2 Seleção de imagem, esquematização e codificação

O Gráfico 6 nos resultados mostram que houve uma grande concentração de respostas CARTÃO-ESTÁTICO-DIRETA em todos os animais. Além dos casos do tipo N/A (que representam hiperônimos sem composição, ou NÃO SABER e EXP), as composições contaram com seleções de imagem seguindo o cartão apresentado pelo pesquisador. Este resultado foi esperado, já que muitos referentes não eram conhecidos pelos participantes e, portanto, estavam sendo apresentados pela primeira vez. Na maioria destes casos, os participantes estavam olhando para o cartão enquanto sinalizavam, como

se estivessem reproduzindo o cartão. Como vimos, o alto número de modificadores do tipo cor se deve também à tentativa dos participantes de representar o referente com algum detalhe do cartão.

Como os cartões apresentam animais parados em sua maioria, a maior incidência foi de descrições estáticas e não de ações dos animais. Ainda assim, como vemos, 28 (vinte e oito) ocorrências foram representadas com ação, menos em GATO. Este resultado, apesar da interferência do experimento, apresenta um resultado bastante diferente da proporção de seleções de imagem do par ação x estático dos itens básicos, já que, nos itens básicos, 50% dos casos foram ação, e aqui, somente 15,4%. A representação indireta se concentrou principalmente nos itens PASTOR-ALEMÃO (com os sinais POLÍCIA e PASTOR, por influência do português), PICA-PAU e BEIJA-FLOR (por conta da relação com a natureza). Assim como nos itens básicos, as representações foram majoritariamente diretas, quando o sinal representa diretamente o referente.

Ao observarmos o Gráfico seguinte que observa o uso de modificadores e sinais de representação, vemos que há mais sinais de representação nas ações. Podemos inferir que representar ações tem mais iconicidade do que descrever o animal. Esperávamos, portanto, que, em sinais hipônimos, devido ao status de não serem sinais completamente lexicalizados, as ações seriam mais frequentes, mas não é o que acontece. Os sinais produzidos com estratégias foram menos icônicos do que os sinais lexicalizados, tanto porque estão mais ligados às descrições com modificadores do que com ações com sinais de representação.

Quanto à esquematização, vimos que as esquematizações com informações gerais sobre o animal, principalmente com a cor e o tamanho do animal, foram mais recorrentes do que os demais tipos. Houve uma pequena porcentagem de elementos internos, como MAU e PERIGO. Os elementos com outro referente se concentraram mais em cão e pássaro, assim como vimos com as representações indiretas. Houve ainda uma mistura entre tipos diferentes de esquematização, mas focaremos no tipo partes do corpo, para comparar com os resultados dos itens básicos. Mais uma vez, vimos um comportamento diferente no processo em relação aos itens básicos. Aqui, as partes do corpo são menos de 20% dos casos. No entanto, quando observamos que um terço dos dados são N/A, e que grande parte dos casos do tipo GERAL são a cor, vemos que a escolha de partes do corpo só fica atrás do uso de cores.

O Quadro 42 mostra que a sinalização da cor do referente apareceu 76 (setenta e quatro) vezes, sendo muitas vezes em conjunto com outra informação. Esta grande

quantidade de cores sinalizadas mostra o quanto o aspecto visual dos cartões interferiu nos resultados, já que somente 4 (quatro) destas ocorrências com cores foram classificadas como MEMÓRIA. As demais foram todas com a seleção do cartão como imagem. Se levarmos este fato em conta, vemos que as partes do corpo foram bastante utilizadas na representação. Outra diferença também está no uso de sinais referentes a partes diferentes da cabeça, como PELUGEM (44), PENAS (19) e MÃOS (17). Estes sinais foram realizados também no tronco, no braço, ou em ações envolvendo as mãos do referente. Esta diferença pode estar relacionada ao fato de que são sinais em fase de criação ou de lexicalização e, portanto, ainda podem sofrer interferências fonológicas e adaptações no processo de lexicalização, conforme prevê Taub (2004). O uso de partes do corpo utiliza mais sinais de representação (assim como na esquematização mista que também representou partes do corpo).

Nos itens gerais, os sinais de representação estão relacionados ao tamanho do animal. Vemos, portanto, que há mais iconicidade na representação das partes do corpo do que nos demais tipos de esquematização. Com esta informação, podemos revisitar a parte da discussão em que dissemos que o uso de descrições pode evidenciar uma menor iconicidade nos itens subordinados do que nos sinais básicos, que representam ações em metade dos casos. Mesmo observando que há uma quantidade considerável de itens com representações icônicas com parte do corpo, podemos dizer que a iconicidade da descrição é menor que a iconicidade da ação, mas não podemos dizer que há uma ausência de iconicidade nestes sinais. Ou seja, toda esquematização feita com partes de corpo, e as esquematizações gerais com tamanho são altamente icônicas, independente de terem sido feitas a partir de uma imagem estática ou de uma ação (já que as ações também esquematizam partes do corpo, como as mãos do macaco ou as asas do pássaro, por exemplo).

Por fim, a codificação também se limitou ao espaço topográfico nos itens subordinados, sendo também a sua maioria de espaço esquemático. O Gráfico 10 mostra que o uso do espaço do espectador foi nulo em GATO, quase nulo em CÃO e maior em PÁSSARO e MACACO. O uso do espaço do espectador está totalmente relacionado à seleção da imagem com ação. Quando os sinalizantes representaram um pássaro voando, um cão caminhando, ou um macaco andando ou escalando uma árvore, eles utilizaram o espaço topográfico. Quanto ao movimento, vimos que também houve uma diversidade de movimentos, mas com apenas o movimento de modo para representar as ações, assim como nos sinais básicos. Já as descrições utilizaram os movimentos para indicar

sobremaneira a distribuição de listras, pelos ou de penas, o formato do corpo e da pelagem, e a locação de partes do corpo em alguns casos. Vimos que, exceto pelo uso de distribuição, o comportamento do uso do movimento nos sinais hipônimos foi muito semelhante ao comportamento da representação dos sinais hiperônimos. Por fim, a configuração de mão mostrou que também o uso de entidade parcial foi superior aos demais. Em seguida, vimos que as formas foram presentes sobretudo em CÃO e MACACO. A manipulação aconteceu raramente, uma vez que exceto por um cartão com um macaco numa árvore segurando um galho, os demais não possuíam elementos para os animais se relacionarem. De modo geral, podemos dizer que o comportamento da sinalização de itens subordinados/hipônimos foi em sua maioria:

- Uma composição de elementos, envolvendo o item hiperônimo;
- Seleção de imagem: Direta;
- Seleção de imagem: Sobretudo descrições estáticas;
- Esquematização: Características gerais, sobretudo cores, e partes do corpo sem uma parte específica em evidências;
- Codificação: Espaço esquemático;
- Codificação: Movimento de modo em ações, e formato, distribuição e locação para descrições sem uma preferência por um só tipo;
- Codificação: Configuração de mão: Entidade parcial.

6.3 RELAÇÃO ENTRE OS SINAIS BÁSICOS E SUBORDINADOS

Quando comparamos os comportamentos dos sinais básicos e subordinados em relação à produção dos participantes, observando as categorias listadas, vemos que há uma diferença na estrutura morfológica, principalmente, mas o processo de iconização não é muito diferente. Se considerarmos que os sinais realizados, com exceção dos ILPs, estão ainda em processo, a seleção da imagem, sem o efeito do experimento, pode ser mais atrelada às ações dos animais, uma vez que, mesmo com animais parados, os sinalizantes utilizaram ações. Sem contar que os ILPs subordinados estavam em sua maioria ligados às ações também. Ainda assim, as descrições estáticas seguirem uma seleção direta próxima do que se viu nos itens básicos. Na esquematização, exceto pelo efeito do experimento no excessivo uso das cores, os sinalizantes utilizaram partes do corpo que eram mais distinguíveis nos animais apresentados. Por fim, a codificação apresentou um comportamento muito similar nos hiperônimos e nos hipônimos. Esta comparação é importante para perceber que há um padrão sistemático nos sinais do núcleo do léxico que também está presente no momento em que um surdo tem que sinalizar um referente pela primeira vez.

De um ponto de vista da cognição, a experiência corporal da comunidade que criou os sinais lexicalizados não é muito diferente da experiência atual de um surdo na hora que precisa sinalizar um hipônimo. Os processos cognitivos de seleção de imagem, de esquematização e codificação estão acontecendo e acontecendo novamente na língua à medida que o tempo passa. A iconicidade, no entanto, não se perde necessariamente. É possível que algum sinal se torne menos icônico, a partir da modificação fonológica no processo de lexicalização, mas o que vimos foi um nível de iconicidade muito semelhante, tanto nos sinais básicos já lexicalizados, quanto nos sinais subordinados, lexicalizados ou não. A iconicidade percebida na maneira como os surdos utilizaram os sinais de representação para sinalizarem partes do corpo ou ações dos referentes é muito presente também nos itens subordinados. Nós percebemos que o uso de composições com sinais de representação, ou SASS e pantomima, como Klima e Bellugi (1979) propuseram, estão mais próximos dos sinais básicos/hiperônimos, do ponto de vista da construção cognitiva da iconicidade do sinal, do que os sinais modificadores do núcleo do léxico como VERMELHO ou POLÍCIA. Estes resultados e esta reflexão apontam para um caráter cognitivo estruturante nas línguas de sinais que, muitas vezes, não são percebidos apenas com uma análise morfofonológica.

Além disso, vimos como a prototipicidade neste processo, ora encontrou lugar na escolha de elementos mais prototípicos da categoria, como em ZEBRA, conforme Rosch (1975) observou, ora esteve presente na esquematização do sinal. As informações mais prototípicas e mais metonímicas dos referentes, que possuíam um valor mais distintivo, eram as mais escolhidas. Desta forma, além da cor do animal, não podemos dizer se era um elemento circunstancial por causa do cartão ou se era uma característica marcante do animal, a pelugem, as penas e as mãos foram elementos bem sobressalentes entre os animais. Em GATO, o formato das cores dos pelos foi a parte mais prototípica, já nos cães, a pelugem e as orelhas foram bem presentes, além das referências externas como CEGO (cão guia) e POLÍCIA (cão da polícia). Já em pássaro, além dos sinais lexicalizados, asas e penas foram mais comuns, principalmente para representar a maneira como voavam. Em MACACO, as mãos representando o próprio macaco foram as mais frequentes, uma vez que suas ações são muitas vezes parecidas com as dos seres humanos.

No capítulo seguinte, apresentamos a recapitulação dos principais pontos, os objetivos do trabalho, as considerações finais da pesquisa, assim como os apontamentos sobre trabalhos futuros.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa buscamos responder às seguintes perguntas: de que forma adultos surdos estabelecem as relações hiponímicas e hiperonímicas na Libras? Quais são as diferenças linguísticas na produção de itens básicos e subordinados do ponto de vista da iconicidade? Apresentamos uma extensa análise de como os hipônimos são construídos e quais são as semelhanças e diferenças entre a criação e produção dos seus hiperônimos. Mostramos também que, assim como em Santos (2018), grande parte dos hipônimos na Libras são formados por composições do seu hiperônimo com sinais modificadores, adjetivos que estão no núcleo do léxico, ou com sinais de representação, que apresentam características prototípicas e distintivas do elemento hipônimo em relação aos seus co-hipônimos.

A segunda pergunta foi respondida na medida em que relacionamos os hiperônimos da pesquisa com os sinais básicos e os hipônimos com os sinais subordinados. Desta forma, conseguimos estabelecer relações entre os itens básicos da pesquisa e as respostas dos participantes com as respostas para os itens subordinados. Vimos que a iconicidade acontece de maneira um tanto semelhante nas duas categorias, com diferenças morfológicas, mas com processos cognitivos de criação e produção parecidos. Vimos que a seleção da imagem seguiu um padrão semelhante no sentido seguir a referência direta, mas com uma diferença circunstancial em relação à natureza da imagem, se uma ação ou uma descrição estática do referente, de modo que, proporcionalmente, os sinais básicos apresentaram mais seleções de imagem de ações do que os itens subordinados.

Na esquematização, os sinais básicos esquematizaram principalmente partes específicas do corpo, enquanto os sinais subordinados apresentaram muitas ocorrências de esquematização de informações gerais nas composições com o hiperônimo, principalmente de cores e de tamanho. No entanto, o número de ocorrências com seleção de partes do corpo também foi alto. Nos itens subordinados, as esquematizações foram mais ligadas à pelugem, penas e mãos, enquanto que os itens básicos apresentaram mais informações relacionadas à cabeça do animal.

As codificações foram um tanto semelhantes com maioria de uso do espaço esquemático, movimentos de modo para ações e movimentos de locação e formato para descrições estáticas. Por fim, o uso de configuração de mão foi mais elevado para entidade parcial em ambas as categorias analisadas.

Observamos que a metodologia utilizada pode ter afetado os resultados, na medida em que muitos participantes se detiveram em descrever a imagem do cartão apresentado pelo pesquisador. Este fato pode ter alterado o número de modificadores utilizado, a partir da grande quantidade de cores sinalizada, mas também a quantidade de descrições estáticas. É também possível que os participantes tenham percebido o propósito da pesquisa no meio do experimento, uma vez que eles tentaram responder os itens subordinados com mais precisão na última categoria de animal muito mais do que na primeira.

Apesar disso, a metodologia nos serviu para entender como os surdos podem produzir e criar composições para sinais hipônimos sem mesmo ter conhecido os sinais. A semelhança entre as estratégias criadas pelos surdos no momento da produção e o processo analisado nos sinais básicos já lexicalizados nos faz avançar a reflexão sobre a relação entre cognição e produção lexical, já que os processos que geram um novo item são os mesmos que geraram itens tempos atrás. A iconicidade fruto deste processo criativo nos leva a crer que a Libras tem um mecanismo produtivo, vivo e sistemático, de forma que os elementos linguísticos são afetados pelas experiências e processos cognitivos, mas que por sua vez os processos cognitivos também são afetados por influências linguísticas, de modo que, como Taub (2004) propôs, o processo é de criação é um contínuo entre seleção, esquematização e codificação que está sempre se refazendo. Nossa pesquisa mostrou, sobretudo, que língua e cognição são indissociáveis.

Esta investigação deixa margem para mais pesquisa sobre como processos cognitivos e iconicidade podem ser percebidos na Libras em outras classes de sinais. Classes abstratas como sentimentos, ou de objetos inanimados como móveis ou frutas podem apresentar comportamentos no processo de criação diferentes. Além disso, esta pesquisa também poder ser realizada com a língua portuguesa para ouvintes adultos. Análises comparativas também podem ser realizadas com outras línguas de sinais pelo mundo. Há ainda material coletado passível de análise, de forma que é possível tentar entender as interferências de cada item nos resultados, ou seja, qual a diferença de resposta de um item como CHOW-CHOW para um POODLE? É possível realizar uma pesquisa perguntando aos participantes se eles conhecem os animais ou itens lexicais. Também pode ser feita uma investigação controlando itens muito conhecidos para contrastar com itens nada conhecidos, ou itens comuns de Maceió com itens de outros países para entender como a experiência corporal interfere na criação e produção icônica do sinal.

Por fim, é possível também analisar a variação lexical ou fonológica dos sinais para saber se as variações são afetadas por diferentes processos de iconicidade e em que momento do processo a variação acontece, se na seleção da imagem, na esquematização ou só na codificação. De forma geral, esta pesquisa abre um leque de possibilidades para o estudo sobre iconicidade na Libras na perspectiva da Linguística Cognitiva.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ewerton Douglas Canuto de. **Expressões idiomáticas na libras:** um estudo descritivo. 2022. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Maceió, 2022.

ARAÚJO NETO, Humberto Meira de. **Estratégias de reconhecimento visual de palavras ortográficas por pessoas surdas:** relações entre natureza lexical e fonologia. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2017.

BATISTA, Jerlan Pereira. **A variação Lexical em Libras em Três Municípios do Estado de Alagoas.** 2020. 114 f. Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Maceió, 2020.

BELLUGI, U.; KLIMA, E. Properties of Visuospatial Language. *In: Congress Sign Language Research and Application*, Conference. Hamburg, Prielwitz, 1990.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

BRANCHINI, Chiara; MANTOVAN, Lara (ed.). **A Grammar of Italian Sign Language (LIS).** Venezia: Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2020.

BRENNAN, M. The Visual World of BSL: An Introduction'. *In: BRIE, D. (ed.). Dictionary of British Sign Language/English.* London: Faber & Faber, 1992. p. 1-133

BRENTARI, D. **Prosodic Constraints in American Sign Language:** Evidence from Fingerspelling and Reduplication. Hamburg: Signum Press, 1995.

BRENTARI, D. **Theoretical foundations of ASL Phonology.** Dissertation, Chicago: University of Chicago, 1990.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte, MAURÍCIO, Aline Cristina L. **Novo Deit-Libras:** Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1: Sinais de A a H. 3. ed. rev. e ampl., 1. reimpr. – São Paulo: EDUSP, 2013.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. **Novo Deit-Libras:** Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 2: Sinais de I a Z. 3. ed. rev. e ampl., 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2013.

CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA DE LÍNGUA DE SINAIS, 5., Florianópolis, 2016. **Anais [...].** Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: <https://congressotils.com.br/anais/anais2016.html>. Acesso: 5 dez. 2022.

CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA DE LÍNGUA DE SINAIS, 6., 2018. **Anais [...]**. Florianópolis, UFSC, 2018. Disponível em: <https://congressotils.com.br/anais/anais2018.html>. Acesso: 5 dez. 2022.

CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA DE LÍNGUA DE SINAIS. 7., Florianópolis, 2022. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2022. Disponível em: <https://congressotils.com.br/anais/anais2022.html>. Acesso: 5 dez. 2022.

CORDEIRO, Raniere Alislan Almeida. **Sinal Datilológico em Libras**. 2019. 205 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC, 2019.

CUXAC, C. Fonctions de l'iconicité. In: VIROLE, B. (dir.), **Psychologie de la Surdit  **. De Boeck Universit  , Paris-Bruxelles, pp. 189-198, 1996.

CUXAC, C.; SALLANDRE, M-A. **Iconicity and arbitrariness in French Sign Language**: Highly Iconic Structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. In Pizzuto, E., P. Pietrandrea, R. Simone (eds.) : /Verbal and Signed Languages : Comparing Structures, Constructs and Methodologies/. Berlin : Mouton de Gruyter, 2007.

EUROPEAN SIGN LANGUAGE CENTER. **Spreadthesign**. 2018. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt/search/>. Acesso em: 24 out. 2022.

FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representa  es Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica, 2009. 290 f. Tese (Doutorado Em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português, Línguas Clássicas, Brasília: UnB, 2009.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1995.

GROSE, Donovan. Lexical semantics: Semantic fields and lexical aspect. In: R. Pfau, M. Steinbach, & B. Woll (eds.). **Sign language**: An international handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 432-462.

JEREMIAS, Daiana. **Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras**: uma motiva  o semântica e pragmática. 2020. 215 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunica  o e Expressão, Programa de P  s-Gradua  o em Linguística, Florianópolis, 2020.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. **Australian Sign Language**: An introduction to sign language linguistics. Cambridge University Press. New York, 2007.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursulla. **The Signs of Language**, Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1979.

LIDDELL, S. K.; JOHNSTON, R. E. **An Analysis of Spatial-Locative Predicates in American Sign Language**. Paper presented at the Fourth International Symposium on Sign Language Research, July, Lappeenranta, Finland, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. Women, Fire, and Dangerous Things: **What Categories Reveal about the Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. The cognitive perspective on meaning and metaphor. In: DIRVEN, René; RADDEN, Günter (ed.). **Concepts of metaphor**. Tübingen: Niemeyer, 1987. p. 17-38.

LANGACKER, Ronald W. An introduction to cognitive grammar. **Cognitive Science**, v. 10, n. 1, p. 1-40, 1986.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**. v.1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. Foundations of Cognitive Grammar: Volume II: **Descriptive Application**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991a.

LANGACKER, Ronald. Concept, Image, and Symbol: **The Cognitive Basis of Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991b.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge University Press, 1977.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. **Empréstimos Linguísticos na LIBRAS**: Primeira Turma do Curso de Letras Libras da UFSC. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC, 2016.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. **Semântica e Pragmática**. Material didático do curso de Letras Libras a Distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

MEIER, R. P. Language and modality. In: PFAU, R.; STEINBACH, M., WOLL, B. (eds.), **Sign language**: An international handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 574–601.

MEIR, I. Word classes and word formation. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.). **Sign language**: An international handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 77-111.

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M.; SANDLER, W. **Competing iconicities in the structure of languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013.

NICOLAU, Eunice; LEE, Seung Hwa. O estatuto da morfologia nos estudos gramaticais. **ORGANON**, v.18, n. 36 p. 121-129, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/31160/19339>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. A Semântica Lexical. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERNISS, P. **Space and Iconicity in German Sign Language (DGS)**. PhD Thesis, Radboud University Nijmegen, Nijmegen, 2007.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROSCH, E. Cognitive Reference Points. **Cognitive Psychology**. v. 7, 1975, p. 532-47.

ROSCH, Eleanor; MERVIS, Carolyn B.; GRAY, Wayne D.; JOHNSON, David M.; BOYES-BRAEM, Penny. Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, v. 8, n. 3, p. 382-439, 1976.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara B. (ed.). **Cognition and categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.

ROSCH, E. Natural **Categories Psychology**, v. 4, 1973, p. 328-50.

SANTOS, Marcos de Moraes. **Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda**. 2018. 156 f. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2018.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1916.

SINGLETON, Jenny L.; NEWPORT, Elissa L. When learners surpass their models: the acquisition of american sign Language from inconsistent input. **Cognitive Psychology**, 2004.

SPENCER, A. **Morphological Theory: An Introduction to Word Structure in Generative Grammar**. London: Basil Blackwell, 1991.

SILVA, Fernanda Gomes da; SANT'ANNA, Simone. A semântica Lexical e as relações de sentido: sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia. **Cadernos do CNLF**, v. XIII, n. 3, p. 34-48. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/03/livro_completo.pdf. Acesso em: 12 set. 2022.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf.** Studies in Linguistics Occasional Papers 8. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.

SUPALLA, T. Arqueologia da Língua de Sinais: integrando linguística histórica com pesquisa de campo em Línguas de Sinais Jovens. *In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. Questões teóricas das pesquisas de Língua de Sinais.* Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 22-29.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. *In: CRAIG, Colette. (ed.) Typological studies in language: noun classes and categorization.* 7, 181-214. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986.

TAUB, S. language from the body: **Iconicity and Metaphor in American Sign Language.** United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

TAUB, S. Iconicity and metaphor. *In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). Sign Language: an International Handbook.* Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 388-412.

UFSC. Libras. **SignBank da Libras**, 2020. Disponível em: <http://signbank.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 25 out. 2022.

VIDAL, M. V. E. La Semântica. *In: VIDAL, M. V. E. (coord.); AGUIAR, V. M.; FRESNILLO, C. C.; RODRIGUEZ, E. G.; CANO, N. P. Invitación a La Lingüística.* Editorial Universitaria, Ramón Are, Alina;

WILCOX, S. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 119-147, 2004.

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G. **Descrição de aspectos morfológicos da Libras.** Revista Sinalizar, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez. 2016.

ZESHAN, U. Classificatory constructions in Indo-Pakistani sign language: Grammaticalization and lexicalization processes. *In: EMMOREY, Karen. Perspectives on classifier constructions in sign languages.* Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003b. p. 113-141.

APÊNDICE A – Questionário para os sujeitos dos adultos surdos

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura CAMPUS UNIVERSITÁRIO A. C. SIMÕES. Av. Lourival Melo Mota, S/N. Tabuleiro do Martins. CEP: 57072-900 – Maceió -AL E-mail: ppgll@fale.ufal.br Telefone: (82) 3214-1463/1640
---	---

ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS ADULTOS SURDOS

Questionário Sociodemográfico

Data:

Nome:

Gênero:

Idade: _____ **Data de nascimento:** _____

Cidade onde mora: _____ **Estado:** _____

Escolaridade: _____ **Instituição:** _____

Nasceu surdo? _____

Se não, com quantos anos ficou surdo e qual foi a causa? _____

Com que idade foi diagnosticada a surdez? _____

Possui surdez bilateral profunda? () Sim () Não

Quando começou a estudar? _____

Antes dessa graduação, você já teve outra experiência com o ensino superior? Qual?

Com que idade começou a ter contato com Libras? _____

Através de quem?

() Pais () Amigos () Escola () Familiar () CAS () Outros _____

Possui fluência em Libras? () Sim () Não () Outros _____

Os pais sabiam Libras?

Seus pais são surdos?

Algum outro familiar sabe Libras? Quem?

Com que frequência utiliza a Libras no trabalho?

Não trabalha () Pouco () Às vezes () Muitas vezes () Sempre ()

Com que frequência utiliza a Libras na faculdade?

Nunca () Pouco () Às vezes () Muitas vezes () Sempre ()

Com que frequência utiliza a Libras em casa?

Nunca () Pouco () Às vezes () Muitas vezes () Sempre ()

Com que frequência utiliza a Libras na vizinhança?

Nunca () Pouco () Às vezes () Muitas vezes () Sempre ()

Com que frequência utiliza a Libras com amigos?

Nunca () Pouco () Às vezes () Muitas vezes () Sempre ()

Você frequenta a associação de surdos?

Nunca () Pouco () Às vezes () Muitas vezes () Sempre ()

OBSERVAÇÕES DO PESQUISADOR:

Obrigado pela sua participação!

APÊNDICE B – Termo para os sujeitos dos adultos surdos

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura CAMPUS UNIVERSITÁRIO A. C. SIMÕES. Av. Lourival Melo Mota, S/N. Tabuleiro do Martins. CEP: 57072-900 – Maceió -AL E-mail: ppgll@fale.ufal.br Telefone: (82) 3214-1463/1640
---	--

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Eu,.....,tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo “**PRODUÇÃO LEXICAL EM LIBRAS**”, que será realizada na FALE – Faculdade de Letras da UFAL, Campus de A. C. Simões, na cidade de Maceió, recebi do pesquisador **Marcos de Moraes Santos**, aluno de doutorado regularmente matriculado no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura – PPGL/UFAL, na área de Linguística, responsável por sua execução, as seguintes informações, por escrito e sinalizadas e Libras, que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

1. Que o estudo se destina a coletar dados linguísticos da Libras, produzidos de forma experimental por adultos surdos com idade superior a 18 anos;
2. Que a importância deste estudo é contribuir para compreensão do processo de aquisição lexical do adulto surdo e para a descrição dos fatos da língua, bem como contribuir para a formação de pesquisador na área de estudos da Libras;
3. Que a coleta de dados começará em agosto de 2021 e terminará em fevereiro de 2022;
4. Que eu participarei do estudo da seguinte maneira: por meio de conversas informais sobre temas previamente estabelecidos pelo pesquisador e bem como por meio de interações a partir do uso de imagens que serão usadas como estímulos para as produções da Libras e essas interações serão gravadas em vídeo;
5. Que os possíveis riscos à minha saúde serão mínimos, podendo haver apenas riscos inibição/constrangimento em função das gravações ou de quebra de sigilo da pesquisa. Caso me sinta desconfortável com alguma coleta dos dados, a qual será registrada por meio de vídeo, tenho pleno direito de declinar de minha participação a qualquer momento;
6. Que há riscos de vazamentos dos dados por serem arquivados em nuvem, no entanto, medidas internacionais têm sido tomadas para se evitar perda de dados, como o cadastro em bancos internacionais, os quais armazenam dados em diferentes servidores e em diferentes países, a exemplo do *The Language Archive* (<https://archive.mpi.nl/tla/>), onde os dados serão guardados;
7. Que em havendo danos à minha saúde serei indenizado pelo pesquisador;
8. Que em havendo custos relativos a deslocamentos para o ambiente de coleta ou outro tipo de custos relativos à pesquisa serei ressarcido pelo pesquisador;
9. Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação são: melhor compreensão dos processos de aquisição lexical pelo adulto surdo e futuras intervenções no processo educacional desses sujeitos;
10. Que eu serei informado (a) sobre o resultado final desta pesquisa e sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
11. Que, a qualquer momento, eu poderei me recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
12. Que as informações conseguidas através de minha participação, por se tratar de uma língua de modalidade visual-gestual, a Libras, permitirão a identificação da minha pessoa, ao menos em termos de exposição de imagem, mas, ainda assim, aspectos éticos como dados pessoais serão preservados, sendo acessível apenas aos pesquisadores;
13. Que a minha participação na pesquisa é voluntária, portanto, não receberei qualquer valor pelas informações prestadas. As coletas serão realizadas no prédio do Letras-Libras (UFAL), Campus de A. C. Simões, no momento em estiver na Instituição para minhas atividades, o que implica o não pagamento de deslocamento e alimentação;
14. Que o presente termo será assinado em duas vias, uma das quais ficará com o pesquisador e a outra comigo.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e, estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dela participar e, para tanto, eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço do(a) responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, SN. Tabuleiro do Martins.

CEP: 57.072-900. Maceió/AL.

Telefone: (82) 3214-1331

Ponto de referência: Faculdade de Letras – FALE

Contato de urgência: Sr. Marcos de Moraes Santos

Endereço: Rua Coronel Durval Mattos, nº 694, Edifício Mares do Sul – Bairro Costa Azul

Complemento: apto 304

Cidade/CEP: Salvador / 41.760 - 160

Telefone: (71) 99999-2582 – (Whatsapp)

Ponto de referência: lado ao Posto de Polícia Militar

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 às 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, de de .

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) voluntário(a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PRODUÇÃO LEXICAL EM LIBRAS**Pesquisador:** MARCOS DE MORAES SANTOS**Área Temática:****Versão:** 3**CAAE:** 45020821.8.0000.5013**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Alagoas**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.820.669**Apresentação do Projeto:****Introdução:**

A presente pesquisa está inserida tanto nos estudos sobre aquisição de linguagem, sobretudo sobre aquisição lexical, quanto nos estudos sobre o léxico, com um olhar para as línguas de sinais. As línguas de sinais constituem em um campo de pesquisa em expansão notadamente a partir do reconhecimento da Libras, pela Lei 10.436/2002 (QUADROS, 2019, p. 31). Supalla (2006) afirma que depois de Stokoe (1960), muitas outras pesquisas surgiram com o objetivo de descrever a história e a estrutura das línguas de sinais, no entanto, ainda há muitas lacunas, sobretudo no que diz respeito a história destas línguas. Para o autor, 'a integração de ferramentas linguísticas, recursos impressos, narrativos e visuais e documentação podem resultar em uma análise cientificamente informada da história de uma língua' (p. 24). Tais procedimentos podem trazer luz a questões sobre a estrutura da língua e sobre sua história. Há, portanto, uma necessidade emergente de se fazer pesquisas nesta área. Ao pesquisarmos os trabalhos em semântica apresentados no principal congresso em nível nacional da área – o Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Língua de Sinais – nos deparamos com somente três trabalhos nos anais das únicas versões do congresso (2016 e 2018). Dois pôsteres em 2016 intitulados "Aprendizagem da língua inglesa como terceira língua (L3) por aprendizes surdos brasileiros: investigando a transferência léxico-semântica entre línguas de modalidades diferentes" e "Semântica da Libras: Hiperônimos e Hipônimos na construção do arcabouço linguístico da criança

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.070-000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.820.689

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1706971.pdf	22/06/2021 22:10:21		Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	Carta_respostaCEP.pdf	22/06/2021 22:09:13	MARCOS DE MORAES SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MARCOS_PROJETOatual.pdf	09/06/2021 16:52:32	MARCOS DE MORAES SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	MARCOS_TCLEatual.pdf	09/06/2021 16:50:46	MARCOS DE MORAES SANTOS	Aceito
Outros	ROTEIRODEENTREVISTA_MARCOS.pdf	29/03/2021 09:48:58	MARCOS DE MORAES SANTOS	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAODECUMPRIMENTO_MARCOS.pdf	29/03/2021 09:29:40	MARCOS DE MORAES SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_MARCOS.pdf	28/02/2021 16:39:25	MARCOS DE MORAES SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOMARCOS.pdf	28/02/2021 14:26:29	MARCOS DE MORAES SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 01 de Julho de 2021

Assinado por:

CAMILA MARIA BEDER RIBEIRO GIRISH PANJWANI
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: osp@ufal.br

ANEXO B - Termo de Autorização Institucional – UFAL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CURSO DE LETRAS-LIBRAS: LICENCIATURA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO A. C. SIMÕES. AV. LOURIVAL MELO MOTA, SN.
CIDADE UNIVERSITÁRIA. CEP: 57072-900 – MACEIÓ -AL
TELEFONE: (82) 3214-1338
E-MAIL: coordenacao.libras@fale.ufal.br

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Declaro, para os devidos fins que se fizerem necessários, que o Sr. Marcos de Moraes Santos, CPF:792.176.055-49, RG: 06.015.243-57, aluno regularmente matriculado no Programa de pós-graduação em Linguística e Literatura da UFAL, sob a matrícula 2020105498, tem permissão para realizar suas pesquisas nas dependências do curso de Letras-Libras, da Faculdade de Letras – FALE, com uso de laboratórios e equipamentos.

Ciente de que sua metodologia será desenvolvida conforme os princípios da ética em pesquisa com os alunos, e que esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

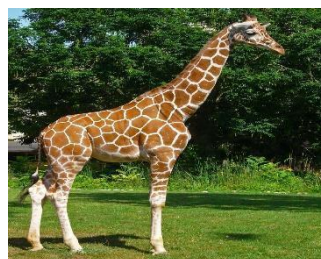
Maceió, 27 de fevereiro de 2021.

Bruno Thiago de Souza Santos
CPF:09318475403
Coordenador de Curso do Letras-Libras

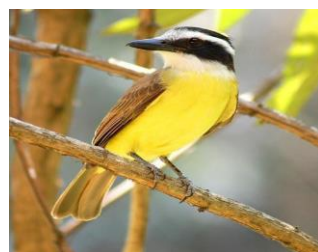
ANEXO A: Tipos de GATOS



Itens potencialmente básicos misturados com GATOS



ANEXO B: Hipônimos de PÁSSAROS



Itens potencialmente básicos misturados com PÁSSAROS



ANEXO C: Hipônimos de MACACOS



Itens potencialmente básicos misturados com MACACOS



ANEXO D: Hipônimos de CÃES



Itens potencialmente básicos misturados com CÃES

